

MATRIZ ÉTICA DO HABITAR HUMANO

Entrelaçamento de sete âmbitos de reflexão-ação numa matriz biológico-cultural: Democracia, Pobreza, Educação, Biosfera, Economia, Ciência e Espiritualidade.

Co-inspiradores e Colaboradores

Ximena Dávila Y.	Luis David Grajeda	Peter Senge
Humberto Maturana R.	Juanita Brown	Molly Baldwin de Roca
Ignacio Muñoz C.	Oscar Azmitia	Rodolfo Paiz Andrade
Leonardo Moreno	Manfred Mack	Hue Shue
Dennis Sandow	Alejandro Morales	Nick Zenuick
Gabriel Acosta-Mikulas	José Manuel Saavedra	Miguel Maliksi
Sayra Pinto	Cristián Moraga	Riane Eisler
Rodrigo Jordán	Rodrigo Da Rocha Loure	Bradford Keeney
Ana María Bravo	Margarita Bosch	Tamara Woodbury
Christopher Kindblad	Guilherme Branco	Anne Murray Allen
Claudio Yusta	Gloria Cano	Tania Muñoz
Luis Flores	Ana María Estrada	Víctor García
Jane Cull	Robert Haning	Edmundo Ruíz
Mauricio Tolosa	Rajiv Meta	Omar Ossés
Sebastian Gaggero	Simón Ramirez	Edson Araujo Cabral
		Mauricio Rosenblüth

Índice

Introdução.....	03
Sobre a Biología-Cultural.....	06
Sobre a Sustentabilidade e o que esta noção oculta.....	09
Sobre o cultural.....	14
Bem-estar e evolução.....	16
Ética e moral.....	18
Fundamentos da unidade individual-social.....	19
Nosso início ontogênico.....	22
O fenômeno da periferização.....	25
A Reflexão-Ação-Ética, o caminho da saída.....	27
A Arte de Governar.....	31
Razão, emoção e espaço psíquico.....	34
Amar-Educar: O Educador social.....	37
A Mudança cultural, as Eras psíquicas da humanidade e o fim da liderança na era da co-inspiração.....	43
Por que o Fim da Liderança?.....	54
A Gestão Co-inspirativa.....	60
Os três pilares da conduta social responsável espontânea.....	62
A grande oportunidade.....	68
Nossa tarefa, nosso convite.....	76
A unidade Biológico-Cultural: pobreza, dano ambiental e ecologia.....	80
Ciência e espiritualidade.....	96
Nossa resposta é o Caminho da Biología do Amar.....	101
A Reviravolta Epistemológico-Ontológica da Biología-Cultural.....	104
O ponto de chegada é o ponto de partida.....	118
O critério de validez das explicações científicas.....	123
A Arte e a dimensão poética do habitar humano.....	131
A modo de conclusão.....	139
Matriz de atividades adequadas à mão: Transformando comunidades através do autorrespeito.....	144

Introdução:

Nós, seres humanos, somos seres biológico-culturais que surgimos desde o início de nossa existência no devir evolutivo de nossa linhagem, num entrelaçamento recursivo indissociável em nosso viver do biológico e do cultural, numa unidade que, enquanto observadores, destruímos num ato analítico que nos cega em sua arbitrariedade. E esta cegueira é que nos aliena ao interferir com nosso atuar e reflexionar sobre as consequências de nosso viver e sentir, cegos à unidade sistêmica-sistêmica de nosso viver e conviver, o que nos levou pelo caminho da autodestruição que neste momento vivemos como humanidade, caminhar que convidamos a deixar num ato consciente através desta proposta.

Encontramo-nos, assim, num viver e conviver que parece aprisionar-nos na aparente complexidade de tantos processos independentes que se entrecruzam, e nos desanima sentir que não existe ação local que possa ajudar-nos a sair dessa armadilha, porque todas as ações locais parecem levar a mais do mesmo.

Exemplo disso constitui, aos olhos de um observador, a sombra conceitual-reflexiva que se mostra em nosso falar de sustentabilidade sem nos darmos conta de que com isso a sustentabilidade pode vir a ser parte de uma dinâmica conservadora de um suceder linear, que não se dissipará, a não ser que, conscientes do caráter sistêmico-sistêmico de tudo o que fazemos, revelemos a *dinâmica relacional-operacional do conviver humano* que queremos conservar como geradora da harmonia de nosso compartilhar a biosfera que vivemos e que se alinha com os desejos evocados pela distinção de sustentabilidade.

Em nosso parecer, são muitas as pessoas que ao falar de sustentabilidade têm iluminado esta reflexão e ao fazê-lo nos mostram nossa responsabilidade, com o desejo implícito de conservar a harmonia sistêmica-sistêmica de nosso bem-estar num conviver humano ético como componente central da biosfera que nos faz possíveis e nos sustenta. A sombra epistemológica sobre o próprio fazer e a responsabilidade de ser geradores do mundo-realidade que se vive que traz o pensar linear que busca somente “causas objetivas independentes do ator (observador)” para explicar tudo o que nos acontece em nosso viver, somente se pode dissipar na reflexão sistêmica-sistêmica desde nossa consciência de que somos sempre geradores dos mundos-realidades que vivemos desde nosso existir como seres biológico-culturais.

Desta perspectiva, não é o sustentável o que nos deveria ocupar, mas antes, a dinâmica relacional-operacional que evoca, quer dizer, a conservação da harmonia integral de nosso conviver humano com o devir da antroposfera-biosfera em que se dá o nosso viver, e cujo devir depende agora totalmente de nós, embora, provavelmente, quiséssemos que não fosse assim.

Estes observadores preclaros que mencionávamos atrás estão nos convidando desde suas próprias reflexões sobre sustentabilidade, se soubermos escutá-los, ao ato consciente de nos darmos conta de que, sendo o viver biológico-cultural humano sistêmico-sistêmico, nenhuma ação local cega a este viver nos desviará do caminho que seguimos, ao conservar nossa cegueira sobre a natureza sistêmica-sistêmica dos mundos-realidades que geramos em nosso viver biológico-cultural. É provável que não apareçam nitidamente as respostas que sinalizem um fator crucial porque

não há, porque se parecesse que haveria não o veríamos, porquanto seu valor estaria na trama ou matriz de ações sistêmicas-sistêmicas que evoca e não, no aparente ato de causalidade linear que a desencadeia.

Entre as pessoas que nos interrogam sobre esta encruzilhada fundamental podemos encontrar Rodrigo da Rocha Loures, Presidente da Federação das Indústrias do Paraná, Brasil, co-inspirador e colaborador neste projeto, que nos grita, de maneira mais ou menos consciente em nosso escutar, o seguinte: “Senhoras e Senhores empresários, nada do que habitualmente queremos conservar servirá por muito tempo mais; temos que mudar nosso olhar, temos que assumir que tudo o que fazemos tem efeitos sistêmicos em nosso viver e no viver das comunidades humanas que sustentam o que fazemos e às quais servimos com nosso fazer. Seremos de maior valia para o bem-estar da humanidade, de nossos netos e bisnetos, se não nos deixarmos aprisionar pelas sutis tentações da arrogância e da onipotência, e aceitarmos que nós os seres humanos somos todos igualmente inteligentes, e que todos os seres humanos merecem tanto como nós viver no bem-estar da co-participação de criar um conviver digno, respeitável e desejável. Depende de nós. Acaso nossa inteligência e criatividade não são suficientes para esta tarefa de co-inspiração?”¹

Peter Senge, criador da SOL (*Society for Organizational Learning*-Sociedade para Aprendizagem Organizacional), co-inspirador e colaborador deste projeto, também compartilha desta preocupação: *“As pessoas estão conscientes de certo nível de dor, mas continuamos no hábito de buscar explicações em termos de uma causa*

¹ “Prefácio do livro *Educar e Inovar na Sustentabilidade*, de Rodrigo da Rocha Loures, FIEPR, 2008.

externa. Por isso, no contínuo perguntar-nos “o que desejamos conservar”? também sutilmente recordamos a nós mesmos que somos nós que estamos fazendo o conservar. Desde há muito tempo tenho sentido que isto é uma característica definitiva de todas as perspectivas sistêmicas: o foco endógeno do sistema como a causa, em lugar das causas externas. Mas a palavra sistema também esconde que somos nós que promulgamos este sistema através de nosso viver cotidiano. Os sistemas sociais não estão predeterminados nem se comportam com base nas leis da natureza. São antes os nossos hábitos de pensar e atuar que dão forma aos padrões e hábitos coletivos e às realidades institucionais que constituem nossos sistemas maiores. E nisto, é somente através da reflexão de ver esses sistemas que podemos começar a encontrar a liberação. Essa liberação que é formada por nossas formas de viver e que pode ser criada de maneiras idferentes através de novos modos de viver. E somente através disso.²

Sobre a Biologia-Cultural

Nessa direção, e olhando como é que podem surgir gritos reflexivos como este, nós pensamos que atualmente habitamos em nível mundial uma cultura cujo substrato epistemológico está fundado no *ser em si de tudo o que existe*, na *pergunta pelo ser das coisas e das entidades*, resultando numa epistemologia basicamente dualista e fragmentária, que em todos os âmbitos separa o que observa do que é observado, e não considera as regularidades biológico-culturais dos processos de distinção que *trazem à mão*³ os mundos que nos aparecem, vivendo-os então como existentes independentemente de nosso operar no observar, já que este é sempre um operar inconsciente.

² Peter Senge em reflexão pessoal sobre consequências do “Curso Introdutório em Biologia-Cultural” do Instituto Matrizítico em Boston, Estados Unidos. Agosto 2008.

³ fazem surgir

É um transfundo epistemológico – o da *pergunta pelo ser* – que gera olhares desde onde não se veem as dinâmicas que constituem os sistemas, mas ao contrário se atêm linearmente a supostas causas e efeitos, onde não se veem matrizes e sim, objetos. Uma das características próprias deste transfundo epistemológico é que desde ele se geram princípios explicativos e definições que enquanto substantivos sempre ocultam as dinâmicas que *trazem à mão*⁴ os fenômenos que se busca explicar, isto é, os verbos se coisificam ao pretender descrever e explicar as experiências que temos como observadores, ao não atender à própria operação com que *trazemos à mão*⁵ o observado na operação de distinção que o constitui.

Nesta proposta-reflexiva e de ação que chamamos **Matriz Ética do Habitar Humano** exploramos a multidimensional dinâmica que fica oculta quando falamos da sustentabilidade, e vemos que tal dinâmica - que é de fato a que constitui os processos que *a posteriori* chamamos sustentáveis -, é uma dinâmica biológico-cultural.

É importante deixar claro que a biologia-cultural não é uma teoria, mas ao contrário é a dinâmica operacional geradora do nicho ou matriz relacional em que se dá a existência humana. Assim, a noção *matriz biológico-cultural da existência humana* conota o entrelaçamento biológico-cultural do viver humano em redes de conversações.

⁴ produzem

⁵ trazemos à existência

Por outro lado, as redes de conversações que constituem o viver cultural humano modularam e modulam o curso do fluir biológico do viver humano e, por sua vez, o fluir biológico da realização do viver do ser humano modulou e modula o curso do viver cultural do humano. Tudo isto é um entrelaçamento recursivo⁶ que surge com a linhagem humana na conservação transgeracional do conversar, ao surgir este na família ancestral nas próprias origens do viver humano.

A biologia-cultural é o âmbito relacional-operacional no qual ocorre este processo na história evolutiva de nossa linhagem. A biologia-cultural é, então, o peculiar da linhagem humana e é nela que ocorre todo o humano. Tudo o que os seres humanos vivemos, vivemo-lo em e desde a biologia-cultural, seja arte, ciência, tecnologia, religião, filosofia, esporte, ócio, ou simplesmente o viver dos *fazeres* próprios da conservação do viver. Desse modo, o fluir do viver humano na biologia-cultural é o que constitui o viver humano na linguagem e no conversar como um viver gerador de mundos que surgem como expansões das matrizes operacionais e relacionais do viver humano cotidiano fundamental.

O viver humano enquanto conviver cultural em redes de conversações inicia um devir que dá origem a distintos modos de viver e conviver que constituem os distintos mundos biológico-culturais que vivemos como distintas realidades ou matrizes biológico-culturais do viver.

⁶ Recursividade, recursão: palavras que se referem ao ocorrer de um processo quando a repetição de seu ocorrer se aplica sobre o resultado de seu ocorrer anterior. Em economia o juro composto é um caso de recursão no cálculo dos juros de uma aplicação.

Sobre a Sustentabilidade e o que tal noção oculta⁷

É dessa maneira que no mundo que habitamos hoje em dia ganhou importância a noção de sustentabilidade e as reflexões e ações respectivas, tanto no âmbito empresarial como no governamental, interestatal e cidadão, e onde a atual compreensão do que se entende por sustentabilidade vai além do simplesmente ambiental. Fala-se de *desafio* da sustentabilidade, ao qual se reconhecem dimensões econômicas, sociais, culturais, político-institucionais, físico-territoriais e científico-tecnológicas.

Grandes quantidades de recursos econômicos e humanos têm sido empregadas para gerar instâncias que permitam implementar e difundir práticas que redundem na geração de diversas dimensões de sustentabilidade, entre as quais as instâncias para gerar uma sociedade global ou mundial sustentável aparentam ser as de maior fôlego e profundidade.

Mas, como surge a sustentabilidade? Qual é a dinâmica multidimensional que *traz à mão*⁸ uma sociedade global que um observador distingue como sustentável? Num olhar biológico-cultural podemos ver que o ser vivo surge numa matriz de existência que o contém e o faz possível, o que implica que para a conservação do viver dos seres vivos a relação de congruência entre o organismo e o meio é uma constante, não uma variável.⁹

⁷ Estas idéias foram publicadas antes em “Sustentabilidade ou harmonia biológico-cultural dos processos? Todo substantivo oculta um verbo”. Ximena Dávila, Humberto Maturana, Ignacio Muñoz e Patricio García. Publicado no livro eletrônico *Educar e inovar na sustentabilidade*, de Rocha Loures, Rodrigo. Brasil. Ed. UNINDUS. Curitiba: 2008

⁸ produz

⁹ Par ver os fundamentos dessa explicação remeter-se a Maturana, H.R. – Autopoiese, Reprodução, Hereditariedade e Evolução. In: *Autopoiesis, dissipative structures and spontaneous social order*, pp.48-80. Milan Zeleny (ed.) Westview Press, Boulder. 1981. E artigo Maturana, H.R., Mpodozis, J.: “Origen de las Especies por Medio de la Deriva Natural”, Publicación Ocasional n.46. Museo Nacional de Historia Natural. Santiago, Chile: 2000 (Rev. Chilena de Historia Natural 73:261-310).

Se não se conserva o acoplamento estrutural entre organismo e meio, o organismo morre. Quer dizer, se não se dão as condições de possibilidade para que o ser vivo gere, realize e conserve seu nicho no meio, se o meio não se mostra estruturalmente acolhedor, o viver do ser vivo torna-se impossível. Ora, todos os seres vivos, absolutamente todos, transformamos o entorno do meio que nos acolhe, e vice-versa, numa relação de mútuo desencadeamento de transformações estruturais recíprocas. E no caso dos insetos e animais sociais, os outros organismos da mesma classe passam a fazer parte do meio em que realizam sua existência. Assim também ocorre no nosso caso, como seres humanos, e quando falarmos de antroposfera estaremos justamente sinalizando este âmbito de relações em que as comunidades humanas são parte fundamental do meio em que os humanos existem e onde de fato se humanizam na convivência. A palavra antroposfera faz referência ao âmbito relacional que surge como uma dinâmica ecológica particular com o viver humano, e como tal é parte integral da biofera. Nós, seres humanos, como seres vivos existimos na biosfera e, como seres humanos, em tudo o que fazemos (empresas, organizações, filosofias, políticas, etc.) existimos na antroposfera. Quer dizer, num sentido estrito biosfera e antroposfera somente são separáveis na distinção, não, porém, na dinâmica do fluxo dos processos sistêmicos-sistêmicos¹⁰ que as constituem, e, como

¹⁰ Ximena Dávila trouxe à mão a distinção do sistêmico-sistêmico para fazer notar a natureza recursiva dos processos sistêmicos e da linearização em que caiu o assim chamado pensamento sistêmico.

veremos, a própria referência à biologia-cultural busca evocar essa unidade inseparável ao falar dos processos naturais e humanos.

O fato de nós, seres vivos, transformarmos o meio em que nos encontramos e que faz possível nossa existência é parte das coerências próprias do fluir do viver dos sistemas ecológicos, como também o são as extinções em massa. A mudança é outra constante no fluir dos processos ecológicos da biosfera; de fato, o fluir do viver dos seres vivos ocorre numa contínua deriva de mudanças estruturais. O viver de um organismo ocorre como um contínuo fluir de mudança estrutural no qual se conservam ao mesmo tempo sua organização (*autopoiese*) e sua adaptação ao seu âmbito de interações. E de maneira sintética chamamos de deriva estrutural natural o processo espontâneo que ocorre com o devir de todo sistema; deriva natural quando se refere ao devir histórico dos seres vivos. A consequência fundamental da deriva natural é que vive o ser vivo que vive desde sua realização num meio em conservação contínua de sua relação de acoplamento estrutural com ele: se isto não ocorre, o ser vivo morre. Na deriva natural sobrevive o apto num devir não comparativo nem competitivo.

Cada vez que num conjunto de elementos começam a se conservar certas relações, abre-se espaço para que tudo mude em torno das relações que se conservam.¹¹

¹¹ Ver Maturana H. E Dávila X. Leis Sistêmicas e Metassistêmicas. Em *Habitar Humano* em Seis Ensaio de Biologia-Cultural. São Paulo: Palas Athena, 2009, p.127

Mas é preciso compreender que a mudança não ocorre no vazio, como assinala a lei sistêmica da mudança e da conservação¹². Quer dizer, tudo muda em torno de algo que se conserva. E no caso da mudança estrutural dos seres vivos, ao longo da história evolutiva e ao longo da ontogenia ou história das transformações no curso do viver de um organismo, o que muda o faz em torno da conservação de duas dinâmicas entrelaçadas: a da conservação da autopoiese¹³ e a da conservação da relação de congruência entre organismo e meio ou acoplamento estrutural que um observador chama de adaptação.

Em tais circunstâncias, torna-se mais fácil poder distinguir que a relação de acoplamento estrutural entre organismo e meio é uma dinâmica de transformação constante, não um processo fixo, pelo que a harmonia que surge desta relação de congruência entre um e outro está permanentemente aberta a sua própria desapareição, já que na medida em que não se satisfizerem as condições de possibilidade que dão estabilidade à relação de mútua congruência, esta se desintegra e o ser vivo morre.

Poder ver e entender tudo isto é central para olhar a dinâmica fundamental que se oculta atrás da palavra sustentabilidade. Por exemplo, para compreender que no domínio ambiental o problema ecológico que as empresas e comunidades humanas criam não está na degradação que geram do ambiente em que se encontram ao retirar elementos e descartar resíduos, isto o fazem todos os seres vivos; ao contrário, o problema surge na irresponsabilidade e inconsciência com que nos comportamos

¹² .Idem, ibidem

¹³ A *autopoiese* é a dinâmica de autoprodução celular que constitui a organização fundamental dos sistemas vivos. Ver a respeito Maturana, H.R. "The Organization of the living: A theory of the living organization. The Int. J. of Man-Machine Studies 7:313-332, 1975. E: Maturana, H.R., Varela, F. Autopoietic Systems. B.C.L. Report 9,4; 107 pp. Biological Computer Laboratory, Department of Electrical Engineering, University of Illinois, 1975.

nesta relação com o meio. Nós seres humanos somos os animais que geramos maior transformação da biosfera, e cada vez mais com maior velocidade.

Se alguém extrai os chamados recursos naturais mais rápido do que pode repor, gera pobreza; se lança resíduos em quantidades tão enormes que a terra não pode absorvê-los, ou resíduos evidentemente inabsorvíveis, gera destruição ambiental. O problema de fundo é o modo como transformamos nosso entorno, não a dinâmica da transformação, posto que esta é inevitável. Faremos essa transformação conservando as condições para a conservação a longo prazo da relação de congruência entre a anroposfera e a biosfera? Ou apenas do modo menos inadequado? Ou simplesmente do modo mais barato possível a curto prazo? Como vemos, esta, como todas as questões humanas, é uma questão ética.

Então, olhando a dinâmica subjacente pelo que se distingue ou se quer distinguir ao falar de sustentabilidade, será preciso dizer que a sustentabilidade não é um processo que faz parte das dinâmicas ecológicas da biosfera; no mundo natural não há nem sustentabilidade nem insustentabilidade; esta é uma distinção que, enquanto observadores, *trazemos à mão*¹⁴ ao demarcar um certo âmbito de processos que gostaríamos de conservar por um certo lapso de tempo. E para ver o domínio em que existe a distinção de sustentabilidade temos que saber olhar a cultura, que é o nicho que geramos como seres humanos ao habitar nosso meio social.

¹⁴ criamos

Sobre o cultural

O que é, então, que distinguimos ao falar de cultura? Nós, seres humanos, surgimos na história da família de primatas bípedes a que pertencemos, quando o *linguajear* como uma maneira de conviver em coordenações de coordenações condutuais consensuais, deixou de ser um fenômeno ocasional e, ao se conservar de geração em geração num grupo deles, tornou-se parte central da maneira de viver que definiu, daí em diante, nossa linhagem. Ao surgir este viver no *linguajear* no fazer juntos as coisas do viver cotidiano no prazer da proximidade do conviver com o surgir da família ancestral, surge por sua vez o conversar na intimidade relacional recursiva que entrelaça as coordenações de coordenações de *fazer*es desde com o fluir do emocionar do conviver que se vive.

Isto é, ao surgir a família ancestral com o surgir do viver no *linguajear*, surge o conversar como o modo de conviver cuja conservação de uma geração a outra na aprendizagem e dos filhos e filhas constitui a linhagem humana. Ao surgir assim, os seres humanos surgem num conviver em redes de conversações que em seu devir histórico se constituem nos distintos mundos que habitam como diferentes âmbitos de *sentires* e *fazer*es-sensoriais-emocionais que se realizam de modo espontâneo no transfundo fundamental do conviver no amar. Aquilo que conotamos na vida cotidiana, quando falamos de cultura ou de assuntos culturais é, então, uma rede fechada de conversações que constitui e define uma maneira de conviver humano como uma rede de coordenações de emoções e ações que se realiza como uma configuração particular de entrelaçamento do atuar e do emocionar das pessoas que vivem essa cultura. Como tal, uma

cultura é constitutivamente um sistema conservador fechado, que gera seus membros na medida em que estes a realizam através de sua participação nas conversações que a constituem e definem. Disto também se segue que nenhuma ação particular e nenhuma emoção particular definem uma cultura, porque uma cultura, como rede de conversações, é uma configuração de coordenações de ações e emoções. Do que foi dito antes deduz-se que diferentes culturas são distintas redes fechadas de conversações que realizam outras tantas maneiras distintas de viver humano como distintas configurações de entrelaçamento do *linguajar* e do emocionar. Também se deduz que uma mudança cultural é uma mudança na configuração do atuar e do emocionar dos membros de uma cultura, e que como tal tem lugar como uma mudança na rede fechada de conversações que originalmente definia a cultura que muda.

As bordas de uma cultura, como maneira de viver, são operacionais e surgem com o estabelecimento desta; ao mesmo tempo, a pertença a uma cultura é uma condição operacional, não uma condição constitutiva ou propriedade intrínseca dos seres humanos que a realizam, e qualquer ser humano pode pertencer a diferentes culturas em diferentes momentos de seu viver, segundo as conversações de que ele ou ela participem nesses distintos momentos.

Com isto em mente, podemos ver que o que se chama sustentabilidade consiste em uma rede fechada de conversações que *traz à mão*¹³ recursivamente a geração, realização e conservação das condições de possibilidade para a conservação do bem-estar da antroposfera e da biosfera. Quer dizer, em última

¹³ produz

instância a sustentabilidade é uma cultura, cuja orientação fundamental se acha na geração de processos que permitem possibilitar a conservação de uma matriz biológico-cultural da existência humana transcorrendo no bem-estar, e portanto de uma matriz biológica da existência dos seres vivos que também se conserva transcorrendo no bem-estar.

“O curso que seguem a história dos seres vivos em geral e a história dos seres humanos em particular, surge momento a momento definido pelos desejos e pelas preferências que momento a momento determinam o que o ser vivo ou o ser humano faz e conserva ou faz e despreza em seu viver relacional”¹⁴

Bem-estar e evolução

Desejamos enfatizar aqui que a noção de bem-estar não é um princípio explicativo nem uma definição arbitrária, mas antes, uma abstração de um aspecto fundamental do viver dos seres vivos em geral. Enquanto o que define o curso que segue a deriva evolutiva de uma linhagem é dado pelas preferências e gostos dos organismos, o curso que segue o devir evolutivo surge momento a momento definido pela conservação do bem-estar dos indivíduos que o realizam. Ou, o que dá no mesmo: o que guia o curso que segue o devir evolutivo de uma linhagem é o curso da conservação do viver dos organismos em congruência dinâmica com o meio em que existem.

¹⁴ Ver Maturana H. E Dávila X. Leis Sistêmicas e Metassistêmicas. Em *Habitar Humano* em Seis Ensaio de Biologia-Cultural. São Paulo: Palas Athena, 2009, p.148

No discurso evolutivo tradicional, que fala da adaptação ao meio como uma conquista que se faz possível ao seguir o caminho competitivo das vantagens adaptativas, fica de fora toda a compreensão do fenômeno do bem-estar do viver, e se tacha isto de algo subjetivo. Desde o que nos mostra a compreensão da *deriva natural*, vemos que os seres vivos nos deslizamos no viver e conviver na conservação do acoplamento estrutural na conservação do viver. Isto é, na conservação do *bem-estar natural*, onde o bem-estar ocorre momento a momento na conservação do viver, que é o bem-estar natural desse momento e que se não ocorrer o organismo morre.

Então, entender que a sustentabilidade é uma rede fechada de conversações nos possibilita tomar consciência de que a responsabilidade fundamental por ela está em nossas mãos, e é fundamental já que a biosfera não fará nada pela sustentabilidade, embora sem dúvida os processos sistêmicos-sistêmicos que a constituem nos revelarão, se soubermos olhar, a co-deriva de nossos diferentes modos de viver e o curso resultante.

E a sustentabilidade é uma rede fechada de conversações porque não é meramente uma conversação e sim, um entrelaçamento dinâmico de múltiplas conversações e mesmo de redes fechadas de conversações nos múltiplos âmbitos em que de fato tem presença a preocupação (ou ocupação) ética pela sustentabilidade, tanto no espaço ambiental, como no econômico, empresarial, governamental, interestatal, entre outros.

Ética e moral

Isto posto, ao distinguir *ética*, novamente é importante destacar que não estamos nos referindo a uma definição ou a um princípio filosófico ou explicativo; estamos sinalizando uma dinâmica relacional humana que todos podemos constatar no viver cotidiano ao abstrair as situações nas quais falamos de condutas éticas. Um observador diz que uma pessoa tem conduta ética quando vê que ele ou ela se conduz escolhendo seus *fazeres* de modo a não causar dano a si mesmo, a outro ou outros em seu âmbito social e ecológico, porque esta pessoa se importa com o que possa acontecer a outros com o que ele ou ela fizer ou deixar de fazer, simplesmente porque este outro ou outra é importante para ela. Quer dizer, não se move cuidando da relação com os outros a partir do respeito a normas, e sim, porque as pessoas lhe interessam. Neste sentido cabe distinguir entre ética e moral. A ética tem um fundamento biológico; dada nossa história evolutiva humana de seres sociais, nos importa e comove espontaneamente o que acontece a outros; na ética as pessoas me importam a partir de que as pessoas são importantes para mim, sem justificativas racionais, enquanto na moral o que nos interessa são as normas; portanto, o fundamento da moral é cultural e existem tantas morais distintas quantos critérios culturais, enquanto ética existe uma só. É assim que podemos conduzir-nos de um modo ético, mas imoral, como quando Jesus, por exemplo, salva a prostituta de morrer apedrejada, já que a moral judia da época exigia este castigo a partir do seu critério de validade; ou podemos conduzir-nos de um modo moral, porém não ético, como acontece cada vez que uma empresa lança determinada quantidade de resíduos tóxicos no ambiente sabendo que causa um dano ecológico, mas estando amparada por lei. E por hipótese também se pode ser ético e moral, e imoral e não ético. Isto posto, não se trata de

relativizar a ética, mas antes de mostrar a dinâmica que a constitui. Se buscamos construir justificações para nosso operar ético estaremos nos conduzindo moralmente, e a ética não requer justificações, precisamente porque é uma consciência, um sentir; alguém sabe quando atua desde o desejo de acolher o outro, a outra ou tudo o mais, e quando não.

O fato de que tenha adquirido importância o desejo consensual de gerar sustentabilidade para o mundo humano e o mundo natural tem a ver com estarmos tomando consciência do dano que temos estado a gerar tanto para a biosfera como para a antroposfera, e que em última instância este dano sempre nos é devolvido aos indivíduos e às distintas comunidades que integramos, dada a natureza sistêmica-sistêmica dos processos biológico-culturais. De fato, hoje em dia nos encontramos numa encruzilhada entre duas eras psíquicas diferentes e estamos às portas da possibilidade de uma nova mudança cultural em que a preocupação ética pelas pessoas, pelas comunidades e pela biosfera inteira é o ponto cardeal em torno do qual tudo o mais pode mudar, se é que temos o desejo e a consciência adequada.

Mas antes de ver isto, consideremos alguns aspectos fundamentais deste presente cultural.

Fundamentos da unidade individual-social

Vivemos um momento histórico no qual nós seres humanos geramos dor e sofrimento em nossas vidas, nas vidas de outros e em nosso entorno. Como isto nos acontece? Nós seres humanos, enquanto seres que vivemos em comunidades, não estamos determinados geneticamente. Necessitamos viver com seres

humanos para sermos seres humanos: *necessitamos um viver social para sermos seres sociais, e nos enfermamos de corpo e alma quando não temos esse viver social*, que se realiza através da convivência cultural, fazendo com que a categoria de convivência social que realizamos dependa do modo cultural que vivamos e convivamos.

Porém, mesmo nesse viver social, necessitamos de nosso viver individual, que é o que dá forma a nosso viver, e cuja conservação guia o curso de nosso viver em qualquer fazer que nos caiba viver na comunidade a que pertencemos. O sentido do viver individual se adquire desde a concepção na convivência com os adultos com os quais nos cabe conviver no processo de fazer-nos pessoas no conviver social. O sentido individual do viver é um sentido *individual-social*. Não há contradição entre o individual e o social para além das teorias que desde mais de 200 anos colocaram discursiva e operacionalmente estes âmbitos em oposição a partir de um substrato epistemológico dualista e linear. De fato, num sentido estrito, em termos dos processos que as constituem, tampouco há separação entre empresas públicas e privadas; a dinâmica que as sustenta e as torna possíveis se dá unitariamente entrelaçada. Sem o espaço público que os cidadãos em sua convivência *trazem à mão*¹⁵, não poderiam surgir empresas privadas; estas captam desse espaço tudo o de que necessitam para subsistir e entregam a esse espaço o que a sociedade requer para sua subsistência ou existência cultural.

E tem mais; é neste sentido que podemos dizer que em última análise, toda empresa é pública já que o seu fazer sempre tem consequências no espaço público; obviamente não é pública no

¹⁵ criam

âmbito da propriedade dos acionistas, e sim, na dinâmica que possibilita, gera, realiza e conserva sua existência na matriz mais ampla na qual existe e onde fazem ou não fazem sentido seus produtos e serviços.

Então, alguém é indivíduo num âmbito social, e o social surge do conviver de indivíduos. Por isso é uma comunidade humana harmônica, sem discriminações, sem abusos, aberta à colaboração no mútuo respeito; não existe contradição entre o individual e o social.

Assim sendo, no mundo em geral estamos vivendo na negação sistemática das condições relacionais que fazem possível que o crescimento dos meninos, meninas, jovens e adultos possa transcorrer como um processo em que se transformam em pessoas adultas com um sentido de viver individual-social capaz de gerar e conservar uma convivência social de colaboração na geração de um conviver na honestidade, no mútuo respeito e bem-estar, fundamentos da convivência democrática. E esta negação nós a fazemos principalmente de maneira inconsciente, mas também consciente, no lar, na rua, nas escolas, no trabalho, nos meios de comunicação, nos espaços de recreação, entre outros. Ao desacreditar, negar e invalidar a possibilidade de que a preocupação e a conduta ética esteja de fato no centro de nosso atuar individual e social espontâneo.

Dizemos, proclamamos e argumentamos que o futuro é incerto, que nada é seguro, que em poucos anos os conhecimentos se tornarão obsoletos e que temos que conquistar o sucesso a qualquer preço. E o dizemos, proclamamos e argumentamos na

família, na rua, nas universidades, na vida pública, nos programas de televisão.

Mas, ao mesmo tempo, causa-nos surpresa que haja drogadicção juvenil, delinquência juvenil, violência escolar, violência familiar, abusos trabalhistas, gravidezes juvenis, ou desonestidade. Como poderiam os meninos, as meninas, os jovens e os idosos aprender outro viver se este é o viver e conviver que as pessoas mais velhas parecemos validar com nossas condutas, com nossa falta de ética em nossas atividades produtivas, materiais e intelectuais, com nossas promessas não cumpridas, com a violação de nossos acordos, com nossa falta de reflexão e com nossa não disposição a reflexionar, ver e corrigir nossos erros?

"Todo encontro entre seres humanos onde não há agressão opera na confiança implícita da biología da amar".¹⁶

Nosso início ontogênico

Olhemos nosso início: como bebês todos nascemos na total confiança, estrutural, implícita, de que haverá um mundo adulto que nos acolherá, conterà e amará. Vimos ao mundo na mesma confiança implícita que tem a borboleta ao sair da crisálida, na

¹⁶ Ley Metasistémica del Bien-estar y la armonía del vivir, por Ximena Dávila y Humberto Maturana, Manuscrito Inédito, Pichidanguí, Chile, 2008.

confiança de que haverá ali um mundo de néctares e flores. Quer dizer, nosso feitio biológico surge em total coerência e íntima relação com o feitio biológico do meio que nos conterà e em relação ao qual podemos conservar nosso acoplamento estrutural se forem dadas as condições para que isto seja possível.

Nós seres humanos somos criadores de mundos. O bebê humano, o menino, a menina surgem numa dinâmica operacional-relacional que criará o mundo que viverá, na alegria ou na dor, com ou sem respeito por si mesmo, na honestidade ou na mentira, no bem-estar ou no mal-estar, no amar ou no ressentimento, mas sempre será com outros ou contra outros seres humanos, num desejo bem sucedido ou frustrado de pertencer a um âmbito social que o acolha, que o respeite, onde o seu ser pessoa faz sentido. Mas como ocorre isto?

As formas juvenis de todos os mamíferos se transformam na convivência com os adultos e outros jovens com os quais convivem, incorporando-se num âmbito social ou outro conforme sintam que têm presença e que sua vida faz sentido individual-social, e segundo a inspiração que surja neles nesse conviver.

Então, qual é a dinâmica constitutiva da aprendizagem? Aprender é sempre um resultado da própria deriva de transformações na convivência; aprendemos com ou sem educação, aprendemos com ou sem ensino. E conforme for a convivência será o que aprendemos.

Os bebês nascem na confiança implícita de que haverá uma mãe, um pai ou adulto que os receberá com ternura, e que criará com outros adultos um âmbito de convivência acolhedor

no qual pode confiar de fato como o mais natural do fluir de seu viver. Todos os seres vivos sociais vivem assim, no âmbito social a que pertencem. A confiança mútua é o fundamento da convivência humana. Quando essa confiança se quebra, é porque aparece a traição, que pode ter muitas formas. E quando um ser humano vive a traição, surge a dor, o desencanto, o ressentimento, a depressão, o estresse, o desejo de ir embora, de buscar outro âmbito humano em que possa recuperar essa confiança perdida no desejo de viver e conviver na tranquilidade psíquica e corporal que emerge dessa confiança fundamental.

E esta confiança fundamental se perde quando há promessas explícitas ou implícitas não cumpridas, traições a consensos que se vivem como legitimamente esperáveis, em qualquer momento da vida. Só que os meninos, meninas e jovens não têm muitos recursos para recuperar essa confiança como podem ter as pessoas maiores que tem algum grau de autonomia no espaço social, seja ela econômica ou de tomada de decisões. Onde falhamos, então, em nossas ações ou em nosso compromisso com o que dizemos que queremos de nossa convivência social?

Falamos de pessoas idosas para fazer uma diferença de uma pessoa adulta. Uma pessoa pode ser idosa e não necessariamente viver e conviver como uma pessoa adulta que respeita a si mesma e que se encontra em seu viver e conviver nesse eixo fundamental do centro de si mesmo desde o qual pode dizer sim ou não desde si. Não é pelo fato de ser maior de idade, de ter um trabalho, ou ter filhos que uma pessoa se torna adulta; a pessoa adulta surge se vive e convive desde o centro ético fundamental da convivência social na confiança.

O fenômeno da periferização

Também é fundamental entender que a violação da confiança fundamental da convivência social é o início da periferização tanto juvenil como das pessoas idosas, tanto em situação de pobreza como de riqueza econômica. Esta *periferização humana* aparece nas pessoas como rebeldia, agressão, depressão, delinquência, não participação, desconfiança, drogadição, doença, morte, entre outros, cada vez que não criamos o espaço social para viver e conviver no bem-estar psíquico e material que lhes prometemos de maneira explícita ou implícita.

E se falamos da dinâmica subjacente à *insustentabilidade social global*, em seu núcleo encontraremos a dinâmica multidimensional da periferização humana, já que esta é que desintegra as condições de possibilidade para a realização e conservação das relações de congruência ou acoplamento estrutural no plano relacional humano da antroposfera.

O doloroso é que somos nós mesmos, quando não nos comportamos como pessoas adultas responsáveis, que cultivamos a *periferização humana* ao fazer promessa sociais que não vamos cumprir, reduzindo assim as possibilidades dos meninos, meninas e jovens de crescer no bem-estar que traz consigo um conviver com sentido e confiança social.

A periferização humana ocorre como qualquer modo de viver e conviver cuja consequência seja a alienação que produz uma convivência que esteja longe do respeito por si mesmo e pelos outros. Não só a periferização humana tem presença como modo

de coexistência onde há pobreza material; também existe periferização humana onde não há problemas de índole econômica; bastaria olhar como a violência intrafamiliar e a drogadição, entre outras, são dinâmicas muito presentes em comunidades economicamente remediadas. E o que nos mostra isto?

Que a periferização humana ocorre quando vivemos e convivemos fora de nossa condição biológica fundamental de seres sociais que é o amar. *O amar ocorre como o domínio das condutas relacionais através das quais alguém, o outro, a outra ou tudo o mais surge como legítimo outro em convivência com esse alguém.* Na medida em que o amar é um ocorrer, um suceder, o que um observador distingue como conduta amorosa é uma dinâmica relacional de convivência, de co-existência centrada no respeito por si mesmo, pelos outros e outras, no espaço social a que se pertence. Amar é ver, ver é amar. Quer dizer, não estamos falando de sentimentos, não falamos de valores, de ser carinhoso ou compassivo, e sim, da dinâmica operacional da mútua aceitação que deu origem ao âmbito social desde os primeiros insetos sociais.

E quando, e onde e como temos sido tão cegos que temos gerado espaços em que é possível que nossos meninos, meninas e jovens se tornem periféricos? De onde se possa dizer, por exemplo, que as pessoas não nascem delinquentes, se fazem, de acordo com o modo de conviver que lhes tenha tocado viver.

Qual é, então, nossa possibilidade de sair desta encruzilhada dolorosa? Encruzilhada que continuamos a gerar, realizar e conservar em nosso modo de nos relacionarmos nesta cultura que

vivemos. Nós pensamos que nossa grande possibilidade é *nos transformarmos em pessoas adultas amorosas, sérias e responsáveis*. Os meninos, meninas e jovens desejam pessoas adultas nas quais confiem e que respeitem.

A Reflexão-Ação Ética, o caminho de saída

Nesse caminhar de transformação reflexiva, há um só caminho de saída, e que é um fato de nossa constituição biológica: a Biologia do Amar. E o procedimento de ação social nas comunidades humanas é gerar a ***Reflexão-Ação Ética*** em todo o fazer, tendo a biologia do amar como o referente de reflexão e ação em todo momento desde a concepção à autonomia adulta.

Temos dito que o bebê nasce amoroso, quer dizer, que todos os que compartilhamos esta cultura nascemos amorosos, mas com não pouca frequência temos sido traídos com a negligência, o castigo, o abandono, a violação corporal e psíquica. E é desde essa traição que o menino, a menina, o jovem, os adultos se afastam, tornam-se periféricos, e em seu ressentimento buscam outro âmbito social que os acolha, ainda que seja mediante a delinquência, as drogas, as teorias que justificam a discriminação e a agressão. Enfim, este é um caminhar que os leva irremediavelmente a doenças da psique, do corpo e da alma que se expressam através de fanatismos, autoritarismos, transtornos psíquicos e fisiológicos como bulimias, anorexias, automutilação, alcoolismo, entre outros.

Os seres humanos jovens na potência de seu crescimento ineludível buscam um sentido para seu viver individual que lhes

dê pertença social legítima, mas se não encontram, tornam-se periféricos na raiva, na agressão social, e na rebeldia que evolui para o ressentimento. Os jovens querem com desespero pessoas adultas a quem respeitar, pessoas adultas que os acolham, que os respeitem; pessoas adultas que mostrem o caminho a um mundo amoroso desejável; pessoas adultas que estejam dispostas a reflexionar, a dar-se conta de seus erros e a corrigi-los. Os jovens querem sentir que têm presença, querem sentir que são parte legítima do viver num âmbito social em que seu viver tem um sentido individual-social.

E quando os jovens sentem que esse âmbito social não emerge, ou sentem que quando parece estar aí os trai, rejeita e invalida, na tentativa de obter ou de recuperar a presença que querem, desde a insegurança sobre seu próprio valer que esta situação gera, podem entrar no caminho do briguento que oprime o mais fraco, ou podem entrar no caminho do cinismo que pretende uma autonomia que sabem que não têm. Os jovens vivem na dor e no sofrimento de não serem vistos, de não terem sentido individual-social, e desde o ressentimento que isso gera buscam pertença em alguma comunidade diferente, alheia, transgressora, aceitando ocasionalmente convites que prometem dar-lhes presença e sentido individual-social na audácia de serem negadores do mesmo âmbito humano a que anseiam pertencer.

A saída da negação individual-social é sistêmica-sistêmica, multidimensional, e redundante naturalmente na co-inspiração de um projeto comum na família, na escola, na comunidade local, nas organizações públicas e privadas, no próprio país e também num projeto comum co-inspirador planetário, entendido como um propósito de convivência que cultive de maneira cotidiana a

espontaneidade do mútuo respeito num âmbito de convivência em que todas as pessoas são cidadão legítimos participantes de sua criação e conservação.

Alguns elementos fundamentais da co-inspiração desse diferentes projetos comuns na confiança social¹⁷

- A) Que se ocupe da dinâmica cotidiana da transformação dos meninos, meninas, jovens e idosos em pessoas adultas, em cidadãos que se respeitam a si mesmos, com sentido ético, e com autonomia de reflexão e ação, no curso ineludível de seu crescimento espontâneo;
- B) Que se ocupe da contínua criação e conservação cotidiana de um espaço de confiança e convivência social de pessoas adultas que facilitam e conservam o fato de que estes escolham espontaneamente a conduta ética e responsável em seus distintos *fazer*s, sejam eles quais forem;
- C) Que se ocupem de que se abram espaços para que os cidadãos possam e desejem orientar e guiar sua criatividade e seus conhecimentos desde sua consciência ética e social, de modo que seu viver e seu fazer, quaisquer que sejam, contribuam para a geração de uma antroposfera criadora de bem-estar para todos os seus membros na conservação da biosfera que os faz possíveis.

Âmbitos:

¹⁷ Reflexões tiradas do texto inédito: Projeto País, do Instituto Matriztico. Apresentado à Presidente Michelle Bachelet no ano 2006. De Ximena Dávila, Humberto Maturana, Cristóval Gaggero, Ignacio Muñoz e Patricio García.

- a) A família como núcleo fundamental do processo transformador de seus membros deve ser convidada e incorporada a uma participação que amplie a consciência do central que são as pessoas adultas com as quais os meninos, as meninas e os jovens compartilham desde o nascimento a cotidianidade do viver. Já que é responsabilidade dos pais, mães, avós, pessoas adultas em geral, pelo simples fato de viver e conviver com eles, o de ser o primeiro referente ético e amoroso na vida dos mais jovens. A família não é somente a provedora de um lugar onde viver, de alimento, de procurar um ninho, é também procuradora de um nicho psíquico formado por pessoas adultas que se respeitam a si mesmas como sers autônomos. Se isto acontece, os meninos, as meninas e os jovens surgirão em seu viver de maneira espontânea num espaço psíquico e relacional onde não se fala de respeito, mas se vive e convive no respeito como modo natural de conviver. A grande tarefa dos adultos com os quais os meninos, as meninas e os jovens compartilham grande parte do percurso fundamental de sua história de vida, é procurar gerar todos os espaços para que estes, por sua vez, se transformem em pessoas adultas que se respeitam a si mesmas.
- b) Os colégios podem ter âmbitos para atividades esportivas, artísticas, técnicas, científicas, literárias, econômicas, ecológicas e sociais que possam captar a energia vital, a imaginação criativa e a ação efetiva de todos os jovens, guiados e acompanhados por mestres acolhedores e inspiradores, num conviver que pelo simples fato de ser vivido no amar-educar resultará ampliador do respeito por si mesmo e da autonomia reflexiva e de ação dos meninos, meninas e jovens que convivem ali. Além disso é

fundamental que os colégios considerem âmbitos de acolhida para as famílias e comunidades locais com as quais se relacionam.

- c) Também se requer uma profunda participação consciente e responsável dos outros atores sociais que são parte da antroposfera em que os meninos, as meninas, os jovens e os adultos crescem, tais como as empresas e consórcios, os meios de comunicação, políticos, instituições educativas, organizações sociais e organismos internacionais, em geral, de todas as pessoas adultas que de alguma forma ou outra são um referente transformador para a cidadania. É neste âmbito que governos, empresas, setor acadêmico, organizações da sociedade civil e redes cidadãs têm uma oportunidade e uma relevância fundamental na hora de abrir espaços de conversação, colaboração e interlocução entre comunidades e instituições para a consolidação da convivência democrática.

A arte de governar

A expansão da criatividade tecnológica e nosso deslumbramento pelo que se pode fazer a partir dela, nos levaram a pensar, em nosso presente histórico, que talvez todos os problemas humanos podem ou poderiam ser resolvidos a partir dela. Tudo parece tão simples. Sem dúvida há engenho, dedicação e vontade de ação para fazer tudo o que atualmente se pode fazer em engenharia, comunicação, medicina e robótica. De modo semelhante se pensava quando, nos séculos XVIII e XIX, começa a grande expansão do pensamento racional e o explicar científico a partir do sentir íntimo que a razão derrotaria os abusos, as injustiças e os fanatismos, na crença de que governantes ilustrados levariam a

humanidade pelo caminho da justiça e do bem-estar. Como sabemos a estas alturas, não tem sido assim; no entanto, agora depositamos nossas esperanças na suposta onipotência tecnológica.

Hoje em dia, nós, seres humanos, queremos algo mais do que o mero encanto do conhecimento das leis gerais do cosmos, que nos permitiu desenvolver nossos avanços tecnológicos. Queremos certeza em nosso manejo do mundo que vivemos. E queremos essa certeza mediante a aplicação das leis gerais do cosmos, pensando que sua aplicação não somente nos dá poder de ação, mas também nos livra além disso de responsabilidade por nosso fazer, porque supostamente estaríamos usando processos naturais. Queremos que tudo aconteça como queremos que aconteça em qualquer domínio humano e não humano. E para conseguir este duplo propósito temos inventado muitas teorias sobre a conduta e o bem-estar humanos, buscando leis gerais do cosmos que justifiquem o que fazemos, com o propósito de obter os resultados que queremos a qualquer custo, e portanto, de validade universal e transcendente a nós mesmos. Neste sentir queremos também governar: queremos ser governantes racionais, justos pela razão. Mas o âmbito humano não é como o âmbito não humano: as moléculas, as células, os metais, os plásticos não se queixam, nem têm desejos; os seres humanos, sim. Estudamos as leis do mercado, as leis da mente humana, como opera o sistema nervoso, como operam as emoções, tudo para assegurarmos, através delas, que as condutas dos consumidores, do público, dos cidadãos sejam como queremos que sejam. Mas, no fundo, nós seres humanos não queremos isto, não queremos ser manipulados, não queremos que outros determinem nosso fazer e nosso pensar; o que queremos é ser responsáveis de nosso fazer através do entendimento. Não queremos ser induzidos,

queremos escolher; não queremos ser submetidos ao arbítrio de outros, queremos ser autônomos, éticos e com isso ser responsáveis e conscientes de nossos atos. Nenhum ser vivo está bem, submetido ao arbítrio de outros. O que nos é peculiar a respeito disso é que nós seres humanos podemos reflexionar e escolher nossos desejos, podemos escolher o que queremos viver, e mais ainda, escolher o que queremos querer viver.

Nestas circunstâncias, qual será a arte de governar? Naturalmente, como tudo o que é humano, dependerá do que queiramos conservar em nosso viver, e do mundo de convivência que queiramos contribuir para gerar quando nos tocar a tarefa de governar. Uma das leis gerais do cosmos é que não podemos determinar o que acontece num arbítrio absoluto, nem no mundo natural nem no mundo humano. Não dispomos de uma varinha mágica. Por isso, a arte de governar é a arte de coordenar vontades, desejos, ganas de fazer o que se sabe fazer no momento oportuno e no lugar adequado, quer dizer, a arte de governar é a arte de coordenar emoções. Como? Desde a exigência e a manipulação que nega o outro, ou desde o mútuo respeito que acolhe e possibilita?

O governar se move entre duas emoções extremas: a obediência e a colaboração. A obediência surge da negação de si mesmo no medo ante a ameaça, e a colaboração surge do respeito por si mesmo no prazer de fazer o que se faz com outros. Na obediência se exige rigidez e se restringem as condutas inteligentes, não se tem presença e não se podem corrigir os erros, pois se nega o fato de vê-los, já que sua descoberta ameaça o viver porque se duvida da honestidade e os castiga, coisa que se torna um convite à mentira. Na colaboração, ao contrário, amplia-se a conduta

inteligente e criativa, podem corrigir-se os erros, porque nunca se ameaça o viver e há respeito para vê-los, porque não se duvida da honestidade. Mas acima de tudo, o caminho emocional que quisermos seguir no governar depende do mundo que quisermos viver. Queremos um mundo de pessoas íntegras, ou um mundo de seres ressentidos? Um mundo aberto a corrigir os erros ou um mundo encerrado nas aparências?

Somente na convivência democrática gerada dia a dia na colaboração, vive-se no respeito por si mesmo e pelos outros, de modo que os meninos e meninas aprendem esse viver como seu conviver espontaneamente desejável. Somente num governo que se fundamenta no respeito mútuo desde a honestidade e a confiança na honestidade, cabe a democracia como âmbito de convivência no projeto comum que gera dia a dia esse modo de conviver, como um âmbito de colaboração para a conservação desse conviver. Isto sem dúvida parece razoável, mas – o que é ainda mais importante - é desejável?

Razão, emoção e espaço psíquico

O espaço psíquico é a fonte inconsciente de toda ação consciente e inconsciente, e como tal define em cada instante o caráter relacional de tudo o que nós os seres vivos e os seres humanos fazemos. No suceder de nosso viver humano fluímos no habitar sucessivo ou entrelaçado de muitos espaços psíquicos que definem em cada instante o caráter de nosso fazer nesse instante. Cada vez que evocamos um espaço psíquico, evocamos um âmbito de *fazer*es relacionais no viver e conviver.

Como todos os seres vivos, nós seres humanos somos seres emocionais cujo fazer e sentir, em todas as dimensões de seu viver, é guiado momento a momento pelo fluir emocional. O que é peculiar a nós é que, entre os seres vivos, nós seres humanos existimos no *linguajear* e é desde este *linguajear* ou fluir recursivo de coordenações consensuais de *fazer*es que somos seres racionais quando atuamos de maneira congruente com as coerências operacionais de nossas experiências. E que pode ser desde nosso viver cultural que usemos a razão para justificar ou negar nossas emoções, sem ver que embora digamos que atuamos com a razão, são de fato as emoções, os desejos, as preferências ou o que quisermos ou não quisermos fazer algo, o que determina os argumentos racionais que usamos para fazer ou não fazer alguma coisa.

É pelo que foi dito que um projeto comum co-inspirativo planetário não é um conjunto de *fazer*es possíveis, não é um conjunto de argumentos racionais que justificariam esses *fazer*es e negariam outros, e sim, um espaço emocional, uma configuração de desejos, um espaço psíquico-relacional que determina em cada instante que *fazer*es e que argumentos racionais aceitamos ou rejeitamos como operações que nos permitirão realizar nossos desejos, assim como o fato de que tenhamos ou não a energia emocional (as ganas) para fazê-lo.

Desde esta compreensão, vemos que não queremos querer que tal projeto conserve a falta de equidade que vivemos. E a falta de equidade é para um observador a distinção de um espaço psíquico-relacional sistêmico e recursivo em que consciente ou inconscientemente se conserva e se quer conservar a dinâmica relacional sistêmica- sistêmica em que se vive a discriminação e a

competição, que redundando na insustentabilidade das comunidades humanas. Uma conservação do viver no qual os meninos, as meninas, os jovens e os idosos crescem num viver e conviver sem sentido individual-social em sua realização pessoal, ou o perdem no caminho relacional que deveria guiá-los para a vida adulta de uma convivência democrática, ocorre no espaço psíquico da falta de equidade.

A agressão, o abuso, o engano, a desonestidade, a exploração, tudo isso são aspectos de um viver e conviver no espaço psíquico da falta de equidade. O caminho de saída da psique da falta de equidade é a biologia do amar: o operar espontaneamente no domínio das condutas relacionais através das quais alguém, o outro, a outra ou tudo o mais surge como legítimo outro na convivência com esse alguém. E isto é possível precisamente porque nós seres humanos, embora possamos cultivar a agressão, a negação do outro, somos em nossa condição fundamental, seres amorosos, seres que adoecem de corpo e alma no *desamar*.

Ao falar de espaço psíquico cabe dizer que como observadores estamos conotando a dinâmica operacional-relacional que como o presente histórico da arquitetura dinâmica da unidade cambiante organismo-nicho, constitui em cada instante a trama relacional-operacional que um organismo pode viver. Em nós seres humanos, o *linguajar* é parte central do nicho na relação dinâmica organismo-nicho, e o que fazemos e evocamos em nosso conversar e nosso reflexionar ao longo de nosso viver e conviver contribui para configurar os espaços psíquicos que vivemos em nosso viver relacional. Porisso, se queremos sair do espaço psíquico da falta de equidade devemos mudar nosso dizer e

nosso pensar tanto como o fundamento da mudança de nosso fazer. O respeito se vive respeitando, a honestidade se vive na conduta honesta; o respeito gera mútuo respeito, a honestidade gera mútua confiança, e o mútuo respeito e a confiança mútua geram colaboração; o mútuo respeito, a confiança mútua e a colaboração abrem o espaço para a co-inspiração na criatividade geradora de bem-estar individual-social-ecológico num viver e conviver que redundam naturalmente na harmonia da relação antropológica-biosfera.

Amar-educar, o educador social

Quando se sabe que se sabe não se pode pretender que não se sabe. O saber que se sabe na biologia do amar é o fundamento do viver e conviver individual na *Reflexão-Ação-Etica*. A reflexão-ação-ética é o acontecer de um processo de transformação reflexiva na convivência que normalmente evocamos com a palavra educação.

No momento histórico que vivemos a mudança de orientação que desejamos em nosso conviver não ocorrerá espontaneamente; requer compromisso, a consciência de um ato intencional, requer que queiramos fazê-lo, requer uma mudança desde a reflexão que abre o espaço para a ação desejada a partir das ganas de fazê-lo. Toda conduta humana surge num âmbito emocional íntimo inconsciente que constitui o espaço relacional-operacional que especifica instante a instante no sentir de uma pessoa o que lhe é possível e o que não lhe é possível, o que é desejável e o que não é desejável em seu viver relacional.

Ainda mais, todo ser humano aprende desde seu nascimento na companhia das pessoas mais velhas com as quais convive a matriz emocional-operacional em que realiza seu viver como membro particular participante ou periférico da cultura da comunidade que o acolhe ou o rejeita. Se um bebê, um menino, menina ou jovem cresce num âmbito amoroso e terno que o acolhe e respeita como um membro legítimo da comunidade social em que vive, cresce como um ser social e ético capaz de colaborar e co-inspirar num projeto comum sem temor de desaparecer ao fazê-lo. Como se conseguiria isso agora?

Procurando que este bebê, este menino, menina, jovem se encontre no curso de sua transformação em pessoa adulta com pessoas adultas próximas no lar, na rua, na escola e na universidade, que o vejam, que o escutem, que não lhe mintam, que não o atraíam; e aos quais possa respeitar. Isto é o que todos os meninos, meninas e jovens desejam, pessoas adultas que sejam em seu conviver com eles *educadores sociais*, seres cujo viver e conviver desejam consciente ou inconscientemente repetir.

Nosso olhar recursivamente sistêmico desde o entendimento da biologia-cultural, percebe este fenômeno que está ocorrendo no presente que se vive de forma dinâmica, e de maneira consciente ou inconsciente enquanto estamos vivos, que a educação que desejamos é uma transformação reflexiva na convivência.

Portanto, será a tarefa educativa própria somente de mestre e mestras? De pais e mães? De comunicadores e comunicadoras?

Agora alguém pode perguntar-se: O que acontece com a educação nesta transformação na convivência? Trata-se de que os meninos, meninas e jovens cheguem a constituir-se como pessoas adultas. Se olharmos o mundo animal, podemos ver que os adultos não são adultos no momento da sexualidade, e sim, quando deixam de ser dependentes de outros num sentido básico para sobreviver. Sempre estão relacionados com outros, mas há um momento em que o animalzinho tem um manejo do mundo que lhe permite atuar com autonomia e esse é o momento da adultícia. Nosso verdadeiro problema, da perspectiva da educação, é que isso vai acontecer de qualquer maneira. Pode ser que alguns meninos não o consigam e neste caso se diz deles que são adultos dependentes; mas a verdade é que não são pessoas adultas, não têm autonomia, não decidem por si, para o bem ou para o mal, constituem-se como pessoas maiores de idade, mas com sua autonomia reflexiva e de ação restringida.

O que importa é que os meninos, meninas, jovens e maiores de idade vivam um espaço experiencial de transformação na convivência – que começa no útero -, no qual se vão transformando, de modo que esse espaço gere as possibilidades de autonomia na interação, de forma que chegue um momento em que sejam pessoas adultas.

Um espaço de convivência onde ele ou ela se transformam em pessoas adultas, como um ser que se respeita a si mesmo, que respeita os outros, que pode colaborar, que é autônomo, que é responsável.

A educação é uma transformação reflexiva na convivência. Os meninos, meninas, jovens e maiores de idade se transformam com

as pessoas adultas com os quais convivem. Em termos do espaço psíquico, mergulham nas conversações da vida das pessoas adultas. Então eles e elas vão depender do que aconteça na educação da psique da pessoa adulta. Se quisermos convivência democrática, teremos que conviver de uma maneira que implique essa psique, e os meninos, meninas, jovens e maiores de idade cresceram fazendo as coisas, fazendo as conversações e vivendo o emocionar desse tipo de convivência.

O que nos acontece é que ao estamos falando de educação escutamos em ocasiões que o que queremos é preparar os meninos de um ponto de vista técnico para operar no espaço do mercado, para operar no âmbito da busca de sucesso na competição. E isto é alienante, porque é cego em relação ao mundo humano no amar de sua deriva natural.

É uma educação que nega a si mesma, que não vê os meninos, meninas, jovens educandos e educandas, que não vê as pessoas mais velhas que a realizam ou se relacionam com ela. Não os vê porque tem a atenção posta no futuro, no que os meninos devem ser no futuro. Mas o central é que a passagem para a vida adulta é uma passagem de uma vida dependente para uma vida autônoma. Ser autônomo significa que vai atuar a partir de si. Vai dizer sim ou não desde si e assumirá as consequências. E isso é o essencial da educação, não as técnicas, não as práticas nem as teorias.

Vivemos uma confusão enorme de pensar que os temas da convivência, que os problemas humanos em geral se resolvem com a tecnologia ou com a ciência. Nem a ciência nem a

tecnologia resolvem os problemas humanos; os problemas humanos são todos de relação. Pertencam à emoção.

Os problemas tecnológicos, os problemas científicos, são absolutamente simples. Têm que ver com habilidades de manipulação seja para estudar algo ou para constuir algo. Mas a convivência não é dessa natureza. A convivência tem a ver com as emoções, tem a ver com o respeito, com o amar, com a possibilidade de escutar, de respeitar-nos nas discrepâncias. Tem a ver com fazer um mundo de convivência no qual seja grato ou não seja grato viver.

A tarefa central da educação e da democracia é que esta passagem para a vida adulta seja na configuração de um mundo que seja grato para o menino, para a menina e para os jovens, no qual se possa colaborar e se possa aprender tudo porque não se tem medo de desaparecer na colaboração e não se tem vergonha de não saber.

Se os meninos, meninas, jovens e maiores de idade convivem com pessoas adultas amorosas, sérias e responsáveis e estas disfrutam do seu fazer, ou seja, amam o que fazem, seja o que for, e o ensinam no respeito e atenção às dificuldades que em algum momento possam ter os meninos, meninas, jovens e maiores de idade com os quais convivem, esses meninos, meninas e jovens, incorporarão em seu viver de maneira espontânea o olhar matemático, o olhar biológico, o olhar da mecânica ou da gastronomia. O olhar cidadão, entre outros, e essas disciplinas ou ofícios vão ser, por assim dizer, o instrumento de convivência através do qual esse menino, menina, jovem ou maior de idade, vai transformar-se numa pessoa adulta socialmente integrada

com confiança em si mesma, com capacidade de colaborar e aprender qualquer coisa sem perder sua consciência social e, portanto, ética.

Nestas circunstâncias, quem é um *educador social*? Qualquer pessoa adulta que escolhe viver na psique de um criador de espaços de convivência reflexiva nos quais os meninos, meninas, jovens e maiores de idade podem crescer desejando chegar a ser pessoas adultas autônomas, sérias, alegres e responsáveis, com consciência ética e social num cosmos humano cambiante que eles geram como um âmbito desejável para viver e conviver nele, no mútuo respeito desde o respeitar-se a si mesmos como seres primariamente amorosos.

É possível isto? Sem dúvida é possível. De fato, todas as pessoas maiores de idade viverão assim se não estiverem aprisionadas em teorias educacionais, filosóficas ou políticas que os negam no desejo consciente ou inconsciente de conservar um conviver em relações de autoridade e submissão, de competição, sucesso e adição ao poder e ao lucro.

A mamãe, o papai, o mestre, os políticos, enfim todas as pessoas maiores de idade desde o momento que em nosso viver nos tivermos transformado em pessoas adultas, autônomas, reflexivas, que vivem e convivem desde o centro de si mesmas, configuramos com nosso viver o melhor espaço de boa terra para o crescimento dos meninos, meninas, jovens e outras pessoas mais velhas.

Ao viver assim, nos transformamos num educador social, sem esforço, somente no desejo de viver e conviver com os meninos, meninas, jovens e maiores de idade num espaço onde eles não são uma impertinência, onde todas as suas perguntas são legítimas, onde não se castiga o erro, e onde não se tem medo de desaparecer, porque se pensa diferente e se pode reflexionar. E, ao mesmo tempo, geramos em e desde nosso viver individual-social, um modo de viver que redundando numa mudança cultural.

A mudança cultural, as Eras psíquicas da humanidade e o fim da liderança na era da co-inspiração

Consideremos a dinâmica envolvida na mudança cultural. Na medida em que uma cultura, como maneira de viver humana, se apresenta a nossa observação como uma rede fechada particular de conversações, podemos ver que sua dinâmica constitutiva é uma configuração particular de coordenações de coordenações de ações e emoções (como entrelaçamento particular do *linguajar* e do emocionar). E podemos ver, então, que uma cultura surge quando uma comunidade humana começa a conservar, geração após geração, uma nova rede de coordenações de coordenações de ações e emoções como sua maneira própria de viver, e desaparece ou muda quando a rede de conversações que a constitui deixa de se conservar. Portanto, para entender a mudança cultural, devemos ser capazes tanto de caracterizar a rede fechada de conversações que como prática cotidiana de coordenações de ações e emoções entre os membros de uma comunidade particular constituem a cultura que essa comunidade vive, como de reconhecer as condições de mudança emocional sob as quais as coordenações de ações de uma comunidade podem mudar de modo que surja nela uma nova cultura.

Para isso é indispensável compreender o fundamento emocional do fazer cultural; à medida que crescemos como membros de uma cultura, crescemos numa rede de conversações participando com os outros membros dela numa contínua transformação consensual que nos submerge numa maneira de viver que nos faz, e se faz para nós espontaneamente natural. Ali, na medida em que adquirimos nossa identidade e consciência individual-social, seguimos como algo natural o emocionar de nossas mães e dos mais velhos com os quais convivemos, aprendendo a viver o fluxo emocional de nossa cultura que faz de todas nossas ações ações próprias dela. Nossas mães nos ensinam, sem saber que o fazem, e nós aprendemos delas, na inocência de uma coexistência não reflexionada, o emocionar de sua cultura, simplesmente vivendo com elas. O resultado é que, uma vez tendo crescido como membros de uma cultura particular, tudo nela se torna para nós adequado e evidente, e, sem nos darmos conta, o fluir de nosso emocionar (de nossos desejos, preferências, rejeições, aspirações, intenções, escolhas...) guia nosso atuar nas circunstâncias cambiantes de nosso viver, de maneira que todas as nossas ações são ações que pertencem a essa cultura.

É desde a reflexão realizada até aqui que nós propomos considerar a evolução do humano abstraindo, do que sua história biológico-cultural nos mostra, as sensorialidades e emoções fundamentais que a guiaram. Contudo, focalizaremos fundamentalmente a última era pela natureza deste documento.¹⁸

¹⁸ Para aprofundar o tema ver: Dávila, X. e Maturana, H. Eras psíquicas da Humanidade. Em: *Habitar Humano* – Em seis ensaios de biologia-cultural. São Paulo, Palas Athena: 2009

Assim falaremos de *eras psíquicas* mostrando as configurações do emocionar do viver cotidiano que em nosso parecer caracterizaram distintos momentos da história humana como distintos espaços psíquicos ou distintos modos de habitar nos quais se deram, e desde onde se deram, todas as dimensões do conviver relacional-operacional.

O conviver relacional-operacional viveu-se em cada instante de cada era psíquica num presente em contínua mudança no qual o fluir do *emocionar* surgia momento a momento do transfundo histórico-operacional e filosófico-epistemológico imperante. O que dizemos com esta afirmação é que em cada momento da epigênese histórica-operacional que configuram as distintas eras psíquicas da humanidade, o ser humano tem conservado de maneira central distintos desejos, tem tido distintos gostos e preferências cujo fundamento tem sido determinado momento a momento pelo habitar do presente que se vive.

As distintas eras psíquicas da humanidade têm semelhança, segundo nosso pensar, com a dinâmica histórica de transformação integral da psique humana, desde sua concepção, passando pela infância, a juventude, a condição adulta e a maturidade reflexiva, que configura nela, em cada instante, como se vive, para onde se orienta e como se entende a natureza e o sentido do humano em sua pertença à biosfera.

Na visão mítica, este transcorrer da vida humana desde a concepção até o seu termo na maturidade ocorre como que uma *dinâmica recursiva* em que a sabedoria da maturidade leva ao início de uma nova história psíquica na geração seguinte que pode ser mais desejável porque implica a possibilidade da repetição do ciclo, porém com um deslocamento ampliado da

consciência numa maior coerência com o mundo natural. O suceder das *eras psíquicas da humanidade* de que falamos aqui realiza um ciclo mítico, e possibilita um espaço reflexivo que no fundo é conhecido e re-conhecido desde o próprio viver no conviver. Este suceder de eras psíquicas da humanidade vai desde a *Era arcaica*, na origem do humano, à *Era pós-pós-moderna*, já citada antes, como a era em que se recupera a consciência e as ações efetivas perdidas no transcorrer histórico da pertença humana à biosfera que é o transfundo de existência em que é possível e ocorre o humano. Recuperar esta consciência em coerências sistêmicas-sistêmicas faz possível abrir e ampliar o olhar sistêmico-sistêmico que é constitutivo do humano como um ser vivo que pode reflexionar sobre seu próprio viver e os mundos que gera nesse viver.

Era psíquica arcaica

Dinâmica emocional fundamental: o amar como um suceder espontâneo.

Esta era nos fala da origem do humano na origem da família como um modo permanente de conviver na intimidade do prazer e do bem-estar, psíquico-corporal-relacional. Surge assim o *linguaajar* e o conversar como um modo de conviver na intimidade relacional nas coordenações de *fazeres* e emoções.

Homo sapiens-amans: Presença espontânea do amar.

Surgimento da linhagem humana na conservação do conversar de uma geração a outra na aprendizagem das crianças.

Homo sapiens-amans-amans: Presença da conservação do amar.

Nesta Era vivemos a história evolutiva da linhagem *Homo sapiens-amans* e suas ramificações possíveis em três linhagens: *Homo sapiens-amans mans*, *Homo sapiens-amans agressans*, e *Homo sapiens-amans arrogans*. Estas três linhagens teriam surgido como linhagens culturais das quais a única atual como linhagem biológico-cultural que se conserva é a linhagem *Homo sapiens-amans amans*. Se não se tivesse conservado em nossa deriva evolutiva o amar como uma linhagem biológico-cultural, não se teria conservado o *Homo sapiens-amans amans*, e teríamos desaparecido. Somente conservando o bem-estar psíquico-corporal que se conserva no amar, os seres humanos do presente conservaremos o viver.

As outras linhagens, se tivessem evoluído como linhagens biológico-culturais, se teriam extinguido, embora ainda surjam com certa frequência como linhagens culturais transitórias.

A linhagem *Homo sapiens-amans agressans* ocorre num conviver que conserva as cegueiras da agressão.

A linhagem *Homo sapiens-amans arrogans* ocorre num conviver que conserva as cegueiras da arrogância.

Era Psíquica Matrística

Dinâmica emocional fundamental: o amar como um conviver desejado.

Esta é a Era do devir do *Homo sapiens-amans amans*. A forma fundamental de convivência é a de grupos pequenos que colaboram nos *fazeres* de compartilhar o viver cotidiano unidos na sensualidade, na ternura e na sexualidade como um âmbito de bem-estar. Este bem-estar psíquico-corporal surge de maneira espontânea; não surge da reflexão e sim, de um modo de viver e conviver em coerência com o mundo natural. A atitude cotidiana é a da colaboração no viver cotidiano, em busca do alimento, do cuidado das crianças, uso de instrumentos, enfim, num modo de viver cultural que abre o espaço para a co-inspiração, e que não dá cabida à conservação da dominação e à subjugação, e onde a agressão é um acontecimento ocasional que não guia o conviver.

Nesta Era vivemos a geração de mundos culturais e o conhecimento dos mundos que se vivem.

Sugem culturas matrísticas, centradas em relações de colaboração e co-inspiração. Amplia-se a consciência da unidade do existir.

A extinção das linhagens agressans e arrogans se produz pela restrição da consciência da unidade do existir que resulta das cegueiras relacionais que geram os âmbitos emocionais de agressão e arrogância. As linhagens que surgem na expansão da agressão e da onipotência como um viver cotidiano cultural correm para sua própria extinção porque destroem a si mesmas e ao entorno biológico que as faz possíveis. Isto teria acontecido com as formas de viver *Homo sapiens-amans agressans* e *Homo sapiens-amans arrogans* como linhagens biológico-culturais auto-

destrutivas quando a partir da agressão e da arrogância entraram na dinâmica da expansão hegemônica. Estes modos de viver têm aparecido muitas vezes em eras posteriores durante nossa história patriarcal (Era do apoderamento) sob a forma de fanatismos e impérios que geraram sua própria extinção com a dor humana e/ou o dano ambiental que produziram num viver desde as cegueiras que produzem a agressão e a arrogância.

Era Psíquica do Apoderamento

Dinâmica emocional fundamental: veneração da autoridade.

É a Era do despertar da consciência manipulativa na expansão da habilidade manual e explicativa no fazer e no viver que abrem o sentir a se apoderar dele e dos mundos que vão surgindo no conviver. Perda da confiança nas coerências espontâneas do mundo que se vive e expansão do desejo de controle. Ao surgir o apoderamento, vão aparecendo alguns modos de conviver na apropriação e na discriminação, e com a discriminação surgem as culturas centradas em relações de dominação, subjugação, hierarquia, e negação de si mesmo e do outro na autoridade e na obediência. Linhagens culturais de *Homo sapiens-amans agressans* e *arrogans*. No momento em que se perde a confiança nas coerências espontâneas do mundo, aparece o medo e a insegurança e a emoção guia nesta era é a desconfiança, o controle e o poder, que buscam o domínio sobre as coisas e sobre Deus. Credo recuperar através do controle e do poder, a confiança nas coerências do mundo que se vive.

Era Psíquica Moderna

Dinâmica emocional fundamental: *domínio da autoridade e alienação no poder.*

É a Era da expansão do saber da ciência e da tecnologia: conhecimento, apropriação e domínio do mundo que se vive porque se pensa e sente que o domina.

Vivemos na confiança de que podemos conhecer direta ou indiretamente o em si dos mundos que vivemos, e confiança de que o conhecimento do mundo ou dos mundos que vivemos dará validade universal a nossos argumentos e afirmações cognitivas. Atua-se na crença de que o conhecimento gerará bem-estar na humanidade.

Era Psíquica Pós-moderna

Dinâmica **emocional** fundamental: *Domínio do Conhecimento.*

É a era da dominação da ciência e da tecnologia: podemos fazer tudo o que imaginamos, se operarmos com as coerências operacionais do domínio em que o imaginamos. Somos onipotentes, somos deuses no fazer, os seres humanos são instrumentos para a realização de nossos desígnios.

Vivemos na hegemonia da liderança: apropriação da verdade, fanatismo, alienações ideológicas, na inovação, na manipulação, na desonestidade.

Vivemos a geração de dor e sofrimento na antepostera e na biosfera. Também nos movemos em nosso viver na busca da eternidade e na prisão da *solidão psíquica da alienação da onipotência.*

Era Psíquica Pós-pós-moderna

Dinâmica emocional fundamental: *Surgimento da reflexão e da ação ética conscientes*

É a Era da dor e do sofrimento na antroposfera e na biosfera que a alienação na onipotência gera; abre o espaço para a reflexão e o surgimento da consciência das alienações ideológicas e tecnológicas, e da dor e sofrimento que geram.

É a Era em que surge a responsabilidade ética na antroposfera e na biosfera desde a ampliação da consciência de que somos nós mesmos que geramos as dores e sofrimentos que vivemos na antroposfera e na biosfera. Começamos a viver o fim da liderança: abre-se o caminho à *reflexão-ação ética*, ao resurgimento da honestidade e ao desejo de colaborar e co-inspirar.

Surge a consciência e o entendimento da *matriz biológico-cultural da existência humana* que gera, realiza e conserva o humano como gerador do cosmos que vivemos como o âmbito relacional e operacional em que se dá o presente de nosso viver.

Vivemos as seguintes dimensões psíquicas: i) Consciência e desejo da reflexão-ação ética; ii) Consciência da pertença à antroposfera e à biosfera; iii) consciência de cuidado e responsabilidade pela biosfera e pela antroposfera.

Desta maneira, então, a era moderna é a era do fazer do conhecer, a era em que se fazem aparentes as capacidades humanas nos âmbitos do fazer e do explicar científico; a era em que nós seres humanos nos encontramos com capacidades tecnológicas que nos abrem portas de ação antes somente imaginadas. A era pós-moderna é a era do entendimento; a era em que tomamos consciência de que podemos fazer qualquer coisa que imaginarmos, se operarmos com as coerências operacionais do

âmbito relacional em que o imaginarmos; a era em que tomamos consciência das consequências do que fazemos, porém não nos comprometemos a atuar de acordo com essa consciência. Contudo, as consequências do que fazemos estão aí, podemos vê-las, ouvi-las, tocá-las, senti-las. O fato de nos comprometermos a atuar de acordo com a consciência que temos, por apego a nossas certezas, porque desejamos conservar de maneira consciente e inconsciente a onipotência de crer que podemos fazer qualquer coisa que nos ocorra conservando as coerências operacionais no domínio em que nos ocorra, ou seja, no apego ao poder e à onipotência, nos leva ao caminho do mal-estar.

E é desde este espaço psíquico que começa a era pós-pós-moderna. E começa quando nos damos conta de que sabemos o que sabemos que sabemos e de que entendemos o que entendemos que entendemos, e ao mesmo tempo nos damos conta de que esse saber que sabemos que sabemos, e esse entender que entendemos que entendemos, nos compromete com a ação; a era em que somos conscientes de que se não atuamos de acordo com o que sabemos que sabemos mentimos a nós mesmos e mentimos a outros, inclusive a nossos filhos: quando se sabe que se sabe não se pode pretender que não se sabe sem estar mentindo. A era pós-pós-moderna surge como a era da consciência ética em nosso viver e conviver, já que sabemos o que sabemos, que entendemos o que entendemos, o que nos compromete com a ação. No entanto, não nos compromete com qualquer ação; nos compromete com uma ação consciente e responsável de que as consequências de nossos atos não causem dano a outros, a era em que não queremos continuar enganando. Também gostaríamos de dizer que a era pós-pós-moderna ou a era da ética no viver e conviver é a era que gera um espaço operacional-relacional em que nós como seres vivos e seres

humanos em particular nos sentimos mais à vontade, mais em casa, dado que nossa ontologia constitutiva se orienta a viver e conviver como seres alegres, harmoniosos na conservação do bem-estar. É esta a era em que queremos viver em maior coerência com o mundo natural, é a era que nos coloca no centro de nosso ser seres amorosos.

Na medida em que agora sabemos que sabemos das consequências que nosso fazer tem no âmbito humano e ecológico que surge com nosso fazer, e atuamos de acordo com esse saber que sabemos, estamos transitando para a era pós-pós-moderna. Na era pós-pós-moderna estamos sendo mais conscientes do que teríamos que fazer na conservação da antroposfera e da biosfera de modo que se gere e conserve nelas o viver humano no bem-estar e na harmonia psíquica e operacional com outros seres vivos desde o respeito à legitimidade de sua existência. Passamos à era pós-pós-moderna quando nos damos conta de que a seriedade, a eficiência, e a criatividade socialmente responsável em qualquer fazer se expandem numa comunidade em que se vive no mútuo respeito e na autonomia na colaboração. Ao passar à era pós-pós-moderna, nos damos conta de que isto ocorre numa comunidade humana quando seus membros sentem que o que fazem tem sentido porque eles dão sentido com o seu viver isso; esta comunidade é uma comunidade ética.

Mas, como atuar? Qual é a conduta adequada para gerar esse conviver na espontaneidade de nosso sentir? Qual é a conduta adequada para realizar a passagem para a era pós-pós-moderna e conservar a espontaneidade da responsabilidade social cotidiana? O que deve ocorrer na alma do fazer das atividades produtivas ou de serviço? O que deve ocorrer na alma do fazer econômico-

político que abriu a possibilidade para esta mudança de era com tanta dor e sofrimento na antroposfera e na biosfera, para que esta mudança se dê de fato?

Sabemos que tem que acontecer e sabemos também que, em geral, se não temos de maneira imediata um proceder adequado à mão para fazer o que desejamos fazer, sempre poderemos conceber e realizar um proceder adequado, se o quisermos.

Isto é, sabemos ao passar à era pós-pós-moderna que não é falta de imaginação ou de capacidade tecnológica o que nos impediria de criar um fazer adequado para gerar o conviver no bem-estar que queremos, seja qual for a circunstância, a não ser o fato de não desejar fazê-lo.

Por que o Fim da Liderança?¹⁹

“Vivemos num tempo em que a maioria de nossos desafios que enfrentamos estão para além do poder da autoridade hierárquica. Os “líderes” nas posições hierárquicas visíveis simplesmente não têm o poder de alterar as forças sistêmicas com as quais conservamos o espaço entre os ricos e pobres, destruimos os ecossistemas e as espécies, o uso da água além do que é possível regenerar em certas regiões, a destruição da terra (dos cultivares), a geração de lixo e de tóxicos, e a geração de CO₂ em excesso em relação ao que a natureza pode absorver. Somente quando começarmos a nos dar conta de que “os que estão no poder” só

¹⁹ Estas reflexões aparecem com detalhe no ensaio de Dávila, X. e Maturana H. “A grande oportunidade: *fim da psique da liderança no surgimento da psique da gestão co-inspirativa*”. Em: Revista da Universidade de Chile: “Estado, Governo e Gestão Pública” Nº 10. Dezembro 2008. (Escrito em 2006).

podem usar sua influência na promulgação de novos sistemas acompanhados de mudanças mais amplas no jeito como temos criado um novo entendimento e uma nova ação, aqueles que estão em posições de autoridades hierárquicas poderão fazer sua parte. Isto sempre tem sido um marco de nosso trabalho em organizações onde temos falado muito da “liderança ecológica”, necessitada para uma mudança profunda. E é igualmente verdadeiro para os grandes sistemas. O “líder” em cada um de nós, não importando nossa posição, é obcecado pela crença de benefício próprio, no “líder” está a pessoa que nos permite não ser responsáveis. Estou pensando que talvez tenham razão no Instituto Matrízico e deveríamos somente declarar que esta é a era “do fim da liderança” para (paradoxalmente) criar coragem (valentia) e a audácia para cada um de nós “transpor o umbral” para nossas próprias capacidades de criar”²⁰

Neste presente que vivemos distinguimos nas pessoas desejos de bem-estar, alegria e harmonia com o mundo natural; ao mesmo tempo distinguimos muita dor e sofrimento em toda a humanidade, riquezas e misérias que nos levam a perguntar-nos como estamos fazendo nosso viver que, no momento de mais potencial criativo e de capacidade de ação de nossa história, geramos tanta dor em muitos no meio de bem-estar de poucos. Convidamos a olhar, a *saber olhar* nosso presente, e que o façamos sem temor e sem pretender ocultar o que vemos. Que vemos?

“Nos últimos 100 anos temos tecido uma rede de interdependência ao redor do mundo como nunca existiu antes; através de nossas escolhas diárias, da comida que comemos, dos carros que dirigimos, das coisas que compramos, da energia que usamos, temos agora o poder de afetar o viver das pessoas e das

²⁰ Peter Senge em comunicação pessoal reflexionando sobre o que viveu num Curso de Biologia-Cultural do Instituto Matrízico em Boston, Estados Unidos.

espécies no outro lado do planeta. E eles podem afetar-nos. Mas ao mesmo tempo, no que esta interdependência tem crescido, nossa habilidade de entender tem diminuído. Não sabemos de onde vem nossa comida, água ou energia, assim como não vemos as consequências de como chegam a nós. Muitas crianças norte-americanas pensam, de fato, que a comida vem dos mercados.”²¹

Sabemos que com nosso viver geramos continuamente o mundo que vivemos, e que o mundo que geramos em nosso viver modifica recursivamente nosso viver e nosso conviver, constituindo uma antroposfera que como trama ecológica do conviver humano surge como parte integral da biosfera, numa dinâmica recursiva que não se detém nem se deterá, a não ser com nossa extinção. Nestas circunstâncias, se olharmos o presente que vivemos, poderemos ver o surgir da era pós-pós-moderna na crescente presença em nosso conviver cotidiano de reflexões e considerações ecológicas e éticas. Reflexões e considerações ecológicas e éticas que surgem numa mudança de consciência desde o saber que sabemos que o bem-estar na antroposfera só pode surgir e conservar-se como um ato cotidiano individual de criatividade em nosso conviver.

O fazer econômico-político não é nem pode existir alheio a esta mudança de consciência, já que esta surge em boa medida como resultado das mudanças no habitar humano que sua presença traz consigo na antroposfera. De fato, atualmente nenhuma comunidade humana é possível sem as atividades produtivas empresariais, tanto porque estas constituem agora parte intrínseca do âmbito ecológico da antroposfera que vivemos, como pela transformação global da própria biosfera que foi

²¹ Ibid.

surgindo como resultado sistêmico-sistêmico²² da conservação do seu operar.

Nesta transformação da antroposfera e da biosfera, a magnitude da presença do fazer econômico e a magnitude das consequências desse fazer em nosso viver e conviver humano, faz necessário reflexionar sobre o caráter desse fazer como um aspecto de nosso conviver cotidiano. O fazer econômico sob a noção de livre empresa e livre mercado é visto como um fazer que, por surgir de uma iniciativa privada, pode chamar-se privado, embora num sentido estrito sempre tem consequências públicas na comunidade em que surge, que o faz possível, e que o sustenta. Contudo, embora qualquer fazer como uma atividade que ocorre no fluir do viver e conviver de uma comunidade humana participa ao mesmo tempo destas duas dimensões relacionais (privadas e públicas), neste momento fazemos notar a ênfase que no presente se põe na separação do privado e do público como se se tratasse de relações opostas e excludentes. Assim, ocorre que agora nos encontramos num presente histórico em que se espera que a criatividade dos membros de uma organização esteja orientada mais para o lucro, do que para o bem-estar das comunidades internas e externas que a fazem possível. E tem mais, isto ocorre sem que se reconheça que na transformação da antroposfera e da biosfera que as organizações geram, a tarefa central de tais organizações é agora essencialmente de serviço público, e sem ver que a orientação exclusiva para o lucro constitui um curso que arrasta a antroposfera para o descalabro ecológico e humano. Sabemos isto há muito tempo, mas só há pouco estamos aceitando que sabemos que o sabemos.

²² Recordemos a **Lei sistêmica # 8**: Cada vez que num conjunto de elementos começam a conservar-se certas relações, abre-se espaço para que tudo mude em torno das relações que se conservam". Maturana, H. E Dávila X. Habitar Humano em seis ensaios de biologia-cultural. São Paulo: Palas Athena, 2009

A satisfação das adições ao lucro e ao poder da era pós-pós-moderna requer que as planificações que fazemos dêem resultados, e para que isto ocorra se requer impecatilibade na realização do planejado, e para o que planejado tenha sucesso requer-se que as pessoas que participam de sua realização não cometam erros, que não mudem de opinião, que não tenham iniciativas que não tenham sido consideradas; em suma, requer-se que se conduzam como robôs. O que pode aparecer como maravilhoso nos robôs é que, salvo erro em sua construção, acidente relacional ou erro em seu uso, comportam-se de maneira impecável e predizível segundo seu desenho. Os seres vivos em geral, e os seres humanos em particular, não somos assim, não somos robôs. Nós seres humanos queremos pensar, queremos reflexionar, queremos mudar de opinião, queremos ter iniciativa, queremos participar daquilo que fazemos. Queremos ser vistos e escutados como seres inteligentes e criativos. De fato, quando nos encontramos num âmbito laboral em que se quer operar na certeza de que se obterão os resultados desejados em algum projeto particular, procura-se fazer qualquer coisa para garantir que os que participam da realização desse projeto atuem com plena precisão, de acordo com o que se considera ser o procedimento adequado para obter esses resultados. Isto é, queremos desenhar a conduta de nossos “colaboradores” e empregados com prêmios, castigos, e argumentos racionais, de modo que se comportem segundo nossas especificações. Enfim, queremos que eles se comportem como robôs multidimensionais em que podemos confiar. Reconheçamos ou não, esta é a tarefa da liderança. No entanto, a efetividade de uma liderança, qualquer que seja sua denominação (amiga, acolhedora) sempre dura pouco tempo porque as pessoas querem ser partícipes criativos, e se não o são logo se cansam, se aborrecem, e querem outra coisa.

A liderança requer que os liderados abandonem sua própria autonomia reflexiva e se deixem guiar por outro, confiando ou submetendo-se a suas diretrizes ou desejos, seja por se sentirem inspirados, ou por temor de perder algo, sem acesso a queixa ou a pergunta reflexiva. No entanto, a inspiração nos *fazer*es de um grupo não dura na ausência de participação criativa, e tanto as queixas como as perguntas reflexivas não podem ser retidas indefinidamente sem que surjam frustração, raiva ou desgosto.

Quando se concebe um fazer que requeira um procedimento particular que somente se pode cumprir mediante a conduta acordada dos que o realizam, é a natureza do fazer e da conduta acordada que o executa, aquilo que define a ordem e a precisão do que se faz, não um líder. A história cultural da era pós-pós-moderna nos mostra que se se quer obter a conduta acordada mediante o operar de uma liderança, cedo ou tarde as exigências e restrição reflexiva que isto implicam levam à queixa, ao desgosto e à dor: a liderança deixa de ser efetiva, pois as pessoas querem ser responsáveis pelo que fazem. Mas esta história também nos mostra que o renascer da reflexão e da ação éticas a partir da dor e do sofrimento da era pós-moderna que nos leva à era pós-pós-moderna, ao trazer consigo a presença integral do ser humano, abre o caminho para a colaboração desde a autonomia reflexiva e de ação na co-inspiração de qualquer projeto comum. É a isto que nos referimos quando falamos do *fim da liderança no nascimento da colaboração na co-inspiração*.

Dito de outra maneira, propomos reconhecer que no presente vivemos a mudança de consciência que leva ao *fim da liderança* e ao começo intencional de uma *gestão co-inspirativa*.

A gestão co-inspirativa

A colaboração ocorre quando o que se faz com outros é feito no prazer de fazer e vivido, portanto, desde a autonomia reflexiva e a liberdade de ação. E desde a colaboração à co-inspiração ou inspirar-se com outros ante um fazer, num espaço psíquico de respeito, confiança, que nos dá segurança e expande nosso fazer inteligente e criativo. Esta co-inspiração ocorre quando desde o prazer da colaboração se concebe e gera um projeto que nasce comum porque todos os que participam nele atuam vivendo o âmbito de coerências operacionais de sua realização como um espaço de ação e reflexão que lhe transmite respeito, autonomia, responsabilidade e liberdade reflexiva, qualquer seja seu fazer. A colaboração e a co-inspiração são espaços psíquicos que constituem âmbitos de convivência no fazer e no reflexionar onde a seriedade, a responsabilidade, a eficiência e a qualidade do que se faz, sozinho ou com outros, surge da consciência de que a pessoa sabe que faz o que faz porque quer fazer, e sabe que o que faz tem sentido para ele ou ela, porque participou de algum modo em sua gestação. Enfim, a colaboração e a co-inspiração não são possíveis na liderança (seja qual for sua denominação ou apelido), porque o espaço psíquico desta implica sempre a negação de si mesmo na perda da autonomia reflexiva e de ação. A liderança, seja qual for o seu começo, ocorre na coordenação da obediência e na subjugação; daí a transitória que é sua efetividade. Ao se restringir a autonomia de reflexão e ação no espaço psíquico que surge com a liderança, se restringem a criatividade e os desejos de participar, pois se restringe a inspiração. Por isso, ao se abrir o espaço da convivência ética no fazer organizacional com a emergência da era pós-pós-moderna, a liderança desaparece. E ao desaparecer a liderança, abre-se o espaço psíquico em que é possível criar o que estamos chamando a **gestão co-inspirativa** como a forma de guiar a coordenação dos *fazeres* e reflexões em qualquer campo produtivo, com conversações de coordenação dos desejos e das ganas de fazer o que se sabe fazer nesse

campo, e de estar disposto a aprender o que não se sabe. A gestão co-inspirativa se funda no mútuo respeito e na consciência de que desde o respeito por si mesmas as pessoas querem fazer responsável e seriamente o que sabem fazer, e querem aprender também responsável e seriamente o que não sabem fazer, porque desde o respeito por si mesmas querem cumprir seus compromissos. Todos preferimos colaborar a obedecer; todos preferimos ter presença no que fazemos a ser meros peões trabalhadores; todos preferimos ser autônomos e reflexivos em nosso fazer desde o entendimento de sua natureza e de seu significado, e desse modo ser pessoas participantes num projeto comum, a ser subordinados robóticos. Todos desejamos que nosso fazer seja distinguido como um *fazer impecável*.

A liderança se acaba porque ao negar a autonomia reflexiva das pessoas, nega os fundamentos da conduta responsável, e logo fracassa em sua tentativa de obter qualidade e eficiência no fazer acordado de qualquer âmbito produtivo. Assim seu fim ocorre desde a alma dos “liderados” ante sua urgência psíquica e operacional por recuperar a reflexão e a ação éticas como aspectos centrais da convivência laboral. Com o fim da liderança e o começo da **gestão co-inspirativa**, recupera-se a seriedade no fazer desde a consciência de que se sabe o que se sabe, e na tranquilidade de que um conviver no mútuo respeito permite dizer “não sei” sem medo de um castigo, porque se sabe que o que não se sabe se pode aprender e se quer aprender. Na gestão co-inspirativa sabe-se que os erros não são mentiras, e sabe-se também que seu reconhecimento abre os espaços reflexivos que levam a mudar as circunstâncias que deram origem aos erros. Num mundo cambiante haverá erros, e haverá conhecimentos que ficarão obsoletos, mas a conduta inteligente e a contínua abertura para a reflexão que corrige os erros e expande

a conduta criativa oportuna que o mútuo respeito traz consigo nunca ficarão obsoletas. Quando, num mundo que se vive como um presente em contínua mudança, convivemos sem medo do erro ou da equivocação, num espaço psíquico aberto ao mesmo tempo à reflexão e às conversações colaborativas, vivemos nossa sensorialidade cambiante na serenidade e na segurança, sem ansiedades ou angústias. Isto é, vivemos no espaço emocional de harmonia psíquica e corporal que chamamos bem-estar. E isto não é trivial, já que as emoções como domínios relacionais são o fundamento de todo nosso fazer.

Os três pilares da conduta social responsável espontânea

Sabemos que os seres vivos nos deslizamos no viver numa contínua deriva estrutural e relacional num curso que se constitui instante a instante desde a conservação da sensorialidade do bem-estar no fluir de nosso fazer e de nosso sentir relacional, ao fazer em cada instante o que queremos fazer. É por isso que o curso que segue nosso viver não surge guiado pela razão, e sim, por nossas emoções, nossas preferências, nossas adições, nossos desejos... nossas ganas, que são além do mais o que de fato funda nossa escolha das razões ou motivos com que justificamos o que fazemos em qualquer domínio de nosso viver, quando pensamos que temos que justificá-lo. E é por isso mesmo que, se quisermos compreender as alegrias, as dores, as harmonias e os conflitos de nosso presente, devemos olhar o curso do fluir do emocionar que tem guiado o devir de nosso viver ao longo de nossa história, de modo que estamos vivendo o que vivemos no presente que agora vivemos. Isto é, o querer obter o que se deseja desde a adição ao lucro, ao poder, ou a ambos, o que tem guiado momento a momento nossa busca de saber e a orientação do que fazemos

com esse saber na era pós-moderna. Ou, dito de um modo mais direto, o fato de o fazer empresarial e produtivo na era pós-moderna ter-se centrado no apego ao lucro e ao poder como guias do uso do saber que os faz possíveis, é o **que tem gerado** as imensas dores, sofrimentos e faltas de equidade que vivemos atualmente na antroposfera e na biosfera. Ainda mais, é precisamente porque são nossas emoções o que guia o curso de nosso viver, que agora é a consciência da dor e do sofrimento que temos gerado desde os apegos ao lucro e ao poder na era pós-moderna o que nos projeta para a era pós-pós-moderna e nos leva ao ressurgimento da consciência ética no viver cotidiano que inicia o fim da liderança.

Isto é, o que faz surgir a era pós-pós-moderna é a mudança de substrato epistemológico que ocorre em nosso viver relacional quando nos fazemos conscientes de que sabemos que sabemos que a dor e o sofrimento da era pós-moderna nós mesmos o geramos com nossos apegos ao lucro e ao poder. E é esta mudança de consciência o que faz possível que os seres humanos reapareçamos diante de nós mesmos dando-nos conta de que somos seres biologicamente amorosos e de que o somos desde nossas origens como *Homo sapiens-amans amans* há mais de três milhões de anos.

Como dissemos acima, “a era pós-pós-moderna é a era em que somos conscientes de que se não atuamos de acordo com o que sabemos que sabemos, mentimos a nós mesmos ao mesmo tempo que mentimos a outros, inclusive a nossos filhos e aos filhos de nossos filhos”. Sabemos da dor e do sofrimento que temos gerado na adição à onipotência da era pós-moderna e não queremos pretender mais que não sabemos. Quando se sabe que se sabe não se pode pretender que não se sabe, e se sabe que quando se pretende que não se sabe, se mente.

Saber que sabemos que não queremos continuar mergulhados na psique da onipotência da era pós-moderna constitui o estado de consciência em que “me apercebo de que já não sou nem somos cegos ao suceder desta era”. E este dar-nos conta é o que gera a mudança de consciência que dá origem ao surgimento da era pós-pós-moderna e faz possível que nos eduquemos em nosso viver cotidiano no operar ético que se funda no que temos chamado os três pilares da conduta ética espontânea ou os três pilares da conduta social responsável. Esses três pilares são *o saber, o compreender e o ter à mão uma ação adequada à circunstância que se vive*, e constituem o fundamento de onde surge nosso atuar ético espontâneo nas distintas encruzilhadas relacionais em que temos que escolher o que fazer no âmbito de nossa convivência social. O *saber* se refere ao dar-se conta da natureza da encruzilhada social e ecológica que se vive e das ações entre as quais se tem que escolher; o *compreender* refere-se ao dar-se conta das distintas consequências sociais e ecológicas (visão sistêmica) que teriam na antroposfera e na biosfera as distintas ações entre as quais se tem que escolher; e o *ter uma ação adequada à mão* refere-se a dispor dos meios (tê-los à mão) adequados para realizar as ações escolhidas. Quando não se *sabe* há cegueira e não há consciência de que é preciso atuar; quando não se *compreende* de que se trata o que se sabe não há possibilidade de conceber uma ação adequada à encruzilhada social e ecológica que se vive; e quando não há uma *ação adequada à mão*, quando não se dispõe de um fazer oportuno, há paralisia, depressão, abandono, raiva e indignação. Se se sabe qual é a encruzilhada relacional social e ecológica que se vive na antroposfera e quais são as ações possíveis; se se compreendem as possíveis consequências na antroposfera e na biosfera de escolher uma ou outra dessas ações possíveis, e se se tem a ação adequada

(ética) à mão, não é possível não escolher a conduta social responsável sem atuar de má fé.

Ao surgir a era pós-pós-moderna, a compreensão do operar dos três pilares da conduta social responsável faz desses três pilares uma oportunidade reflexiva para pôr como o fundamento de qualquer fazer organizacional a inspiração ética, primeiro de maneira intencional e em seguida de maneira espontânea no mútuo respeito de uma convivência humana no bem-estar. Em outras palavras, o novo olhar e sentir que emerge com o substrato epistemológico unitário que recupera a visão ética no viver cotidiano e traz consigo o surgimento da gestão co-inspirativa junto com o fim da liderança ao passar à era pós-pós-moderna, implica pôr a reflexão e a ação ética como elemento reflexivo e operacional básico em todos os *fazeres* do âmbito produtivo. O principal no fazer organizacional já não serão somente as vantagens econômicas como se estas fossem um bem em si, mas ao contrário, agora o central será o bem-estar em todas as dimensões do conviver social humano que contém e faz possível a ação ética.

Temos dito que no começo da era pós-pós-moderna os seres humanos nos vemos criadores de um fazer produtivo e de serviço que tem sido e ainda é gerador de uma antroposfera destruidora das condições que fazem possível a existência e a conservação da biosfera como um habitar no qual os seres humanos podemos viver em coerência sistêmica-sistêmica com os outros seres vivos da terra no bem-estar ecológico e ético. Ao mesmo tempo temos dito que ao expandir nosso olhar vemos o contexto em que ocorre nosso viver e ao mesmo tempo nossa participação na geração desse ocorrer, ocorrer que não nos agrada.

É mais, nesse ver vemos a dinâmica recursiva das consequências do que fazemos ou não fazemos, e ao ver que somos geradores dos mundos que vivemos desde nosso fazer (e não fazer) vemos também as consequências que isto tem em todas as dimensões do habitar dos outros seres vivos com os quais compartilhamos e co-criamos a biosfera que nos faz possíveis. Enfim, ao expandir nosso olhar vemos que somos responsáveis pelo surgimento de tudo o que é bom e de tudo o que é mau em nosso viver ao ser geradores desde o que fazemos, seja com nossas mãos, com nosso pensar, com nosso teorizar e com nosso explicar, de todas as dimensões de todos os mundos que vivemos. Não importam as circunstâncias em que vivemos nosso viver, nós seres humanos somos criadores, e por isso responsáveis tanto pelo que fazemos em nossa vida doméstica, como nos múltiplos mundos que vivemos desde nosso fazer filosofia, arte, religião, ciência ou tecnologia como distintos modos de habitar humano. Contudo, neste mesmo olhar nos damos conta também de que nossos *fazeres* produtivos ou de serviço não têm por que ser destruidores das condições que fazem possível nosso habitar como um habitar ético e socialmente responsável se não quisermos que seja assim, já que possuímos todas as capacidades e conhecimentos para fazer tudo o que fazemos gerando uma antroposfera em equidade e bem-estar no mútuo respeito, abandonando nossos apegos exclusiva ao lucro e ao poder.

De fato, como também dissemos no início, “vivemos um momento em nosso devir histórico em que nos achamos podendo fazer tudo o que imaginarmos, se operarmos com as coerências operacionais do âmbito relacional e operacional no que o imaginarmos”. E é talvez por isso mesmo que também agora, ao nos darmos conta de nossa responsabilidade total na contínua

transformação do habitar que geramos, nos perguntamos: que fazer? E nos perguntamos: que fazer? Porque a dor e o sofrimento que geramos em nosso apego exclusivo ao lucro e ao poder é tão grande que nos atinge também reursivamene no viver de nossos filhos, de nossos amigos e em nossa dignidade, tanto que começamos a nos dar conta de que não queremos mentir nem mentir mais a nós mesmos, quando começamos a passar à era pós-pós-moderna, ao nos perguntarmos: que fazer para sair da armadilha que nós mesmos criamos para nós? Como sair de um modo de conviver no qual estamos dispostos a aceitar qualquer coisa desde que *conservemos nossos apegos* exclusivos ao lucro e ao poder?

Sabemos que sabemos que podemos fazer qualquer coisa que queiramos fazer se o quisermos fazer; e sabemos que sabemos que se quisermos fazê-lo podemos entrar na busca ou no desenho intencional de fazer adequado o que nosso saber e nosso entender e compreender nos indicam. Isto é, se quisermos, podemos conceber um operar de **reflexão e ação ética** em nosso fazer empresarial que nos permita sair da armadilha auto-destruidora que nós mesmos geramos na era pós-moderna, no apego à onipotência. Se quisermos, podemos criar juntos um conviver no qual se conservem no respeito por nós mesmos o respeito à diversidade, à estética e ao prazer da amizade na co-inspiração da criação de um conviver no bem-estar sem buscar a perfeição.

A grande oportunidade

Esta é a grande oportunidade do fazer organizacional na era pós-pós-moderna. O dinheiro como energia e o conhecimento como capacidade de ação são dons divinos e não demoníacos, se não entramos nas tentações do apego à onipotência. Se nos encontramos no apego à onipotência, toda nossa criatividade, toda nossa inovação fluirá em torno da conservação do poder a qualquer preço, e nossa organização se transformará cega a tudo o que não contribua para esta ambição; a ética, as considerações sobre danos à ecologia, à saúde e à estética do viver serão dispensáveis; a fraude, as drogas, a contaminação, assim como a mentira, embora digamos o contrário, serão aceitáveis. Enfim, tudo o que não contribua diretamente para nosso apego à onipotência será caro e difícil, ou diremos que não existem nem os conhecimentos nem as tecnologias necessárias, embora saibamos que temos capacidade para fazer qualquer coisa, se quisermos. Se nos encontramos no apego ao poder, tudo o que não pareça conduzir à subjugação de outros será fraqueza, assim toda nossa criatividade, toda nossa inovação fluirá em torno da conservação do poder a qualquer preço, e nossa vida se transformará cega a tudo o que não contribua ao incremento de nosso poder; a ética, as considerações sobre dano ecológico ou de saúde, a dignidade, a vida humana serão dispensáveis; a fraude, as drogas, a vingança, a manipulação e a mentira, embora digamos o contrário, serão oportunidades aceitáveis para satisfazer nossa busca onipotente. Enfim, tudo o que não nos leve à onipotência e ao poder será indesejável, difícil e ameaçador, e criaremos teorias que justificando-nos nos desejos de onipotência e de poder nos ceguem ante o dano que geramos desde esses apegos.

Ao sair do apego à onipotência da era pós-moderna e ao se iniciar com isso a era pós-pós-moderna, nos damos conta de que somos

nós mesmos que geramos a dor e o sofrimento que vivemos na antroposfera e na biosfera, e como num despertar, nos vemos abandonando os apegos ao lucro e ao poder no emergir de nossa consciência ética em nosso conviver cotidiano. Como acontece?

Este surgir de nossa consciência ética é possível porque somos biologicamente seres aos quais a dor e o sofrimento de outros comovem, porque se veem a si mesmos neles, a menos que, sem saber, neguemos validade a esse ver, movidos por um argumento racional que pretende justificar algum apego. As eras moderna, pós-moderna e pós-pós-moderna, de que estamos falando, são, como distintos momentos históricos do conviver humano, distintos espaços psíquicos, distintos modos de sentir e de atuar relacional, distintos substratos epistemológicos de onde vivemos nosso viver.

No fluir de nosso devir histórico entramos e saímos dos distintos espaços psíquicos que vivemos desde uma mudança de consciência que emerge a partir de uma mudança emocional que como uma mudança de entendimento e compreensão do viver que vivemos nos avassala e abre ou fecha nosso olhar reflexivo no âmbito da conduta ética. Mesmo quando as mudanças de consciência que vivemos nos acontecem de maneira espontânea e não intencional, é possível facilitar aqueles que ampliam nossa consciência ética com um processo reflexivo que nos permita dar-nos conta de que somos nós mesmos os forjadores da dor e do sofrimento que geramos nos outros e em nós mesmos no apego à onipotência da era pós-moderna, e que portanto podemos sair dessa armadilha psíquica que nos leva a nossa própria destruição.

Que fazer, se estamos habituados a exigir e a obedecer, a cair no tédio ou na queixa da não participação e a mentir desde o medo de ser castigados?

Temos falado do apego à onipotência e ao poder como dimensões emocionais centrais da era pós-moderna, e o temos feito referindo-nos principalmente ao fazer econômico-político, porque este fazer se converteu numa dinâmica transformadora e conservadora enorme, que se fez central na realização dos processos da antroposfera, e através desta, da biosfera. Isto, contudo, não quer dizer que a onipotência e o poder sejam apegos constitutivos do fazer econômico-político; não são. Estes são apegos próprios da cultura patriarcal-matriarcal que atualmente se estendeu por todos os continentes desde sua origem há uns quinze mil anos na Ásia central. Nossos meninos e meninas os aprendem conosco, os mais velhos, que como membros de nossa cultura patriarcal-matriarcal os praticamos em todos os aspectos de nosso conviver, e em particular nos âmbitos produtivos e de serviço. Este último é assim porque na cultura patriarcal-matriarcal se pensa que a única coisa que pode assegurar ordem, acordo e eficiência num fazer que implica a participação de muitas pessoas é a autoridade (liderança) e a obediência. Mas agora sabemos que isto não acontece. A liderança não gera a ordem, o acordo, a qualidade e a eficiência que promete, e se por algum tempo parece que o faz, não é pela liderança, mas antes como resultados das oportunidades acessórias que se abrem apesar dela para que surjam relações de amizade e com elas o desejo genuíno de colaborar. Enfim, também ocorre que surgem autoridades secundárias que, sob a proteção consciente ou inconsciente de uma autoridade maior, obtêm o que parece ser maior efetividade com a manipulação do medo. Ninguém gosta de obedecer, ninguém gosta de ser negado. Quem gosta de atuar

de maneira irresponsável ante um acordo adotado com honestidade num domínio de mútuo respeito? A negação que implica a obediência gera ressentimento e tédio.

A história dos seres vivos em geral, e dos seres humanos em particular tem transcorrido e transcorre como um devir que segue primariamente um curso inconsciente que se constitui instante a instante desde a sensorialidade que conserva o viver do organismo como um estar em cada instante conforme com o viver psíquico e fisiológico que se vive nesse instante.

Ao falar de bem-estar conotamos esse sentir de conformidade relacional e de harmonia sensorial que um organismo vive de maneira inconsciente ou consciente no fluir de seu viver em qualquer circunstância de conservação de seu viver. Quando o organismo sente que está perdendo essa harmonia sensorial, sua dinâmica sensorial e motora muda para uma dinâmica conservadora e recuperadora dessa harmonia sensorial. Isto é, vivemos a sensorialidade do bem-estar como um equilibrista vive a sensorialidade do equilíbrio, movendo-se de maneira consciente ou inconsciente para recuperá-lo quando sente que o perde. Do mesmo modo que o o equilibrista conserva a sensorialidade do equilíbrio mudando sua corporalidade e sua relação com seu entorno cambiante enquanto caminha pela corda bamba, o ser vivo conserva a sensorialidade do bem-estar mudando sua corporalidade e sua relação com seu entorno cambiante enquanto realiza seu viver, seja ele qual for. Um organismo conserva o bem-estar em seu viver como uma relação invariante de congruência operacional com seu nicho ou circunstância, enquanto a forma em que essa relação se realiza muda continuamente no curso de seu viver. Isto ocorre do mesmo modo que um equilibrista conserva

seu equilíbrio como uma relação invariante de congruência operacional com sua circunstância enquanto sua forma corporal muda continuamente ao caminhar sobre a corda bamba sem cair.

Cada ser vivo vive a realização de seu viver como um ocorrer de mudanças estruturais e relacionais que seguem um curso definido momento a momento desde a conservação do bem-estar na realização de seu viver. A conservação do bem-estar define em cada instante a orientação relacional e operacional que segue do viver de um ser vivo. As distintas classes de seres vivos vivem de maneiras distintas a conservação básica do bem-estar de acordo com o seu modo de viver. Assim, em nosso caso, o fluir de nosso viver como seres humanos inclui nosso operar em redes de conversações de ação e reflexão, nas quais podemos olhar nossos sentires e modular recursivamente instante a instante a orientação que segue nosso viver na conservação de nosso bem-estar, de acordo a como nos sentimos com nosso sentir em cada instante.²³ Quer dizer, é desde a contínua modulação de nossos sentires que ocorre instante a instante como um aspecto central do curso de nosso viver em conversações de reflexão e ação, que a forma relacional do que constitui nosso bem-estar muda em cada instante segundo o que sentimos, pensamos e desejamos em relação aos mundos que geramos com nosso viver. Disso resulta que sempre nos deslizamos em nosso viver na conservação da sensorialidade do que vivemos como nosso bem-estar, ainda que vivamos nosso presente com dor e como algo indesejável.

Sempre fazemos em cada instante o que sentimos; é o fazer que conserva nosso bem-estar neste instante. De fato, a mudança de

²³ A modulação recursiva do sentir do bem-estar com o fluir de mudança que se produz no sentir do organismo no curso de seu viver é própria de todos os seres vivos nos quais se dá o sentir do sentir que se vive.

configuração dos sentires que constituem o bem-estar de um organismo muda com o fluir do viver em todos os seres vivos com ou sem *linguajear* como resultado de sua contínua mudança estrutural no curso de sua epigênese. O peculiar ao humano é que em nós nossa epigênese ocorre em redes de conversações que constituem a antroposfera como o espaço relacional-operacional no qual se conserva nosso viver e conviver na conservação de nosso acoplamento estrutural na biosfera²⁴.

Enfim, são nossos fundamentos biológicos no fluir de nosso viver na conservação do bem-estar que nos oferecem o caminho fora da armadilha dos apegos da cultura patriarcal-matriarcal desde o próprio centro do fazer produtivo e de serviço. Isto ocorre quando o olhar reflexivo que nos abre à compreensão da dor que geramos no apego à onipotência de nosso fazer produtivo e de serviço patriarcal-matriarcal desloca nosso sentir e nossa configuração relacional da conservação do bem-estar em nosso conviver, levando-nos a atuar desde a nova consciência e postura epistemológica unitária que essa compreensão implica. É a isto que nos referimos ao mostrar o fim da liderança e propor em contrapartida a gestão co-inspirativa como a forma de pôr a reflexão e a ação ética como fundamentos de tudo o que fazemos na antroposfera.

A gestão co-inspirativa é a arte e ciência do escutar, do ver e do convidar a atuar desde o saber e compreender que somos e como somos geradores dos mundos que vivemos, conscientes de que nossos saberes são apenas instrumentos para fazer o que queremos fazer. *Nós seres humanos gostamos de colaborar, gostamos*

²⁴ Isto é visível na mudança na configuração das relações de bem-estar que um organismo vive quando muda seu emocionar. As mudanças de espaço relacional que vemos nos organismos segundo seu emocionar são de fato mudanças na configuração relacional de seu fluir no bem-estar que ocorrem em seu viver na dinâmica recursiva de seu emocionar. Cada vez que nos parece que um animal duvida sobre o curso de seu fazer está num ato recursivo de sentir seu sentir.

de participar, gostamos de fazer bem o que fazemos, gostamos de cumprir nossos acordos, gostamos de ter presença no que fazemos. Todos sabemos como experiência de nosso próprio viver, sós ou com outros, que ser vistos, ser escutados, participar de um conviver fundado na confiança mútua, isto é, no amar, expande nossa conduta criativa, expande nossa conduta inteligente, expande nosso ver, nosso ouvir, e expande o desejo de ser impecável na qualidade do que fazemos, em qualquer domínio. E não somente sabemos disto, mas queremos viver assim porque nos faz bem em todas as dimensões de nosso viver.

A história dos seres vivos tem transcorrido num devir de contínua mudança em torno da conservação do viver; por que não poderíamos nós seres humanos gerar uma história cultural de contínua mudança em torno da conservação do bem-estar no respeito mútuo e na co-inspiração reflexiva, que leva a conservar esse conviver e a corrigir os erros que nos afastam dele em todas as redes de conversações que venhamos a gerar?

Vivemos gerando continuamente uma antroposfera cambiante que surge com nossos *fazeres* cotidianos em redes de conversações. Tudo o que fazemos como seres vivos humanos nós o fazemos em redes de conversações domésticas, tecnológicas, científicas, filosóficas, artísticas, de coleta ou de cultivo de alimentos,... e o fazemos como fazem os castores, as formigas,... ou qualquer ser vivo num curso evolutivo gerador de diversidades em torno da conservação do viver. A única peculiaridade de nosso fazer é que fazemos tudo isso como um fazer humano em redes de conversações sendo conscientes ou com a possibilidade de ser conscientes do que fazemos.

Então, por que não fazer o que fazemos numa co-inspiração recursiva em torno da conservação do bem-estar de um conviver no mútuo respeito onde se tem presença e participação na realização cotidiana desse projeto comum? Por que não decidimos operar com nossas organizações pondo no centro de nosso fazer a reflexão e ação ética conscientes dos três pilares da conduta social responsável? Difícil, caro? Tememos perder privilégios, riquezas, vantagens que satisfazem nossa sede de onipotência?

Sim, mas sabemos que sabemos que geramos dano e sofrimento em nossa antroposfera: e sabemos que sabemos que vivemos um presente histórico no qual podemos fazer qualquer coisa que queiramos fazer se o quisermos fazer, inclusive sabemos que podemos ser empresários éticos capazes de atuar com consciência e confiança social.

Que teoria, que justificativa racional nos detém e nos leva a não querer pôr no centro de todo o nosso fazer a **reflexão e ação ética** como um aspecto natural de nosso conviver?

Como queremos ser lembrados por nosso filhos, filhas e netos ou netas? Como queremos ser lembrados por nossos concidadãos?

Nós no Instituto Matríztico pensamos que se aceitamos este convite reflexivo que aqui compartilhamos com tantas pessoas que desejam abrir espaços de co-inspiração e colaboração, estaremos colaborando na conservação de um viver humano que como tal nos possibilita viver e conviver em total harmonia com o mundo que *trazemos à mão*²⁵ em nosso viver.

²⁵ Criamos

Ainda mais, estaremos abertos à transformação de todos os nossos espaços de convivência sem que dessa transformação surjam modos de viver que conservem a dor ou o sofrimento através da legitimidade de nós mesmos, dos outros ou de tudo o mais.

O resultado de um processo não é nem pode ser um fator no suceder do processo que lhe dá origem. O resultado de um processo não opera nem pode operar como fator para o início do processo que lhe dá origem. O resultado e o processo que lhe dá origem pertencem a domínios disjuntos não redutíveis um ao outro. Nada ocorre no suceder do viver ou dos processos que constituem a realização do viver dos seres vivos, ou no suceder do cosmos que o observador traz à mão em suas operações de distinção ao explicar em seu viver, por ser o resultado desse suceder necessário ou desejável para esse ocorrer.²⁶

Nossa tarefa, nosso convite

Como Instituto Matríztico estamos convidando nesta tarefa junto a Dennis Sandow e Gabriel Acosta-Mikulasek na sede do IM nos Estados Unidos, junto a Rodrigo da Rocha Loures, Margarita Bosch, Guilherme Branco, entre outros e outras pessoas da FIEP e da UNINDUS no Brasil, junto a Peter Senge e Hue Shue do MIT e da SOL, Juanita Brown e World Café, Deborah Higgins da Fundação Feltzer, Miguel Maliksi nas Filipinas, junto a Christopher Kindblad e seus colegas da Universidade de Halmstad, junto a Luis Grajeda da Agenda 21 na Guatemala, junto a Oscar Azmitia e da Universidade de La Salle em Costa Rica, junto a Rodrigo Jordán e Ana María Bravo da Vertical no Chile, junto a Alejandro Morales, José Manuel Saavedra, Cristián Moraga e seus colegas e equipes de trabalho na Mutual de

²⁶ Lei sistêmica do Resultado e Resultar. Ximena Dávila e Humberto Maturana, em *Habitar Humano*: em seis ensaios de Biologia-Cultural – São Paulo: Palas Athena, 2009

Seguridad no Chile, junto a Edmundo Ruíz e sua equipe no Conselho de Defesa da Criança no Chile, junto a Gloria Cano de EPM e Ana María Estrada de Colegiatura na Colombia, junto a Claudio Yusta no Brasil, junto a Luis Flores de Consumidores International na América Latina, junto a Joan Quintana na Espanha, Junto a Omar Ossés na Argentina, junto a Sayra Pinto nos Estados Unidos. Em última análise, convidamos todas as pessoas adultas que desejem colaborar na ampliação do olhar que surge do entendimento da origem, conservação e transformação do humano, que nós conotamos quando falamos de biologia-cultural.

Um convite a ver que todo bem-estar humano é de origem cultural é um convite que só podemos aceitar desde nosso viver e conviver no mundo que *trazemos à mão*²⁷, se assumimos que somos responsáveis pelo mundo que vivemos e em que convivemos com os outros e se vivemos esse dar-nos conta como um viver ético que surge naturalmente ao viver no entendimento que a biologia-cultural nos mostra.

Um convite para uma era pós-pós-moderna de co-inspiração e colaboração que redunde na educação social como caminhar na superação da pobreza e na conservação harmoniosa do bem-estar na relação antroposfera-biosfera desde o respeito por si mesmo, pelo outro, a outro e tudo o mais.

Um convite que reconhece, em vários pontos do planeta, que estão sendo observados indícios de novas formas e estratégias que estão levando as mais diversas comunidades à superação da

²⁷ construímos

pobreza e que, de forma concomitante com o melhoramento das condições de vida das pessoas, contribuem para a dinâmica biológica-cultural que se revela evocada pelo desejo de sustentabilidade que inspira nosso presente cultural.

Um convite que pode ver que essas formas e estratégias têm sido desenhadas e implementadas a partir de critérios conceituais e operacionais diferentes, que resguardam as capacidades de regeneração e adaptação dos ecossistemas sem lesar sua riqueza e diversidade. Inclusive favorecendo sua reparação e re-equilíbrio a partir de seu manejo racional, sob padrões de eficiência energética e processos produtivos limpos, entre outros. Nesse contexto, tem-se revelado fundamental o papel exercido por comunidades educativas, como nichos na aquisição e exercício de destrezas, habilidades pessoais e sociais, conhecimentos e modos de convivência pacífica, reflexiva e harmoniosa, orientadas para o bem-estar entre os seres humanos e os ecossistemas com os quais formam uma unidade indissolúvel.

Esta nova tendência das assim chamadas *intervenções sociais*, evidencia a configuração de um círculo virtuoso em diversas escalas (individual, familiar, comunitária), em que as práticas harmoniosas de bem-estar contribuem para uma transformação cultural que redunde na superação da pobreza. As formas e estratégias de superação da pobreza são concebidas de maneira sistêmica de modo que o desenvolvimento (e a criação de riqueza econômica) vai de mãos dadas com a restauração e conservação de um equilíbrio que potencia tanto as comunidades, como os ecossistemas de que formam parte. Trata-se, por isso, de experiências de duplo propósito que alteram e/ou descartam as estratégias de curto prazo, de sucesso imediato e fazem uma

opção pelas dinâmicas culturais orientadas para o bem-estar no presente com alcances conservadores de médio e longo prazo.

Trata-se das assim chamadas “rotas críticas de desenvolvimento” em contextos de elevado rigor social e econômico, que não somente buscam satisfazer as “necessidades” das gerações presentes, mas tentam sinergicamente conservar dinâmicas relacionais-operacionais que conservem ou ampliem a satisfação das possíveis demandas das gerações futuras. Nosso convite, como já temos dito, é que a dinâmica cultural que se manifeste na superação da pobreza também constitua um referente de vida harmoniosa sistêmico-sistêmico e que, nesse sentido, não implique “empobrecer” o amanhã²⁸. Para isso é desejável ter em conta que, como temos dito, nada ocorre no suceder do viver ou dos processos que constituem a realização do viver dos seres vivos, ou no suceder do cosmos que o observador *traz à mão*²⁹ em suas operações de distinção ao explicar seu viver, por que o resultado desse suceder seja necessário ou desejável para esse ocorrer. E que, então, quando falamos de necessidades, o que estamos evocando é a dinâmica relacional-operacional que configura os nichos em que realizamos a multidimensionalidade de nossa existência no viver e conviver das comunidades humanas num momento determinado. E o fazemos ao valorar umas e outras dimensões do habitar esses nichos de maneira diferente segundo nossos desejos ou preferências.

²⁸ Em 1987 a denominada Comissão Bruntland entregou seu informe “*Our Common Future*” que cunhou a célebre frase “o desenvolvimento sustentável é aquele que responde às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidades”. Desde então, o desenvolvimento sustentável contém uma promessa ética e politicamente ineludível: assegurar que nosso bem-estar não produza pobreza humana no futuro como consequência do desequilíbrio dos ecossistemas e do esgotamento dos recursos providos pela biosfera.

²⁹ Traz ao existir

A unidade biológico-cultural: pobreza, dano ambiental e ecologia

Durante várias décadas diversos estudos têm aparecido e posto em relevo as estritas relações que existem entre pobreza e meio ambiente. Alguns têm tornado visíveis as práticas negativas que certas comunidades em estado de pobreza têm mantido em relação a seu meio ambiente natural, provocando sua deterioração e desgaste progressivo. Nesta linha se inscrevem casos como a diminuição de mamíferos maiores, devido a caçadores furtivos, o pastoreio excessivo em zonas mediterrâneas e semidesérticas, corte da mata para lenha, substituição de mata nativa por espécies exógenas comercializáveis, caça de baleias por grupos étnicos específicos e introdução de fauna e/ou flora forânea³⁰.

Embora esta linha de estudos continue a ter certa validade em espaços ecológicos locais, tais como microbacias, franjas litorâneas, zonas de sequeiro, entre outros, desde a década de noventa vêm-se desenvolvendo estudos de grande valor científico, como o caso da denominada “pegada ecológica”³¹ que permite comparar a carga ecológica de modos e estilos de vida primeiro-mundista e do mundo em desenvolvimento, através de um índice que expressa em unidades territoriais o consumo humano. Segundo os últimos resultados (2003), a carga ambiental das pessoas dos chamados *países desenvolvidos*, é muito maior do

³⁰ Um dos casos mais dramáticos desse tipo de introdução é relatado no documentário “O Pesadelo de Darwin”, do diretor francês Hubert Sauper. O filme mostra como a perca do Nilo, voraz predador marinho, arrasou todas as espécies autóctones do Lago Victoria (Uganda, Tanzânia e Quênia) e hoje sua carne é exportada para todo o mundo.

³¹ WACKERNAGEL, Mathis. & REES, William, *Nossa pegada ecológica. Reduzindo o impacto humano sobre a Terra*. LOM Edições. Santiago.2001.

que a dos chamados *países em desenvolvimento*³²; quer dizer, a manutenção dos primeiros deixa na terra e em seus ecossistemas uma marca maior do que a desses últimos.

Outros estudos têm analisado como a deterioração do meio ambiente afeta com maior intensidade as comunidades que vivem situação de pobreza. Pesquisas realizadas pelo PNUD e pelo PNUMA evidenciam a desigual e iníqua distribuição das externalidades ambientais negativas do desenvolvimento e do crescimento econômico³³, que costumam impactar com maior rigor e frequência as pessoas que têm menor participação nos rendimentos da sociedade³⁴.

Os recentes estudos sobre a mudança climática³⁵ reforçaram esta perspectiva, já que se sabe que efeitos tais como o aumento do nível do mar, a escassez de água, a perda de colheitas, entre outros, se farão sentir com mais intensidade – e menos possibilidades de mitigação – em sociedades do Terceiro Mundo³⁶. Isto, apesar de que o aumento das temperaturas será

³² Países de rendimentos altos consomem 6,4 hectares por pessoa, enquanto países de rendimentos baixos somente 0,8 hectares, em circunstâncias em que o mundo inteiro tem uma disponibilidade de 2,23 hectares por pessoa. Em *WWF Living Planet Report 2006*.

³³ Segundo o informe *Recursos Mundiais 2006: A riqueza do pobre; manejo dos ecossistemas para combater a pobreza*, realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), o Banco Mundial e o Instituto de Recursos Mundiais, 21% dos problemas de saúde que a população mundial sofre tem sua origem em causas ambientais. De modo semelhante, assinalam que a energia e o meio ambiente são indispensáveis para o desenvolvimento sustentável, mas os pobres se veem afetados de forma desproporcional pela deterioração do meio ambiente e a falta de acesso a serviços energéticos limpos e acessíveis.

³⁴ No Chile tal fato está suficientemente documentado no Observatorio de Conflictos Ambientales. Por exemplo, em Santiago os aterros sanitários, a poluição atmosférica, as emanações por tratamento de águas servidas se localizam em bairros de classe média baixa e da pobreza, em que pese que as “fontes” dessas externalidades se acham em bairros de maiores recursos.

³⁵ Ver Relatório IPCC *Mudança Climática 2007*. PNUMA – OMM.

³⁶ PNUD. Em *Informe sobre Desenvolvimento Humano 2007-2008*. A luta contra a mudança climática: Solidariedade face a um mundo dividido.

substantivamente maior nos países mais setentrionais do hemisfério norte.

Esses estudos avaliativos sobre a relação entre pobreza e meio ambiente foram concebidos desde diversas perspectivas e marcos teóricos³⁷. Um aspecto comum à grande maioria deles é que ao aparecer a pobreza resenhada, ela costuma ser caracterizada como um fenômeno que é a causa e/ou o efeito de um ecossistema deteriorado, o que tem permitido estabelecer nexos entre ambos os fenômenos com uma sólida base empírica³⁸. O que estes nexos revelam é precisamente que devemos ampliar nosso olhar para um ver sistêmico-sistêmico das dinâmicas relacionais-operacionais ou matrizes que de fato resultam em fenômenos conectados desde uma matriz biológico-cultural particular.

E a matriz biológica relacional onde surge, se realiza e se conserva o humano somente pode ser vista na reflexão que mostra as coerências dos mundos consensuais do viver biológico *Homo sapiens-amans amans* como um viver no *linguajear* e no conversar que faz possível, desde o *linguajear* e o conversar, compreender o viver biológico-cultural do observador e seu observar como o fundamento da natureza consensual de nosso existir *Homo sapiens-amans amans* em nosso presente histórico cultural atual.

Contudo, fazer frente às problemáticas associadas ao desenvolvimento harmonioso antroposfera-biosfera orientado para o bem-estar (*sustentabilidade*) de comunidades em situação de pobreza implica criar horizontes conceituais mais amplos que permitam re-

³⁷ Alguns deles: capital natural, manejo de recursos naturais, economia ambiental, ecologia profunda, termodinâmica, etc.

³⁸ HAJEK, E.R. (Compilador) *Pobreza e Meio Ambiente na América Latina*. CIEDLA. Buenos Aires, 1995.

situar o ser humano dentro de um complexo de relações de autonomia e co-deriva natural com outras comunidades bióticas e nichos geofísicos específicos.

Nessa direção, para conseguir um desenvolvimento sustentável de pessoas e famílias em situação de pobreza é necessário ensaiar práticas que favoreçam o fomento produtivo sob um esquema de eficiência e limpeza ambiental; mas também, trata-se de repensar a vida humana e seu desenvolvimento a partir de uma concepção reflexiva e valorizada do “envoltório vivo” da terra, juntamente com o espaço físico que contribui para formar e modificar.

Este é o convite que fazemos desde este coletivo de pessoas ao sustentar que o ser humano não é dissociável da biosfera, e sob esse ponto de vista, inclusive seus atos contaminantes são de caráter natural. Esta é a forma como temos moldado nosso “habitar”. “ Todo ser vivo, enquanto vive, existe num espaço relacional que o faz possível e que se transforma com ele. A palavra habitar conota essa relação”³⁹. Contudo, muitos fenômenos naturais (como a civilização humana) são desequilibrantes e põem em risco uma harmonia orientada para o bem-estar da biosfera como a conhecemos. Podemos observar que o ser humano chegou a controlar, manipular e alterar a biosfera derivado do que podemos distinguir como uma verdadeira antroposfera.⁴⁰

³⁹ MATURANA, Humberto e DAVILA, Ximena em *Habitar Humano*. São Paulo: Palas Athena, 2009.

⁴⁰ MATURANA, Humberto e DAVILA, Ximena, Op. Cit. P.19 “Entendemos por *antroposfera* o âmbito de coerências ecológicas onde se realiza e conserva o humano, que surge com o viver humano como um modo humano de estar inserido na biosfera e ser parte dela. Tudo o que constitui nosso viver humano (desde nosso operar biológico natural até as maiores fantasias de nossos artifícios criativos) é parte da *antroposfera*, e, como tal, é parte da biosfera, assim como o é o modo de viver de qualquer ser vivo”.

As externalidades negativas de tal comportamento não só se fazem sentir com maior rigor em países ou setores de baixa renda, também prenunciam efeitos significativos em gerações futuras⁴¹.

Nas palavras de Peter Senge “ a mudança climática é um presente para a humanidade⁴². Dá-nos algo que nunca tínhamos antes – um potencial ‘relógio do tempo’ consensual – que nos diz quanto tempo temos até que a transformação deva de fato começar numa escala que altere como vivemos coletivamente”. Este relógio de tempo também nos urge em relação à pobreza, como o próprio Papa João Paulo II reconheceu em sua visita ao Chile ao assinalar que “os pobres não podem esperar” .

Cabe aqui dizer que o fundamental ante o tema da pobreza nos parece que é compreender a dinâmica que constitui um sistema dinâmico estável e sua diferença de um não estável.

1.– Um sistema dinâmico em contínua transformação em torno da conservação de uma configuração particular de relações opera como um sistema estável em torno da configuração de relações que se conservam somente na medida em que os fatores internos e externos que o empurram para sua contínua desintegração se compensam por fatores internos e externos que o levam a sua contínua restauração.

2. – Se não entendermos o anterior, não poderemos compreender a questão da pobreza. De fato, a pobreza surge numa família ou comunidade humana quando a família ou comunidade extrai do

⁴¹ A comunidade internacional tomou conhecimento desta situação não só por meio do Informe *Nosso futuro comum* (1987). Também está presente na Cúpula Rio 92, na Cúpula do Milênio em 2000 e em Johannesburgo 2002, entre outras.

⁴² Peter Senge, em “*The Necessary Revolution*”.

entorno que a contém e sustenta os elementos de subsistência que este lhe proporciona com mais velocidade do que aquela com que repõe. A pobreza numa comunidade humana qualquer é a ruptura negativa do fluxo estacionário dos elementos de subsistência que o entorno lhe proporciona.

3. – Se o entorno ou âmbito de existência de uma comunidade humana opera como uma fonte inesgotável de elementos de subsistência capaz de satisfazer em cada instante tudo o que esta requer do entorno para seu viver, não surge pobreza. A pobreza surge numa comunidade quando o que esta requer do entorno para viver aumenta além do que ela pode proporcionar.

4.- A partir do que foi dito nos pontos anteriores, é possível dar-se conta de que há muitos fatores de diferente origem que podem deter o fluxo estacionário dos elementos de subsistência de uma comunidade e levá-la à pobreza. Também é possível dar-se conta de que qualquer tentativa honesta de romper com as dinâmicas relacionais geradoras de pobreza no viver humano requer uma ação acordada sistêmica-sistêmica humana no âmbito da antroposfera e da biosfera.

Enquanto não assumirmos nossa consciência disto e do compromisso ético total que significa, tudo o que fizermos será de alguma maneira mentiroso.

Então, a superação duradoura da pobreza se trabalha em formas ou estratégias de longo prazo - inclusive transgeracionais - que só podem ser sustentadas desde a intenção ou desejo de conservar um viver e conviver como *homo sapiens-sapiens amans ethicus*. Daí que o enfoque de entender a sustentabilidade como uma rede fechada de conversações que convida a considerar a dinâmica sistêmica-sistêmica que gera uma harmonia orientada

ao bem-estar entre as comunidades humanas e a biosfera adquira um especial significado na discussão sobre as melhores estratégias para favorecer o desenvolvimento humano e social das pessoas que habitam uma situação de pobreza.

Com efeito, contribui para dotar de uma dimensão sistêmica-sistêmica de processo as ações encaminhadas para atuar sobre as dinâmicas culturais e as manifestações mais agudas da pobreza de modo tal que se resguarde a assim chamada satisfação das *necessidades humanas*⁴³, o desenvolvimento de suas capacidades elementares⁴⁴ e o exercício dos assim chamados direitos sociais fundamentais⁴⁵, pelo menos em seu conteúdo mínimo ou principal.

Esta proposta é fruto de uma compreensão mais ampla do que se distingue como pobreza, dado que não se restringe unicamente à sobrevivência biológica. As assim chamadas *necessidades humanas* são muito mais ricas e amplas e as formas em que são satisfeitas

⁴³ Como assinalam autores como Manfred Max Neef, Antonio Elizalde e Martin Hopenhaim no livro *Desenvolvimento em Escala Humana*, ou Abraham Maslow no livro *A Motivação Humana*, Doyal e Gaugh em *Necessidades Humanas*, entre outros, a insatisfação ou não-realização de necessidades humanas não se dá somente no âmbito da sobrevivência biológica. Muito ao contrário, tem relação com um sistema maior de necessidades que, além do mais, não devem ser confundidas com aquilo que as satisfaz. Neste sentido, a pobreza não só estaria expressando insatisfação de alguma necessidade em particular; também estaria associada ao tipo de fatores de satisfação utilizados. Por exemplo, no plano da alimentação, alguém poderia estar passando fome à base de alimentos como pão ou frituras ricas em calorias, mas de baixo valor nutritivo, o que também revelaria uma situação de pobreza, sempre que a sociedade pode ofertar alimentos mais saudáveis e equilibrados.

⁴⁴ Este é um conceito trazido por Amartya Sen, prêmio Nobel de economia, de origem indiana, que revolucionou a reflexão sobre a pobreza, a partir de uma concepção que liga esta situação à falta de liberdade, entendida como a impossibilidade de escolher entre alternativas e, portando, desenvolver o modo de vida valorizado pelas pessoas. Esta impossibilidade estaria dada pela ausência ou insuficiência de capacidades humanas que permitam funcionar na sociedade e chegar a determinadas realizações ou estados valorizados.

⁴⁵ Segundo o jurista italiano Luigi Ferrajoli, os direitos sociais fundamentais são os definidos de maneira geral e abstrata e que são atribuídos igualmente a todos os indivíduos que fazem parte da sociedade. Portanto, nesta definição cabem o direito à educação, à saúde (incluindo a alimentação e a água), ao trabalho e à moradia. Outro direito fundamental corresponderia ao de um meio ambiente livre de contaminação. Cabe destacar que os direitos fundamentais necessariamente devem estar consagrados em instrumentos normativos de hierarquia superior, isto é, a Constituição, Leis Gerais da República e Pactos Internacionais.

variam de acordo com os contextos sócio-culturais. De fato, nesta perspectiva, não existe somente uma forma de *satisfazer as necessidades* nutricionais, de proteção/abrigo ou de pertença/identidade. Esta distinção entre *necessidades* e *fatores de satisfação* apareceu até agora como chave para conceber estratégias de superação do habitar na pobreza que favoreçam um bem-estar que surja da harmonia antropolosfera-biosfera (sustentabilidade). No entanto, como já dissemos, convidamos a considerar em vez desta dinâmica diferente, a dinâmica unitária dos diferentes nichos em que nossa existência multidimensional se realiza.

Por outro lado, como se pode deduzir do que foi dito até aqui, o bem-estar harmonioso entre as comunidades humanas e a biosfera requer como condição que as relações intra e entre os ecossistemas participantes não excedam as capacidades de renovação e conservação do viver no bem-estar. Com isso, é fundamental que o ecossistema humano (antropolosfera) mude para práticas de transformação social, econômica e cultural que resguardecam uma existência futura que resulta naturalmente de um viver ético no presente. Assim sendo, algo que também surge é uma forte crítica à perspectiva implícita na superação da pobreza que pretende avançar neste propósito fazendo com que as pessoas que habitam na pobreza ponham em prática formas de produção e consumo semelhantes às comunidades humanas que não o fazem.

Neste cenário cabe pensar que as formas e estratégias de superação da pobreza sejam planejadas com um critério de bem-estar harmonioso entre as comunidades humanas e a biosfera que modifique progressivamente a desequilibradora relação que se

mantém entre elas. Em outras palavras, trata-se de que a dinâmica sistêmica-sistêmica geradora de pobreza venha a ser desfeita chegando a modos de vida e padrões de produção e consumo de nova índole em torno do desejo de conservar a harmonia antropológica-biosfera.

Experiências desse tipo estão se realizando em todo o mundo. Existe uma forte impulsão por iniciativas e projetos de desenvolvimento de alcance local que põem em prática diferentes *formas e estratégias de superação da pobreza em relação com a sustentabilidade da biosfera*. E o fazem desde suas particulares visões, reconhecendo consciente ou inconscientemente o caráter sistêmico- sistêmico dos processos que os geram.

Estas experiências têm sido gestadas – primordial, embora não exclusivamente – no mundo rural, onde o acesso e uso sustentável dos recursos tem servido para motivar uma nova compreensão da relação entre ser humano e biosfera, que não só deseja fortalecer as possibilidades de *satisfação de necessidades de sobrevivência* (arquiteturas dinâmicas dos nichos orientados para o bem-estar) mas também permitir potenciar e desenvolver capacidades humanas que são básicas para um modo de viver humano, como o cultivo da curiosidade, o aprender a vincular-se e conviver com outros seres vivos, entre outros.

Uma estratégia nesta linha é a do assim chamado “comércio justo”, que procura reduzir a cadeia de intermediários entre o produtor e o consumidor, favorecendo o pagamento de um preço adequado por bens e serviços prestados por comunidades em [situação de] pobreza, as quais, além disso, desenvolvem práticas amigáveis com o meio ambiente. Reconhecendo, como

mencionávamos antes, que o curso que seguem a história dos seres vivos em geral e a história dos seres humanos em particular, surge momento a momento definido pelo que o ser vivo ou o ser humano faz e conserva em seu viver relacional e não, pelo que habitualmente chamamos recursos ou oportunidades como se estes fossem recursos ou oportunidades em si, já que algo é um recurso ou é uma oportunidade somente se é querido ou desejado por alguém, *esses tipos* de programas têm sido muito efetivos ao detectar, reconhecer e convidar a valorizar certos recursos das comunidades em situação de pobreza, como por exemplo, o não uso de pesticidas (originalmente limitado pelos custos) que é valorizado como um ativo, um “plus” nesse tipo de dinâmicas comerciais não convencionais. De modo semelhante, se têm desenvolvido formas e estratégias de cooperação público-privada que asseguram quotas de consumo institucional para produtos e serviços de pessoas e lares que estão fazendo uso de estratégias de superação da pobreza com padrões de sustentabilidade ambiental. É o caso da provisão de alimentos a empresas ou a programas públicos de nutrição complementar.

Também se inscrevem nesta linha soluções energéticas locais de baixo custo ambiental que têm possibilitado o deslanchamento produtivo de comunidades isoladas ou com baixa conectividade. Iniciativas de turismo rural, ecoétnico têm contribuído para revalorizar o capital natural, protegê-lo e inclusive restaurá-lo.

Ao falar de energia é importante considerar que ao distinguirmos energia, enquanto observadores, estamos distinguindo disposições operacionais estruturais que fazem possíveis processos cujo sentido operacional-relacional não depende dela e sim, das mudanças estruturais que ocorrem no fluir cambiante da

arquitetura dinâmica envolvida. Habitualmente dizemos que a energia faz possível o fluir dos *sucederes*; estamos dizendo que as mudanças de relações estruturais fazem possível e guiam o suceder de mudanças estruturais com regularidades operacionais que assinalamos como processos energéticos.

Em setores urbanos, as experiências são mais escassas e difíceis, posto que a deterioração ambiental e psicossocial tende a ser mais intensa e difusa na vivência das responsabilidades associadas. Por sua vez, as relações explícitas e diretas entre as dinâmicas culturais que redundem na superação da pobreza e no bem-estar harmonioso entre as comunidades humanas e a biosfera tendem a ser menos visíveis. Nestes contextos, as preocupações se concentram na qualidade do hábitat, mais do que no plano produtivo. Contudo, existem experiências nesta última linha, como é o caso das microempresas de reciclagem urbana ou a autoprodução de alimentos orgânicos em contextos de insegurança nutricional.

Seja como for, uma pedra angular para conseguir uma associação explícita entre as formas e estratégias de superação da pobreza e a dinâmica cultural de harmonia antropológica-biosfera (sustentabilidade) é a educação reflexiva, como já mencionamos. A educação, nessa direção e entendida como um processo de transformação reflexiva nos cânones da convivência entre as pessoas, em especial com os meninos, meninas, jovens e maiores de idade em sua preparação para uma vida de pessoas adultas autônomas, democráticas, conscientes de si mesmas e de seu entorno.

Nisso também é fundamental aprender a poder viver juntos. Que nós, como seres humanos, geremos um sentir íntimo relacional de “cuidado”, “proximidade”⁴⁶ e ternura com a biosfera e os ecossistemas próximos. A educação reflexiva a que já havíamos convidado quer habilitar-nos a aprender e compreender que o bem-estar harmonioso entre as comunidades humanas e a biosfera é fundamental para o próprio desenvolvimento econômico que se deseja. “Necessitamos de mudanças mais fundamentais. Os sistemas econômicos são criações humanas. Cada instituição e programa econômico, desde os bancos e corporações, até os seguros de desemprego e seguridade social, são invenções humanas. As regras econômicas que adotamos como garantia são invenções humanas. Devemos decidir que regras econômicas queremos conservar e quais queremos deixar para trás, e inventar novas regras econômicas que venham ao encontro de nossas necessidades humanas fundamentais. Se nos unirmos para pedir estas novas regras, podemos cada um de nós ter um papel de nos movermos para uma economia cuidadosa (*caring economics*) e um mundo cuidadoso (*caring world*)”⁴⁷.

Quanto falamos de desenvolvimento? É o desenvolvimento algo em si ou uma opinião? Como é que na cultura que vivemos gostamos de falar de desenvolvimento? Falamos de desenvolvimento para nos referirmos à direção de um curso de mudanças que nos parecem positivas e desejáveis em algum domínio de nosso viver.

⁴⁶ Riane Eisler em seu livro *The Real Wealth of Nations* nos convida a considerar uma “*caring economics*” (economia cuidadosa) que transcende as categorias de capitalismo e socialismo, centrada em “*caregiving activities*” (atividades de cuidar) e novas estruturas sociais. (NT – As palavras *caring*, *caregiving* têm uma conotação de cuidado, num sentido mais amplo de trato carinhoso com pessoas, com seres vivos e até com as coisas).

⁴⁷ Riane Eisler, Op. Cit.

O desenvolvimento econômico a que convidamos deseja fomentar uma cultura que tenha como resultado a sustentabilidade de toda a biosfera, que implique habilitar-nos como cidadãos e cidadãs que habitamos em situação de pobreza e não pobreza para reflexionar e escolher a arquitetura dinâmica dos nichos que habitamos orientados para a conservação do bem-estar, de sua estrutura e organização, de escala, entre outros. Dado que as assim chamadas *necessidades humanas fundamentais* de uma pessoa num olhar desde nossa cultura patriarcal-matriarcal, pertence a uma sociedade distinguida como consumista seriam as mesmas de uma sociedade distinguida como ascética; o que mudaria seria o tipo de meios empregados para sua realização (*satisfatores*)⁴⁸. Por isso, pensamos que suas formas de produção, distribuição, apropriação e consumo destes constituem fatores chave para reconhecer o desejo de uma visão diferente do habitar no planeta. Em outras palavras, a criação de diferentes nichos de existência orientados para o bem-estar somente serão possíveis no ver a matriz biológica-cultural da existência humana e a matriz biológica da existência dos seres vivos num entrelaçamento antroposfera-biosfera que se revele harmonioso segundo os desejos de nossa comunidade humana.

Como mencionávamos antes, ao cosmos não interessa o que aconteça a ele, à natureza não interessa o que aconteça a ela. À biosfera terrestre não importa se desaparecerem uma, várias ou todas as formas de vida. Se isto ocorresse, simplesmente desapareceria. É a nós, seres humanos, que nos pode importar; e só nos pode importar se isso for o que desejamos.

Sem lugar a dúvidas, não nos poderia importar, e podemos escolher que não nos agrada. Alguns anos atrás, um biólogo de

⁴⁸ Mas Neef Manfred, em *Economia Ecológica*, IEP.

profundo e compreensivo entendimento da biosfera disse: “não me importa se um holocausto atômico é capaz de destruir a maior parte dos seres vivos que habitam na terra; as bactérias sobreviverão sempre”. Nós pensamos que nos importa, si. Não somos bactérias. Somos seres humanos.

Aos seres vivos que não vivem como seres autoconscientes *linguajeantes* como nós, os seres humanos, não podem importar as possíveis consequências do que fazem: não têm como reflexionar. Nós, como seres humanos *linguajeantes*, somos seres anormais na biosfera terrestre: temos como reflexionar.

Interessar-se pelo meio ambiente, pela ecologia, pela biosfera no desenvolvimento econômico é um caminho para reflexionar sobre o que fazemos nós, os seres humanos, para reflexionar acerca de nossa preocupação ou falta dela sobre o que poderia ser ou são as consequências do que fazemos pela conservação ou destruição de tudo o que fazemos possível em nosso viver.

Para nós, temos dito, a biosfera terrestre se converte em antroposfera como o domínio de nossa existência como seres humanos. E nós seres humanos não vivemos simplesmente; criamos teorias, religiões, filosofias, ideologias, sistemas de pensamento para justificar nosso viver ou justificar o que fazemos ou o que rejeitamos fazer, ou descuidar o fazer quando escolhemos não ser responsáveis pelas consequências do que sabemos que estamos fazendo. Além disso, os sistemas de pensamento que criamos afetam desde nossa existência cultural todas as dimensões de nosso viver, tanto o meio ambiente no qual fazemos o que fazemos, como na dinâmica interna de nossa

fisiologia. Necessitamos de teorias para viver e morrer ou não morrer.

Mais. Afirmamos que somos seres vivos racionais, e afirmamos que usamos a razão para validar nossos sistemas de pensamento, não nos dando conta, como temos dito, ou ao menos descuidando o fato de que todos os sistemas racionais têm um fundamento emocional, porque estão fundados necessariamente, direta ou indiretamente em premissas aceitas *a priori* fora das preferências.

Como todos os animais, nós seres humanos somos animais emocionais, mas nossa particularidade é que usamos a razão para justificar ou negar nossas emoções, nossas preferências, nossos desejos. Isto não é um fracasso. Isto é nossa característica ativa, porque se nossas emoções mudam, se nossos desejos mudam, se nossas preferências mudam, mudam também nossos argumentos racionais; e se mudamos nossos objetivos e desejos, podemos mudar o que fazemos, tendo argumentos racionais para isso.

Por isso é que podemos dar-nos conta, se queremos aceitar este convite reflexivo, de que são as emoções o tema central de tudo o que fazemos; de que são o fundamento para todo nosso fazer. E isto também nos mostra que o interesse central pelo tema do meio ambiente e a ecologia deve estar centrado em nossa honestidade acerca de nossos desejos, quando declaramos o que queremos fazer. Quando apresentamos um argumento racional como se fosse válido em si mesmo, obscurecemos ou ocultamos as emoções que constituem sua base *a priori*, e o ouvinte não necessariamente conhece o que queremos fazer.

Queremos cuidar o meio ambiente? Queremos cuidar o bem-estar dos seres humanos, ou de outros seres vivos? Somente nos importará se o desejarmos. Neste sentido, falar de economia bio-cultural evoca um novo domínio de cuidado (ternura), interesse e desejo acerca do entendimento e da ação no domínio da conservação e da mudança na biosfera, na medida em que se torne antroposfera através de nossos *fazeres*. Ao mesmo tempo evoca em nós lar e familiaridade, e ao fazê-lo, evoca em nós o desejo de contribuir para ampliar a consciência de que se não quisermos cuidar nossa casa na antroposfera, não existirá biosfera, porque não pode importar a ela. Como se pode fazer? Mostrando por todas as maneiras disponíveis que isto é assim, como se de verdade acontecesse através de todas as atividades que tocam nosso *emocionar*, mostrando que tudo na antroposfera tem a ver com todos nós tanto individual como coletivamente. Ninguém de nós está fora ou é inocente.

Contudo, esta relação ou círculo virtuoso entre a dinâmica cultural de harmonia antroposfera-biosfera (sustentabilidade) que redunde na superação da pobreza e na educação que queremos, na cidadania democrática, no desenvolvimento econômico, na geração de conhecimento científico e tecnológico e nas dimensões espirituais de nossa existência, ainda estão em pleno processo de instalação.

Seja qual for seu devir, no entanto, isso mostrará o quanto estamos dispostos a aceitar o convite a mudar nosso olhar, nossa forma de nos perguntarmos. A entender que a natureza biológico-cultural de nossa existência é um convite a nós para fragmentar ou separar, é um convite a atender à fluidez de nosso viver e conviver na geração dos diferentes mundos que vivemos na

medida em que somos os seres vivos que somos. Entender que, por exemplo, as dimensões espirituais de nossa experiência surgem naturalmente de nossa condição como tais.

Ciência e espiritualidade

Nós seres vivos somos entes biológicos na realização de nosso viver, no suceder da autopoiese. Esta é a fonte de tudo e a fonte de nada. Como organismos, somos entes relacionais nos quais nosso viver relacional ocorre na contínua transcendência de nossa biologia. Do mesmo modo, nosso viver como seres humanos no conversar é um contínuo transcender no entrelaçamento biológico-cultural do viver.

Nessa contínua transcendência, nós os seres humanos nos achamos vivendo e fazendo o que quer que façamos, quando nos perguntamos pelo nosso viver e pelo nosso fazer. Nos vemos observadores no observar quando nos perguntamos por nosso observar. E desde aí explicamos a nós o mundo e reflexionamos. Por que então vivemos nossa espiritualidade como um domínio alheio ou distinto da nossa compreensão cotidiana do viver biológico-cultural?

Pensamos que isto ocorre porque toda reflexão, toda tentativa explicativa, tudo o que uma pessoa faz em qualquer âmbito de seu viver, o faz desde uma postura inicial consciente ou inconsciente que define o âmbito do aceitável em sua reflexão ou explicação. E **podemos partir, na reflexão e na ação**, da aceitação primária do transcendente como argumento último para a visão e a compreensão de tudo o que vivemos e pensamos em nosso viver, ou podemos partir da aceitação do viver cotidiano como

lugar e circunstância inicial para todo reflexionar e explicar. Além disso, podemos fazer isso na busca da compreensão última da realidade como o que é externo a nós e nos contém. Ou podemos fazê-lo na busca da compreensão de todas as dimensões de nosso viver.

Essa é, em última análise, a contradição emocional que vivemos em nossa cultura e que nos afasta de entender a natureza unitária de nossa existência ao fragmentar-nos do mundo que vivemos e conhecemos. E não nos damos conta de que arrastamos esses *a priori* em todas e em cada uma das distinções que fazemos, desde o espiritual ao científico.

Na ciência, por exemplo, não vemos que é uma atividade humana realizada no viver humano por pessoas que atuam como cientistas. E que a tarefa que, em última análise, se propõem as pessoas ao atuar como cientistas é explicar o que querem explicar usando o critério de validação do explicar científico.

Da mesma maneira não vemos que o cientista é uma pessoa que explica as coerências de suas experiências com as coerências de suas experiências ou que, dito de maneira levemente diferente, o cientista é uma pessoa que explica as coerências de seu fazer e de seu pensar com as coerências de seu fazer e de seu pensar. Por isso, o que fazem os cientistas não é explicar uma realidade independente de seu operar, e sim, gerar mundos que surgem com as coerências operacionais de seu viver. E ao fazer isso é que geram as hipóteses e teorias que novamente ficam ocultos no suceder relacional (emocional) de sua distinção cotidiana. Como?

As hipóteses são noções escolhidas de maneira arbitrária e propostas sem fundamentos experienciais ou como se não os tivessem, como pontos de partida para o desenvolvimento de um argumento. As Teorias são sistemas de argumentos fundados em noções aceitas com fundamentos experienciais ou que se acredita tenham fundamentos experienciais.

A rigor, podemos dizer que toda noção aceita a partir das preferências ou gostos sem reflexão prévia que lhe dê fundamento argumentativo aparece como um *a priori*. Uma pessoa, seja quem for e faça o que faça, pode ver-se aceitando *a priori* as hipóteses e as teorias implícitas na cultura a que pertence. De onde as aceita?

Desde suas preferências e desejos conscientes ou inconscientes que passam a ser o fundamento do curso que segue seu viver, seu sentir, seu fazer e seu argumentar. Todo explicar científico opera ou tenta operar com as coerências experienciais do observador que surgem de seu operar no espaço em que ocorrem os *sucederes* que se pretende explicar. A dificuldade maior que um cientista encontra em seu explicar está, então, no risco de confundir seus domínios experienciais em sua proposição explicativa.

Isso porque novamente fica oculto por trás do arrastão cego de nossos *a priori* o fato de que toda vez que surge uma totalidade na composição espontânea ou intencional de um sistema, surge também um domínio operacional disjunto do domínio operacional dos componentes do sistema. E que cada domínio operacional particular terá suas coerências operacionais particulares que não serão extrapoláveis a outros domínios. Isso porque as coerências operacionais de cada domínio se expressam

com as coerências operacionais que surgem nesse domínio ao operar o observador nele.

É o observador, dado seu operar no *linguajear* no fluir de seu conviver com outros observadores, e dado o operar de seu sistema nervoso como correlacionador de *sucederes* em domínios disjuntos, o que pode estabelecer correlações explicativas entre domínios disjuntos.

Nós no Instituto Matríztico, afirmamos que todos os domínios cognitivos são domínios do explicar o viver do observador. E que, não obstante, podemos ver que o viver não tem propósito, que o viver vive, e que não requer explicações, mesmo quando as explicações, se as houver, modulam o curso do viver que se vive.

No viver cotidiano, então, o propósito não é explicar todas as experiências; há experiências que se quer explicar e outras que somente se quer viver. A consciência, por exemplo, é o ato de observar e de se aperceber do observar: a consciência é um operar no viver. E a experiência espiritual ocorre na ampliação da consciência de pertença na matriz do existir em que se é consciente como ser humano. A experiência espiritual como expansão da consciência do presente que se vive, se quer primariamente viver, não explicar.

A presença e a potência do espiritual na experiência espiritual está em seu ser vivida, não em seu ser explicada. E desde onde quereríamos explicar a experiência espiritual? Para justificar nosso desejo de conservar a experiência de vivê-la? Para convencer os outros da importância de conservar no viver as

experiências espirituais? Para justificar a pertença a uma religião particular? Para saber se estamos nos enganando com nossas crenças?

Será que há perguntas incontestáveis? Será que se conseguíssemos o bem-estar no viver e desde aí conseguíssemos soltar nossos temores de desaparecer ao morrer, e nosso apego à busca de poderes sobrenaturais que supostamente nos trariam o bem-estar que tanto desejamos continuaríamos fazendo perguntas incontestáveis? De onde nascem esses apegos que pedem perguntas incontestáveis?

É desde a consciência da experiência cotidiana de eternidade de um viver transitório em que se vive cada instante como se fosse eterno, que surge em nós o desejo e a busca do permanente na tentativa de reter o valor ou sentido desse presente que, embora se viva como permanente, sabe-se que é transitório. É desde a vivência de eternidade que vivemos em cada instante de nosso viver, que damos ao que imaginamos permanente em nosso ser um valor transcendente que desejamos reter como um aspecto fundamental de nossa identidade.

E não vemos que entramos num viver cego ante a beleza de nossa transitoriedade que nos permite viver a identidade não permanente que nos dá o bem-estar da conservação do desapego que nos libera do controle, da inveja, da vaidade, da cobiça e da agressão, ou, o que dá no mesmo, que nos faz possível viver o caminho do AMAR.

O humano ocorre no efêmero, no trânsito entre um começo e um fim, e é nesse trânsito que se pode dar um viver no presente na conservação consciente do bem-estar que se vive quando se vive sem apego nem rejeição à consciência do efêmero que nos faz humanos, e humanos na biologia do amar. É na transitoriedade do viver humano que se pode viver no caminho do AMAR.

Todo valor ou sentido declarado como fonte desejada de bem-estar transcendente constitui um viver alienado que cedo ou tarde será vivido na dor e no sofrimento por um apego que nos afasta do bem-estar do desapego que conserva o caminho do AMAR.

Mas se o que se quer é o caminho do bem-estar que ao ser vivido a reflexão mostra sem o descrever que o que se vive somente pode ser vivido no que as tradições espirituais chamam o caminho, cabem as perguntas:

Qual é o viver no bem-estar que faz do viver o viver no caminho espiritual sem falar do caminho espiritual? Qual é o lampejo relacional que se for conservado no fluir cambiante do viver humano vem a dar espontaneamente na ampliação do entendimento sem palavras que leva a viver o que um observador chamaria viver no caminho do espiritual?

Nossa resposta é o caminhar da biologia do amar

É neste sentido que podemos entender o que diversas pessoas e comunidades propõem como o desafio espiritual que a crise climática nos oferece. “Quando crescermos viveremos uma

experiência de epifania ao descobrir que esta crise não tem nada a ver com política. É um desafio moral e espiritual”⁴⁹ “É também um momento moral, uma encruzilhada. Em última análise, não é a propósito de discussões científicas ou diálogos políticos. É a respeito de nossas próprias limitações, para crescer neste novo cenário. Para ver com nossos corações e nossas cabeças a resposta que somos chamados a dar. É um desafio moral, ético e espiritual⁵⁰.

E não é que não caiba à ciência um papel em toda essa transformação cultural. Só que é um papel integrado desde uma visão sistêmica-sistêmica com cada uma das dimensões do viver humano que temos abstraído aqui.

Da ciência podemos esperar a explicação dos fenômenos ou sistemas determinados em sua estrutura. E como tal, que exponha a proposição de mecanismos gerativos que se alguém os deixar operar o resultado será o fenômeno a explicar. Tais explicações sempre são reformulações da experiência com elementos de outras experiências. As discrepâncias que pode haver no Explicar científico estarão *sempre* relacionadas com os critérios de distinção que vamos utilizar para validá-las.

Nós pensamos que a história do pensamento científico é a história da curiosidade, é a história da busca de entendimento para gerar ações e que, por isso, tem vindo mudando de acordo com as preocupações das pessoas, por exemplo, dos cientistas e das pessoas em geral, segundo as fantasias, as coisas que as comovem, entre outros.

⁴⁹ Al Gore em *An Inconvenient Truth*, Roedale, 2006.

⁵⁰ Al Gore, *Ibid*.

Vemos que se tem passado da ênfase na física à ênfase na biologia e na tecnologia, por um lado porque estas visões aportam algo, e por outro, pelo fascínio que ocorre num momento determinado cada vez que alguém se mete num certo âmbito.

Por exemplo, na biologia, na genética, na engenharia genética, este interesse atual tem a ver com a tecnologia e com o desenvolvimento da manipulação tecnológica. O mais sério em tudo isso é esta ênfatização do reducionismo, da não visão do carácter sistêmico-sistêmico dos fenômenos que permite a alguém crer que pode controlá-lo através de ações locais.

O ponto central vai ser: somos capazes ou não de passar a um pensamento sistêmico-sistêmico que nos permita entender que cada vez que temos uma ação local, temos frentes de onda em muitas partes? Não efeitos globais, mas em muitas partes, como uma rede de situações. Seremos capazes de perceber que esta visão de que podemos controlar tudo, de que podemos manipular a genética, podemos manipular a agricultura, podemos manipular isso e aquilo dando origem ao bem-estar humano não é possível sem um entender sistêmico-sistêmico?

Podemos crer que sim, mas vamos gerar a destruição máxima, de modo que o fundamental aqui é a passagem a um pensamento e uma responsabilidade sistêmicos-sistêmicos. Aperceber-se de que a manipulação dos sistemas requer um entendimento muito mais profundo de todas as relações envolvidas no lugar de onde se está atuando.

Pensamos que são cegueiras que têm surgido até serem um elemento central nessa nossa história da ciência. Cegueiras que surgiram da eficácia manipulativa que a ciência física, a ciência biológica e a ciência química trouxeram ao fazer humano: aparente capacidade de controle na produção, na manipulação, com uma cegueira para as consequências sistêmicas que isso tem.

Tratar de olhar qualquer fenômeno a partir da perspectiva sistêmica-sistêmica não é reducionista porque amplia o entendimento. Claro, se alguém trata a noção de sistema como noção explicativa, não serve. É um entendimento, é entender que a ação local tem sempre consequências em toda uma rede de processos e que alguém necessita entender isso para atuar localmente, porque, do contrário, produz justamente as distorções ecológicas, entre outras coisas.

A reviravolta epistemológico-ontológica da Biologia-Cultural

Outro tema importante nesta direção reflexiva é o da objetividade (ou realidade). É um tema fundamental desde onde nos manipulamos mutuamente. É um tema da exigência sobre o outro para que o outro faça o que alguém quer que faça. E, claro, o tema da subjetividade tem a ver com a objetividade.

Se alguém fala de objetividade também está falando de subjetividade no sentido de que alguém acusa o outro de ser subjetivo quando diz que é objetivo, e o tema aqui não é a objetividade como um elemento central, mas mostrar que esse é um argumento manipulativo. Para sair da objetividade como argumento.

Não é um reducionismo biológico sustentar que o que a biologia-cultural faz é entender como é que o espiritual e a ciência são domínios de existência de nosso operar como seres vivos e como seres humanos. Não o é, porque tudo passa pelo ser vivo.

Se alguém entende o ser vivo, entende como funciona, entende como surgem estes outros domínios, mas cada um desses domínios é válido em si mesmo, porque correspondem a domínios de relação.

Em sentido estrito, todo o humano é um artifício. Porque um artifício faz referência ao fato de que algo surge da ação do ser humano e, como alguém configura o mundo com o que faz, ao distinguir algo nos movemos na relação com aquilo que surge na distinção. Isto está ocorrendo sempre, o mundo sempre é um artifício. O que acontece é que usamos a palavra artifício pouco ou relativamente pouco para distingui-lo do natural, mas acontece que o ser humano é natural; assim, o artifício do mundo que o ser humano traz também é natural. Todos os animais configuram um mundo que surge de seu operar e esse mundo tem a ver com eles; se esse animal desaparece ou a planta desaparece, desaparece esse mundo.

A reviravolta conceitual-reflexiva (epistemológica-ontológica) da biologia-cultural é poder dar conta de uma maneira completa do que constitui o ser vivo e o viver, e daí dar conta também de uma série de outros fenômenos ou mistérios que desaparecem.

A autopoiese faz referência ao que constitui o ser vivo como ser vivo e portanto faz referência a tudo o que pode surgir como

resultado do viver a partir da realização e conservação da autopoiese.

É daí que surgem todas as outras dimensões; é daí que aparece a legitimidade do olhar biológico como fundamento para o espaço onde ocorre o social e para poder olhar o social de maneira que o biológico fique oculto, como quando falávamos da complexidade.

Neste sentido a autopoiese põe a noção de causalidade em sua legítima posição como um conceito, como algo que um observador usa para fazer referência às concatenações dos processos que surgem das coerências estruturais. É assim que estas concatenações são artifícios do observador no operar do observador como ser vivo, quer dizer, têm a ver com o operar do ser vivo.

Por outro lado, os princípios são proposições explicativas que ocultam; ocultam as dinâmicas, ocultam os processos, na medida em que alguém os trata como argumentos circunstanciais. Por exemplo: a causalidade. Dizer que isto é a causa deste outro na coerência particular circunstancial não é muito grave quando alguém os trata como princípios e começa a usá-los como noções explicativas gerais em que aparece o problema.

Por isso, tampouco é nosso desejo que a noção de autopoiese seja tratada como um princípio. Não é um princípio, é uma explicação, é uma noção que faz referência às coerências dinâmicas próprias, particulares, moleculares que constituem o ser vivo como ser vivo em seu suceder como tal.

No Instituto Matríztico nos orientamos, então, na busca da compreensão de todas as dimensões de nosso viver, e no fazer isso nos encontramos com o entrelaçamento dinâmico-operacional da realização do viver e conviver humano que chamamos **Biologia-Cultural**.

E ao fazer isso não só podemos ser coerentes com a separação de domínios disjuntos ou com a unicidade de nossa existência, mas também podemos, nesta encruzilhada cultural, olhar e compreender de maneira sistêmica-sistêmica outros olhares sobre nossa existência na, e desde a ciência:

Física Quântica	Biología-Cultural
Busca da realidade última e sua unificação teórica.	Busca da compreensão do viver humano do material ao espiritual em sua realização biológico-cultural.
Observador: consciência trascendente.	Observador: ser humano no observar (operar reflexivo e explicativo).
Explica o suceder da realidade com o suceder da realidade.	Explica as coerências do operar do observador com as coerências do operar do observador.
O observador altera a realidade no ato de observá-la.	O que há surge no operar do observador.
O principal é a realidade.	O principal é o observador no observar.
El fundamento psíquico é o saber.	O fundamento psíquico é o amar.

Certamente fica evidente que não dá no mesmo a partir de que olhar é que convidamos a reflexionar. Para construir o humano só necessitamos de liberdade reflexiva. Estar disposto a olhar tudo e disposto a entender que o humano surge da dinâmica biológica-cultural seguindo um curso que surge desde nossos desejos ou preferências.

Ao falar de biologia-cultural não falamos de um em si que supomos existir independentemente de nosso ato de distingui-lo, mas antes falamos de uma noção ou configuração de noções explicativas de nossa origem e de nosso operar como os seres vivos que nos vemos tais ao nos perguntarmos por nosso viver e nosso operar cognitivo. Quando nos perguntamos por como somos e pelo que fazemos quando operamos como observadores, já estamos fazendo aquilo pelo que nos perguntamos. Já nos encontramos vivendo como seres humanos observadores no observar, e em particular já nos descobrimos conscientes do que fazemos quando nos perguntamos como operamos como observadores no observar. De acordo com tudo o que precedeu, o ato de observar não pode consistir na captação de uma realidade externa ao observador, e a conduta adequada não pode surgir de fazer uma representação do meio pelo obter algo dele.

Sem fazer uma exposição completa e detalhada do que ocorre no suceder biológico-cultural do observar do observador, podemos sim dizer como observadores, ao distinguir um ser vivo em seu âmbito de existência como organismo, algo que se aplica a nós mesmos em nosso operar como observadores.

Ao olhar os processos moleculares da dinâmica interna de um organismo, vemos que estes ocorrem como um contínuo fluxo

fechado de correlações internas cegas ao entorno relacional em que ele existe como totalidade. Mais, ao ver isto também nos damos conta de que não somos diferentes, e de que, como seres vivos, nós seres humanos existimos como sistemas geradores de uma dinâmica fechada de correlações sensoriais e efetoras internas, de modo que o que vemos ao distinguir o operar de um observador em seu observar não é nem pode ser um ato de captação direta ou indireta de uma realidade independente dele ou dela. E isto, sem qualquer dúvida, se aplica a nós mesmos.

Não obstante, em nosso viver cultural nos acontece com não pouca frequência que confundimos domínios de existência quando como observadores tratamos de estabelecer relações lógicas dedutivas entre processos cujo suceder ocorre em domínios disjuntos, confusão que nos acontece quando não nos damos conta de que tratamos correlações históricas como se fossem relações generativas, e entramos num pensar reducionista.

Esta confusão de domínios pode ter consequências muito enganosas no explicar, porque leva a um pensar e argumentar reducionista que oculta os processos envolvidos no suceder do que se quer explicar (por exemplo, o caso da sustentabilidade, como já vimos). Especialmente quando se pensa que o ato de explicar um fenômeno consiste em expressar esse fenômeno em termos mais básicos ou fundamentais.

No momento em que o observador não confunde domínios e percebe que o fenômeno ou experiência a explicar e o processo que lhe dá origem ocorrem em domínios disjuntos, torna-se evidente para ele que o ato de explicar consiste em propor um mecanismo ou processo generativo tal, que se o deixassem

operar, o resultado seria a experiência a explicar e não, em expressar o que se explica em termos mais fundamentais. Isto em geral não é reconhecido nem por cientistas nem por filósofos, embora seja fácil ver que é isso o que nós cientistas fazemos ao propor uma explicação científica, e que é isso o que os filósofos fazem ao propor uma teoria explicativa.

Em termos da práxis experimental, esta distinção não parece necessária porque os cientistas sabem o que fazer, mas no âmbito conceitual sim, o é, porque se alguém não se der conta disso, cedo ou tarde confundirá domínios no ato de explicar. Se confundo domínios ao explicar logo nos estaremos - tanto enquanto cientistas como enquanto filósofos - usando princípios explicativos que ocultam o que querem explicar, numa proposição reducionista. Isto acontece atualmente com frequência no âmbito da física quântica com temas como o observador e o observar, a mente e a consciência. O observador e o observar, o viver, a mente e a consciência não são fenômenos ou *sucederes* da física e sim, do suceder do viver dos seres vivos, sobre que somente pode falar um observador em seu operar na biologia-cultural de seu próprio viver.

Talvez a consequência mais fundamental da confusão de domínios que leva ao reducionismo explicativo está, como dizíamos, no ocultamento de fenômenos que o pensar reducionista implica. O que fica oculto não se vê, e o que não se vê não existe. Assim, por exemplo, ocorre no âmbito da biologia no ocultamento da epigênese que se produz com o reducionismo que implica a ênfase no determinismo genético.

Toda tentativa de explicar, por exemplo, o operar de um organismo no espaço relacional em que existe como tal, pode confundir pelo menos dois domínios: o domínio do operar do organismo como totalidade e o operar de seus componentes como tais. O mesmo acontece quando se tenta explicar o operar das moléculas com o operar de seus componentes.

O operar das moléculas segundo suas distintas formas como componentes estruturais da arquitetura cambiante do organismo oculta a dinâmica dos distintos elementos quânticos que as constituem, mas não o determinam. Nestas circunstâncias, qualquer tentativa de explicar a conduta humana consciente ou o operar dos seres humanos como seres autoconscientes referindo-se aos *sucederes* no âmbito dos processos quânticos confunde domínios e é enganador. Que isto seja assim não nega a possibilidade - ou o fato - de que os processos do âmbito quântico poderiam afetar o fluir do operar consciente dos seres humanos, mas convida, sim, a tentar explicar como isto ocorreria propondo um mecanismo generativo, sem fazer uma redução fenomênica. Isto é, se se quiser explicar o operar consciente humano no viver cotidiano.

Por outro lado, a principal dificuldade para compreender em que consistem os *sucederes* de nosso viver cotidiano que chamamos consciência e autoconsciência está em nos referirmos a eles como se fossem entidades objetivas que podemos possuir ou perder em algum momento determinado de nosso viver relacional. Assim nos perguntamos pelo ser da consciência ou da autoconsciência, em vez de nos perguntarmos por: o que vê um observador que fazemos quando diz que atuamos de maneira consciente ou autoconsciente?

Nestas circunstâncias, se atentarmos para o que distinguimos quando como observadores dizemos que uma pessoa atua consciente do que faz, veremos que dizemos que o operar dessa pessoa implica que atua nesse fluir de seu viver distinguindo seu distinguir o que distingue, e que responderá, sim, quando lhe perguntarmos se sabe o que faz. Da mesma maneira, se atentarmos para o que distinguimos quando como observadores dizemos que uma pessoa atua no momento que faz o que faz com consciência se si, veremos que dizemos que sua conduta nos revela que ela atua nesse fluir de seu viver distinguindo sua participação no fazer que faz, e que responderá sim, quando ao mentir diante de nós lhe dissermos que mente.

A consciência e a autoconsciência são modos de conviver. O viver e conviver em conversações nas quais se opera consciente e autoconsciente do viver que se vive, implicam um fluir sensorial particular que é distinto do fluir sensorial que se vive em outras conservações, e *traz à mão*⁵¹ no conviver uma matriz relacional que um observador pode distinguir como a de um fluir consciente de coordenações de fazeres e emoções que constituem mundos diferentes. As distintas redes de conversações implicam as coerências operacionais das distintas classes de *fazeres* que vivemos em nosso conviver e que distinguimos como os distintos âmbitos operacionais ou mundos que vivemos e dos quais falamos em nosso viver cotidiano como os âmbitos da física, da biologia, da política, etc.

Isto é, os distintos mundos que geramos com nosso fazer ou imaginar em nosso conviver cotidiano existem em redes

⁵¹ gera

recursivas de conversações que implicam as matrizes das coerências operacionais das coordenações de *fazer*es de nosso conviver que constituem esses mundos. Enquanto continuarmos a pensar que a linguagem ocorre na designação simbólica de entes que existem independentes do observador, não poderemos ver que o *linguajar* ocorre no fluir das coordenações de *fazer*es da realização do viver, e que todos os mundos que vivemos e que podemos ou poderíamos viver, seja nos âmbitos da física quântica, da biologia molecular ou das artes culinárias se fundam em nosso viver como seres vivos num operar que ocorre num domínio operacional e relacional diferente dos domínios operacionais e relacionais em que ocorrem os fenômenos moleculares e quânticos.

O domínio dos processos quânticos e o domínio dos processos relacionais do viver humano são disjuntos. Ambos os domínios surgem e existem no operar do observador ao descrever e explicar as regularidades de seu operar em seu viver, em circunstâncias que o observador é um ser vivo humano que opera no *linguajar* e é consciente do que faz desde seu operar no *linguajar*, e não um ente transcendente ao operar a realização de seu viver. Quando o observador opera no espaço das coerências operacionais que gera em seu viver com a atenção posta no âmbito do que chama de processos moleculares e supramoleculares, opera no que os físicos chamam de espaço “físico clássico”. Quando o observador opera no espaço das coerências operacionais que gera em seu viver com a atenção posta tanto nos *sucederes* do âmbito dos processos submoleculares, como na tentativa de explicar esses *sucederes*, surge o que os físicos chamam o âmbito da “física quântica”. Em outras palavras, falamos do espaço da física clássica quando operamos como observadores no espaço operacional-relacional

que surge com nossa distinção de moléculas e de sistemas supramoleculares, e falamos do espaço da física quântica quando operamos no espaço operacional-relacional que surge com nosso operar como observadores ao descompor as moléculas nos processos que as geram e constituem. Assim temos estes dois domínios disjuntos do explicar o viver humano com as coerências operacionais do viver humano: o domínio de explicar nosso operar no espaço do explicar clássico, e o domínio de explicar nosso operar no espaço do explicar quântico.

Nós seres humanos vivemos como válido tudo o que vivemos no momento de vivê-lo, e como na própria experiência não distinguimos entre o que chamamos ilusão e percepção, vivemos ou tratamos como o mesmo tudo o que vivemos igual. Somente quando em algum momento diferenciamos duas situações que vivemos como iguais em relação a algum outro aspecto das circunstâncias em que ocorreram usando algum argumento ou teoria explicativa do sucedido, é que dizemos que foram distintas e que tratá-las como iguais foi um erro ou uma ilusão. Isto ocorre assim porque o sistema nervoso opera distinguindo configurações de relações de atividade entre os elementos neuronais que o compõem sem diferenciar sua origem ao gerar as correlações senso-efetoras do organismo. O fato de vivermos ou tratarmos como iguais situações que se parecem na configuração do que lhes é essencial, e que vistas de outra perspectiva consideramos que são distintas, é o fundamento do pensar analógico, da magia, do explicar, da confusão de domínios fenomênicos e da experiência mística.

A reflexão anterior é particularmente relevante quando usamos a noção de consciência como se nos referíssemos a uma entidade

operacional que existe como um ator cósmico que usamos como um argumento explicativo sem que nos apercebamos de que confundimos domínios fenomênicos e ocultamos os processos que queremos explicar. O observador e a consciência não são entes do espaço físico de qualquer denominação; são modos de operar dos seres vivos humanos na realização de seu viver, e não entidades transcendentais que existem desde si. Os atos de observar e operar conscientes do que se faz (vejo que vejo o que digo que vejo) ocorrem no fluir do conviver dos seres vivos humanos como um operar em seu viver e envolvem a corporalidade humana em interações no espaço relacional do viver humano. Por isso, o ato de observar ocorre como uma recursão no fluir das coordenações de coordenações de *fazer*es (condutas) consensuais do observador no domínio operacional (de suas coerências internas) em que se encontra.

Nada é em si mesmo, algo é segundo a operação de distinção com que o observador o traz à mão ao distingui-lo, e existe no espaço que fica definido pelas dimensões operacionais e relacionais com que surge ao ser distinguido. O ser vivo é e existe como ser vivo no espaço operacional e relacional que surge em seu operar como ser vivo ao ser *trazido à mão*⁵² como tal na operação de distinção do observador. O mesmo ocorre com o elétron que surge partícula e funda, sem ser nem partícula nem funda ao ser distinguido com a operação de distinção do observador que o *traz à mão*⁵³ como tal. É por isso mesmo que quando o observador diz que o elétron se comporta de tal ou tal maneira no espaço operacional que surge com sua operação de distinção (experimento), deve usar essas coerências operacionais para descrever os *sucederes* dos entes operacionais e conceituais desse

⁵² trazido ao existir

⁵³ faz existir

espaço. Ao mesmo tempo, é por isso mesmo que o observador não deveria surpreender-se ao ver que o espaço da física clássica e o espaço da física quântica são espaços operacional e conceitualmente disjuntos, como o são todos os espaços que surgem disjuntos no operar do observador.

O observador não é um ente físico e sim, uma dinâmica operacional que surge como ente na distinção do observador, da mesma maneira que qualquer outro ente, e não preexiste ao ato de distinção da distinção do distinguir no *linguajar* que o *traz à mão*⁵⁴ no conversar no fluir do conviver em coordenações de coordenações de *fazeres* consensuais que constitui o observar. O ato de observar não é um ato arbitrário; o observar ocorre na realização do viver do observador e este *traz à mão*⁵⁵ somente o que as coerências de seu operar em seu viver podem configurar como um aspecto das coerências da realização de seu viver. No observar, o observador participa na configuração do que distingue, mas não é parte do distinguido, porque o ato de distinção ocorre implicando que o observador e o distinguido ocorrem (existem) em domínios disjuntos. Nestas circunstâncias, o peculiar do ato de observar está em que o observador é consciente de seu ato de observar, e não é qualquer clivagem operacional que constitui uma distinção no observar de um observador.

O observar ocorre necessariamente como um ato consciente do ser vivo humano, e é portanto um ato biológico-cultural e não, o produto da operação de algum agente transcendente ao operar humano. Por isso mesmo, o operar do observador não pode *trazer*

⁵⁴ produz

⁵⁵ gera

à mão⁵⁵ nada que não pertença às coerências operacionais da realização de seu viver na matriz biológica-cultural de sua existência. Os instrumentos não modificam isso, só ampliam o espaço operacional do observador como ser vivo expandindo sua corporalidade, e portanto, seus possíveis âmbitos de recursão de correlações senso-efetoras através da realização de seu viver. Os instrumentos, as operações experimentais e os construtos matemáticos com os quais o observador traz a sua reflexão conceitual as coerências operacionais do espaço quântico, não transcendem a realização do viver humano, mas ao contrário somente expandem sua dimensionalidade operacional, criando outro domínio recursivo de coordenações de *fazeres* em seu conviver.

Todo ato de observação ocorre a partir da ignorância do observador como um ato que reduz sua incerteza em algum campo particular de coerências estruturais ainda insuficientemente conhecidas por ele ou ela, e do qual somente pode falar em termos de probabilidades, confiando no determinismo estrutural fundamental do cosmos que surge com seu existir. As coerências estruturais de qualquer domínio são observáveis pelo observador somente através das operações em seu viver que as torna visíveis ou interferem nelas. Assim, o peculiar do espaço quântico consiste, por um lado, em que surge na operação de distinção do observador como um espaço operacional disjunto do espaço clássico, e que está constituído, portanto, por processos e regularidades diferentes daquelas com que este surge em sua distinção; e, por outro lado, em que surge (na distinção do observador) como um espaço em que ele ou ela somente pode falar das regularidades operacionais-relacionais dos entes e processos que o constituem em termos das

⁵⁵ trazer ao existir

probabilidades de existência e não, de localização espacial. Isto é, os entes e processos que surgem no pensar e explicar o espaço quântico pelo observador só existem como probabilidades de associação com os elementos clássicos de seu viver.

Na compreensão de nosso existir, nossa corporalidade é nossa condição primária, pois nos encontramos em nossa corporalidade quando num ato de reflexão nos perguntamos por nós mesmos. Ao responder a estas perguntas desde nosso operar no viver nossa corporalidade, nos damos conta de que não podemos pretender falar de algo que chamaríamos *o real em si* como o substrato que sustenta nosso existir. Necessitamos deste substrato por motivos epistemológicos, mas não podemos falar dele, porque não podemos dizer nada dele que seja seu. O que, sim, podemos dizer é que esse substrato de que necessitamos por motivos epistemológicos e de que não podemos falar surge **ao** existir em nosso explicar nosso viver como a fonte impensável das coerências operacionais de tudo o que trazemos ao existir com as operações de distinção de nosso viver no conversar.

Assim, embora a consciência e a autoconsciência em nosso viver como seres que existimos no conversar surjam em nosso viver como seres humanos no observar, são ao mesmo tempo de fato a origem de nosso existir e de nossa consciência de nosso existir.

O ponto de chegada é o ponto de partida

O ponto de partida do que se propõe neste projeto reflexivo é o observador na experiência do observar, como o ser que distinguimos ao observar-nos no observar em e desde a matriz

biológica-cultural de nossa existência humana. O observador não é um suposto ontológico *a priori*. O observador aparece na distinção do observar ao fazer a pergunta pelo observador e pelo observar. O observador é o que queremos explicar e o observar é o instrumento com que queremos explicá-lo.

Nós seres vivos existimos no presente, a biosfera existe no presente, o cosmos existe no presente, num presente cambiante num suceder em tempo zero. Isto é, nós seres vivos existimos no ocorrer dos processos, e nós observadores existimos em particular no presente da distinção de processos nos quais nos distinguimos a nós mesmos. Passado e futuro são modos de falar de nosso viver agora; por isso, quando atentamos em nosso fazer primeiramente para o passado ou o futuro, nos alienamos de nosso presente, e esse alienar-se traz sofrimento. Esse é o centro de nossa dificuldade na compreensão de nosso ser, e com isso, o centro de nossa dificuldade em compreender o ser do cosmos que vivemos. No suceder de nossa biologia vivemos em um não-tempo, em um tempo zero, mas no suceder de nosso viver humanos vivemos no tempo, um tempo que, como proposição ou constructo explicativo, usamos para explicar nossa distinção de nosso existir na experiência de um fluir irreversível de processos.

O que explicamos é nossa experiência, e explicamos nossa experiência com as coerências de nossa experiência, e ao explicar nossas experiências, muda nossa experiência. Isso é o peculiar de nossa existência humana como seres que existimos na linguagem e no conversar, e é ao mesmo tempo que nossa condição de compreensão de nossa existência, a fonte de nossa liberdade.

Nós, seres humanos ocidentais e modernos, membros de uma tradição cultural greco-judeo-cristã à qual pertence a ciência moderna, gostamos de explicar e formular perguntas que demandam respostas explicativas. Além do mais, se estamos no ânimo de fazer uma pergunta que demanda uma explicação, somente nos conformaremos quando encontrarmos uma resposta explicativa para nossa pergunta.

Mas, o que é que ocorre numa explicação? O que deve ocorrer para que digamos que um fenômeno dado ou uma situação tenha sido explicada? Se olharmos com atenção o que fazemos em nossa vida diária cada vez que respondemos a uma pergunta com um discurso que é aceito por um ouvinte como uma explicação, podemos notar duas coisas: a) que o que fazemos é propor uma reformulação de uma situação particular de nossa práxis do viver com outros elementos de nossa práxis do viver; e b) que nossa reformulação de nossa práxis do viver é aceita pelo ouvinte como uma reformulação de sua práxis do viver.

Em outras palavras, diariamente a vida nos revela que o observador é quem aceita ou rejeita uma afirmação como uma reformulação de uma situação particular de sua práxis do viver com elementos de outras situações de sua práxis do viver; quem determina se essa afirmação é ou não uma explicação. Fazendo isto, o observador aceita ou rejeita uma reformulação de sua práxis do viver como uma explicação, conforme satisfaça ou não um critério de aceitação implícito ou explícito, que ele ou ela aplica através de sua forma de escutar. Se o critério de aceitação é satisfeito, a reformulação da práxis do viver é aceita e se constitui como uma explicação; a emoção ou o estado de ânimo do

observador muda de dúvida para contentamento, e ele ou ela deixa de se fazer a pergunta.

De fato, uma vez que a condição biológica do observador é aceita, a suposição de que um observador pode fazer qualquer declaração sobre entidades que existem independentemente do que faz, ele ou ela, isto é, num domínio de realidade objetiva, torna-se absurda ou vazia, porque não existe operação do observador que possa satisfazê-la. No caminho da objetividade entre parênteses, a existência é constituída com o que o observador faz, e o observador *traz à mão*⁵⁶ os objetos que ele ou ela distingue com suas operações de distinção, como distinções de distinções na linguagem. Por outro lado, os objetos que o observador *traz à mão*⁵⁷ em sua operação de distinção surgem dotados das propriedades que realizam as coerências operacionais no domínio da práxis do viver nas quais são constituídas.

No caminho da objetividade entre parênteses, o observador constitui existência com suas operações de distinções. Por essas razões, no caminho da objetividade entre parênteses, o observador sabe que ele ou ela não pode usar um objeto - que se assume existir como uma entidade independente - como um argumento para fundamentar sua explicação. Por certo, chamamos este caminho explicativo de caminho da objetividade entre parênteses precisamente por isso, e porque como tal supõe, em troca, reconhecer que é o critério de aceitação que o observador aplica em seu escutar o que determina as

⁵⁶ traz ao existir

⁵⁷ traz ao existir

reformulações da práxis do viver que constituem explicações nele.

Deduz-se de tudo isso: a) que no caminho explicativo da objetividade entre parênteses o observador se vê como o gerador de toda realidade através de suas operações de distinção na práxis do viver; b) que ele ou ela pode *trazer à mão*⁵⁸ tantos diferentes – e igualmente legítimos – domínios de realidade, como diferentes tipos de operações de distinção que ele ou ela realiza em sua práxis do viver; c) que ele ou ela pode usar um ou outro destes diferentes domínios de realidade como um domínio de explicações de acordo com o critério de aceitação para uma reformulação adequada da práxis do viver que ele ou ela usa em seu escutar; e d) que ele ou ela é operacionalmente responsável por todos os domínios de realidade e de explicações que ele ou ela vive em suas explicações da práxis do viver.

Também se deduz que neste caminho explicativo as explicações são constitutivamente não reducionistas e não transcendentais, porque nelas não há busca de uma única explicação última para tudo. Por conseguinte, quando um observador aceita este caminho explicativo, ele ou ela assume que dois observadores que geram duas explicações que se excluem mutuamente, frente a duas situações que para um terceiro observador são a mesma, não estão dando diferentes explicações para a mesma situação, e sim, que os três estão operando em distintos – mas igualmente legítimos – domínios de realidade, e estão explicando diferentes aspectos de suas respectivas práxis de viver. O observador que segue este caminho explicativo se dá conta de que ele ou ela vive num multiverso, isto é, em muitas distintas, igualmente legítimas,

⁵⁸ criar

porém não igualmente desejáveis realidades explicativas, e que nisto um desacordo explicativo é um convite a uma reflexão responsável em coexistência e não, uma negação irresponsável do outro.

Sendo cada domínio de explicações definido pelo critério de validação usado pelo observador para aceitar uma reformulação dada da práxis do viver como uma explicação dela, há tantos domínios de explicações como critérios de aceitação para explicações que um observador pode usar em seu escutar. Ao mesmo tempo, e como resultado disto, cada domínio de explicações constitui um domínio de ações (e de afirmações como ações num domínio de descrições) que um observador considera em suas reflexões como ações legítimas para um domínio particular da práxis do viver porque elas estão respaldadas pelas explicações que ele ou ela aceita neste domínio.

Finalmente, se um observador opera num domínio de explicações ou em outro, depende de sua preferência (emoção ou aceitação) para a premissa básica que constitui o domínio em que ele ou ela opera. Por conseguinte, jogos, ciência, religiões, doutrinas políticas, sistemas filosóficos, ideologias em geral são diferentes domínios de ações (e, portanto, de cognição) de acordo com suas diferentes preferências operacionais.

O critério de validez do explicar científico

Os cientistas em geral, por exemplo, gostam explicar a práxis do viver, e a paixão de explicá-lo é a emoção fundamental que sustenta o que fazemos como tais. Mais, o que é peculiar aos cientistas modernos em geral, e especialmente aos cientistas

naturais modernos em seu modo de fazer ciência, é sua peculiar forma de escutar o que consideram reformulações aceitáveis da práxis do viver e sua séria tentativa de ser sempre consistentes com elas em suas afirmações acerca do que ocorre em seus domínios de experiência.

Como resultado, a ciência moderna é um domínio peculiar de explicações e de afirmações derivadas acerca da práxis do viver que é definida e constituída pelo observador, na aplicação do critério de validação das explicações que o definem. Nós chamamos este critério de validação de explicações o critério de validação das explicações científicas. Por certo, todas as pessoas que aceitam, e consistentemente usam o critério de validação de explicações científicas para a geração de suas explicações, assim como também para a validação de suas afirmações em um domínio particular, são cientistas nesse domínio.

Apresentaremos esse critério de validação e em seguida reflexionaremos a partir do que consideramos significativo de suas consequências para o propósito deste projeto.

Os cientistas naturais modernos aceitam uma proposição dada como uma explicação científica de uma situação particular de nossa práxis do viver como observadores (ou fenômenos a serem explicados), somente se esta descreve um mecanismo que produz esta situação ou fenômeno como consequência de sua operação como uma de quatro condições operacionais que o observador pode satisfazer conjuntamente em sua práxis do viver.

Estas quatro condições são:

- a) A especificação do fenômeno que há de ser explicado como uma característica da práxis do viver do observador através da descrição do que ele ou ela deve fazer para experimentá-lo.
- b) A proposição, na práxis do viver do observador, de um mecanismo que, como consequência de sua operação, produzirá nele ou nela a experiência do fenômeno a explicar.
- c) A dedução a partir do mecanismo proposto em (b) e de todas as coerências operacionais que este supõe na práxis do viver do observador, de outro fenômeno, assim como das operações que o observador deve fazer em sua práxis do viver para experimentá-lo.
- d) A experimentação por parte do observador daqueles fenômenos adicionais deduzidos em (c), na medida em que ele ou ela executa em sua práxis do viver aquelas operações que, de acordo com o que também foram deduzidas em (c) seriam geradas nela quando ele ou ela as realiza.

Quando estas quatro condições tiverem sido satisfeitas na práxis do viver do observador, e só então, o mecanismo proposto como um mecanismo generativo que produz, como uma consequência de seu operar, o fenômeno especificado, converte-se numa explicação científica daquele fenômeno para o observador. Mais, o mecanismo generativo proposto permanece para um observador como uma explicação científica do fenômeno especificado somente enquanto todos os fenômenos deduzidos forem experimentados por ele ou ela, de acordo com as indicações também deduzidas.

Portanto, são cientistas somente aqueles observadores que usam o critério de validação de explicações científicas para a validação de

suas explicações, e eles fazem isto evitando cuidadosamente confundir domínios operacionais. Deste modo, podemos ver que, de fato, o que constitui a ciência como um domínio de explicações e afirmações, surge na práxis dos cientistas através da aplicação do critério de validação de explicações apresentadas anteriormente e não, através da aplicação de um critério de refutabilidade como foi sugerido por Popper.

Já que a ciência surge como um domínio explicativo através da aplicação do critério de validação das explicações científicas, a ciência, como um domínio de explicações e afirmações, é válida somente na comunidade de observadores (daqui em diante chamados observadores-padrão) que acietam e usam para suas explicações esse critério particular. Em outras palavras, a ciência é constitutivamente um domínio de reformulações da práxis do viver com elementos da práxis do viver em uma comunidade de observadores-padrão, e como tal é um domínio consensual de coordenação de ações entre os membros de tal comunidade. Como resultado disto, os cientistas podem substituir-se uns aos outros no processo de gerar uma explicação científica. Ao mesmo tempo, esta intercambiabilidade constitutiva dos cientistas é o que dá início à afirmação de que as explicações científicas devem ser corroboradas por observadores independentes. De fato, quando dois cientistas não podem coincidir em suas afirmações ou explicações, significa que pertencem a distintas comunidades consensuais.

Já que o critério de validação das explicações científicas não requer o pressuposto de um mundo objetivo independente do que o observador faz, as explicações científicas não caracterizam, denotam ou revelam um mundo independente do que o

observador faz. Devido a isto, como um domínio de explicações e afirmações num domínio de coordenações consensuais de ações numa comunidade de observadores-padrão, a ciência ocorre como um sistema de combinações de explicações e afirmações em sua práxis do viver como membros de uma comunidade de observadores-padrão.

Já que não é medição, quantificação nem predição o que constitui a ciência como um domínio de explicações e afirmações, e sim, a aplicação do critério de validação das explicações científicas por um observador-padrão em sua práxis do viver, um observador-padrão pode fazer ciência em qualquer domínio da práxis do viver no qual ele ou ela aplique este critério.

Já que o critério de validação das explicações científicas valida como uma explicação científica um mecanismo que gera o fenômeno a explicar como uma consequência de sua operação, o mecanismo explicativo e o fenômeno que há de ser explicado necessariamente pertencem a domínios fenomênicos diferentes e não interseccionados. Portanto, constitutivamente uma explicação científica não consiste numa redução fenomênica.

As operações que constituem o critério de validação das explicações científicas são as mesmas que usamos na validação operacional da práxis de nossas vidas diárias como seres humanos. Disto se deduz que, num sentido operacional estrito, o que distingue um observador na vida diária de um observador como um cientista é a orientação emocional do cientista para explicar, sua consistência ao usar somente o critério de validação das explicações científicas para o sistema de explicações que ele ou ela gera em seu domínio particular de interesses explicativos, e

seu compromisso de evitar confundir domínios fenomênicos em sua geração de explicações científicas.

Embora a práxis da ciência suponha a aplicação do critério de validação das explicações científicas, a maioria dos cientistas não está consciente das implicações epistemológicas e ontológicas do que fazem, porque para eles ciência é um domínio de práxis e não um domínio de reflexões. Algo similar acontece a muitos filósofos que não entendem o que ocorre na ciência, porque para eles ciência é um domínio de reflexões, e não um domínio de práxis.

Como resultado, ambos comumente seguem uma tendência geral de nossa cultura ocidental, e

- a) aceitam as explicações científicas como proposições reducionistas, na crença implícita de que elas consistem em expressar o fenômeno a explicar em termos mais fundamentais, e
- b) não veem o caráter generativo das explicações científicas, porque eles estão na crença implícita de que a validade das explicações científicas depende de suas referências diretas ou indiretas a uma realidade objetiva independente do que o observador faz.

Finalmente, devido a esta usual cegueira sobre o que constitui uma explicação científica em ciência moderna, ambos, cientistas e filósofos, frequentemente creem que em nossa cultura ser objetivo na práxis da ciência e da filosofia quer dizer que as afirmações ou explicações que fazem são válidas por sua referência a uma realidade independente. Contudo, na prática, para um cientista ser objetivo somente significa abandonar seu desejo de um

resultado particular em sua investigação, para não obscurecer sua impecabilidade como gerador de explicações científicas em termos operacionais que apresentou anteriormente.

O pressuposto implícito ou explícito de que as afirmações científicas se referem a uma realidade objetiva e independente habitualmente leva à crença (e à emoção de certeza que a respalda) de que em princípio é possível encontrar, para qualquer dilema da vida humana, um argumento objetivo (transcendental) que o resolva, e cuja referência ao real o faz constitutivamente inegável e racionalmente válido.

Contudo, existe ao mesmo tempo em nossa cultura ocidental uma dúvida frequente sobre a possibilidade de que a ciência seja de todo capaz de explicar certas características da práxis do viver, como os fenômenos psíquicos e espirituais, precisamente devido à natureza mecânica das explicações científicas e a seu caráter reducionista.

De fato, o caráter mecanicista das explicações científicas especifica que para explicar fenômenos psíquicos e espirituais como fenômenos biológicos, o observador deve propor um mecanismo generativo que se aplique a ele ou a ela como sistema vivente e que dê origem a tal fenômeno como uma consequência de sua operação. Um mecanismo que pudesse gerar fenômenos psíquicos e espirituais como uma consequência de sua operação não negaria seu caráter experiencial peculiar, porque constituiria o domínio fenomênico no qual ocorrem como um domínio fenomênico que não se confunde com o domínio fenomênico no qual ocorrem como um mecanismo generativo.

Einstein disse numa ocasião que as teorias científicas eram livres criações da mente humana. O que dizemos sobre o critério de validação das explicações científicas mostra que isto, de fato, tem que ser assim. Ambos, o fenômeno a explicar e o mecanismo generativo proposto, são propostos pelo observador no fluir de sua práxis do viver, e tal como acontece a ele ou a ela, os vive como experiências que surgem nele ou nela de nenhum lugar. Em seu diário viver, o observador os *traz à mão*⁵⁹ *a priori*, mesmo se depois ele ou ela pode construir justificações racionais para elas.

Einstein também disse que o maravilhoso é que as teorias científicas possam ser usadas para explicar o mundo em circunstâncias que são livres criações humanas. Que isto deveria ser assim é também evidente desde o critério de validação de explicações científicas. De fato, as explicações científicas não explicam um mundo independente, elas explicam as experiências do observador e este é o mundo que ele ou ela vive. O verdadeiro tema é que mundo desejamos viver.

Num mundo em que as pessoas conseguem dar-se conta de seus critérios de validação por meio da reflexão, e optam por pensamentos, palavras e ações em e desde a biologia do amar, surge espontânea a harmonia antrosfera-biosfera e com isso o bem-estar de toda existência.

⁵⁹ traz ao existir

A arte e a dimensão poética do habitar humano

A arte é um domínio cognitivo que surge do prazer da criação a partir da experiência estética, quer dizer, a arte surge do olhar e do ato poético, entendendo por este não a estrutura de poemas e sim, a produção ou geração de mundos desde a evocação de *sentires* da própria experiência.

O olhar poético é o que capta configurações relacionais, operacionais e estruturais olhando as matrizes da existência, vendo o que aparece como estando ali, invisibilizado talvez pela cotidianidade. Assim, todo ato poético consiste em tomar as coerências relacionais, operacionais e estruturais que o observador distingue em sua experiência e que este transporta com sua conduta a outro âmbito, gerando mundos nessa interconexão ao tomar o aparente e o que fica oculto nas aparências e que o evidente faz invisível, transformando-o de maneira que evoque dizendo sem querer dizer, sinalizando sem querer sinalizar, inspirando sem querer inspirar, amando sem querer amar.

Em outras palavras, consiste na abstração de coerências experienciais que são *trazidas à mão*⁶⁰ num certo âmbito de processos sociais, culturais, espirituais, etc., e que se transladam a outro âmbito qualquer, de modo que o que antes estava oculto pelo óbvio da cotidianidade, agora aparece revelado e relevado. Neste sentido, todos os seres humanos enquanto observadores, seres que habitam imersos na linguagem e no conversar, possuímos o olhar poético e realizamos atos poéticos, visto que tal

⁶⁰ geradas

como a reflexão, o olhar e o ato poético surgem com a existência conversacional humana que é *trazida à mão*⁶¹ pelo entrelaçamento dinâmico do *linguajar* e pelo *emocionear*. Todos os seres humanos nascemos com o olhar poético e entrelaçamos distinções de nossas experiências com outras experiências gerando mundos no fazer, no distinguir e no sentir, gerando a arte.

Todos vivemos mundos que literalmente vamos criando com nossas extrapolações poéticas cotidianas próprias da multidimensionalidade de nosso viver, criações inconscientes e conscientes que nos evocam as configurações de *sentires* relacionais que por sua vez nos movem e comovem em torno da matriz de existência que queiramos conservar.

As crianças vão gerando do nada os mundos que vivem ao ficarem imersos na trama relacional materno-infantil que os adultos com os quais convivem tecem espontaneamente com seu conversar. E os adultos nos encontramos permanentemente modulando os mundos de outros adultos que encontramos em nosso caminho ao andar juntos, seja para co-inspirar, seja para dissipar. Neste sentido é preciso repisar que o olhar e o ato poético são também *potências demoníacas*, quer dizer não são intrinsecamente desejáveis ou geradores de bem-estar, depende da rede fechada de conversações em que se abriga a criação artística que espontaneamente *trazemos à mão*⁶². assim é que tem havido arte de dominação, de genocídio e de latrocínio, assim como de espiritualidade, de democracia e de liberação. E não me refiro a criações artísticas que exaltam um ou outro âmbito de processos, mas à concretude de *fazer*es que os realizam e

⁶¹ produzida

⁶² produzimos

conservam, como por exemplo todas as invenções da Inquisição e todas as invenções da Cruz Vermelha. O poetizar é neutro, depende de nós que seja vivido e convivido seja para gerar *habitares* que contribuam para conservar a convivência social, ou *habitares* que contribuam para destruí-la convidando a todo tipo de alheamentos de negação entre pessoas.

Como já foi dito por Humberto Maturana⁶³, a própria ciência tem um aspecto poético; concretamente nos dois primeiros critérios de validação das explicações científicas podemos apreciar claramente sua natureza fundamentalmente poética: 1) a arbitrária escolha de um fenômeno a explicar, e 2) o mecanismo generativo que se propõe para explicá-lo. E de fato, se não fosse pelos outros dois critérios de validade que são de tipo “engenheiral”, tais proposições explicativas não passariam do meramente poético.

A natureza artística poética, pois, é constitutiva do habitar humano, e constatamos isto olhando os meninos e meninas que, a menos que tenham sido de algum modo negados em relação a isso, sempre têm uma relação com a criação artística desde um *olhar poético unitário* que entretece o visual e o sonoro, a plástica, o escritural e a performance, sem estabelecer divisões rígidas entre pintar, esculpir, fazer música, teatro ou literatura.

Subjazendo a esta dinâmica, aparece um fundamento sustentador do poetizar que é ainda mais primário do que o olhar e o ato poético, dado que tem a ver com nossa constituição biológica no

⁶³ Maturana, H. R.: *Biology of the Aesthetic Experience*. En: *Zuchen (theorie) und praxis*. Wissenschaftsverlag Rothe, Passau. 1993.

emocional, prévio à linguagem tanto no ontogênico como no filogênico; referimo-nos ao brincar, a espontânea e profunda orientação lúdica do humano. Mas ao falar do brincar e da orientação lúdica, não nos referimos ao ato de realizar jogos, e sim, à disposição corporal e psíquica de orientar-se exclusivamente para a realização do fazer que se faz no presente no tempo zero, seja o que for, e sem prestar atenção ao resultado, quer dizer, encontrando-se no prazer de realizar o que se faz pelo mero prazer de realizá-lo. Orientação desde a qual se pode, por exemplo, realizar o próprio trabalho. Se alguém desfruta seu trabalho e apesar de que sabe que este tem que ter certas consequências e resultados está orientado para o presente em tempo zero da realização dele, cuidando prazenteiramente de sua composição num fluir harmonioso, esse está na emoção do brincar.

A criação artística é, assim, alimentada continuamente pelo prazer do brincar ao se viver na espontânea conservação de um fluxo estacionário de *sentires* que evocam o gosto pelo poetizar (olhar e fazer). Configuração de *sentires* que não tem por que ser exuberante, pode muito bem ser sóbria e sutil, dependendo da história convivial de cada um. De fato, como sabe todo artista, e mesmo toda pessoa, quando alguém está frente a uma obra artística de qualquer gênero, que lhe parece bela, evoca o desejo de poetizar, de criar algo mesmo que seja em qualquer outro domínio alheio ao gênero da obra experienciada. A distinção do ato criativo inspira em nós o desejo de criar. Neste sentido, embora se venha resgatando desde há algum tempo⁶⁴ o aspecto

⁶⁴ O professor Carlos A. Jimenez, estudioso colombiano do tema lúdico em aprendizagem, bem como em terapias alternativas, aponta uma tendência a ir além do olhar funcional, como diz: “A Lúdica não é um estado, é toda a existência humana”. Entre seus múltiplos livros destacamos: *A Inteligência Lúdica*: Cooperativa Editorial Magisterio. Colombia.2005 e *Ludoterapias*: Cooperativa Editorial Magisterio. Colombia.2007. Também destacamos o trabalho concreto que vem realizando há 14 anos El Movimiento Lúdico, colectivo artístico jugando a poetizar la vida cotidiana. Ver

central do brincar no que **toca** o desenvolvimento psíquico dos meninos e meninas, queremos enfatizar aqui que esse olhar teórico enfatiza em geral a questão funcional do brincar, que é sempre um comentário *a posteriori* que o observador faz, e que de fato pode distorcer a relação lúdica criança-adulto se se convida a brincar desde aí e não, desde a consciência da natureza espontaneamente brincalhona do humano. De fato, nós seres humanos gostamos de brincar, de um jeito ou de outro, até o dia em que morremos; brincamos como adultos e como anciãos, e quando não há dimensões de jogo em nosso viver este se nos afigura como duro, pesado e sem sentido. O brincar é um traço neotênico do habitar psíquico humano. Um traço de conservação das características da *linhagem amans* da infância.

Caberia aqui falar de mais um outro elemento fundamental que se **entrelaça** com tudo o que foi dito antes: a experiência estética. As experiências são distinções que um observador faz de seu viver como traços de seu viver, e ocorrem por isso no fluir do conversar dentro de uma cultura particular; assim, experiências diferentes correspondem a diferentes acontecimentos no viver e as vivemos de maneiras particularmente diferentes. E o que habitualmente se denota no viver cotidiano ao nos referirmos às experiências estéticas, é um traço de nosso viver numa forma de bem-estar que se origina quando achamos que somos coerentes ou terminamos em coerência com um aspecto particular de nosso âmbito de existência na matriz que habitamos e que surge com nosso viver. Em outras palavras, uma experiência estética ocorre como um comentário reflexivo ou distinção que fazemos sobre nosso próprio viver ao nos vermos fluindo na harmonia de nosso

também o libro de Humberto Maturana e Verden Zöller: *De Amor y Juego: Fundamentos Olvidados de lo Humano*: Edición 2003, JCSEAEZ Editor (NT: este livro foi publicado em Português pela Palas Athena, sob o título *Amar e Brincar - Fundamentos esquecidos do humano*. :São Paulo, Palas Athena:2004)

viver na matriz que habitamos, distinção associada à configuração de *sentires* própria de um sentimento de plena conectividade nessa matriz, num fluxo de *viveres* e *conviveres* sem contradições emocionais que convida a um momento de repouso.

O bem-estar natural próprio do habitar *Homo sapiens amans* surge do viver na harmonia relacional entre o ser vivo e o meio, e o bem-estar próprio da experiência estética evoca este bem-estar natural. E, como sabemos, o bem-estar natural pode perder-se em algumas das muitas dimensões do viver e conviver humano, seja de maneira transitória ou permanente (fazendo a vida impossível com essa permanência), com o que e enquanto isto ocorre a experiência estética se perde nessas dimensões do habitar no qual se perde a harmonia do viver e do conviver. Desejos e emoções incompatíveis destroem a coerência do fluxo do viver e do conviver, gerando com isso a experiência da fealdade.

Mencionamos anteriormente a natureza do olhar poético, que é o que revela as coerências de existência mediante a faculdade de captá-las compreensivamente, mesmo quando o observador não pode descrevê-las. E o bem-estar natural ocorre na medida em que fluímos vivendo no olhar poético, e sofre interferência quando na coincidência de emoções incompatíveis *trazemos à mão*⁶⁵ em nosso habitar âmbitos de ações contraditórios. Ao ocorrer isso, nosso habitar perde sua coerência estética e se torna fragmentado como um mosaico, e não fluido na interconectividade sistêmica-sistêmica própria de uma matriz, gerando, realizando e conservando dinâmicas de dor e sofrimento como dinâmicas recorrentes de perda das coerências estéticas, as quais são vividas no sentir do observador como uma perda do sentido íntimo do viver.

⁶⁵ fazemos surgir

Por fim, podemos ampliar o que foi dito considerando a experiência mística, que também pertence à multidimensionalidade experiencial do viver e conviver humano desde onde se conserva o bem-estar natural. A experiência mística, como se disse antes, é descrita por um observador como a experiência de ampliação da consciência de pertença à matriz de existência de que se forma parte, e por conseguinte se dão experiências místicas em âmbitos muito distintos que excedem o religioso, tanto na amizade, no casal, em relação à cidadania, etc. E pelo que foi dito antes a respeito da experiência estética, podemos ver que esta e a experiência mística são inextricáveis, acontecem entrelaçadas, e que somente no dizer do observador se pode *trazê-las à mão*⁶⁶ como distintas. A experiência mística é fundamental na criação artística de muitas maneiras; de fato, na história humana as primeiras manifestações do que hoje chamaríamos arte surgem unitariamente constituídas com as manifestações místicas e espirituais. Ancestralmente a arte era parte do rito e do mito, e estes por sua vez eram parte do viver cotidiano, âmbitos nos quais se cultivavam sensibilidades e aptidões concretas para habitar a matriz cultural de cada comunidade. Hoje em dia, numa cultura planetária em que para muitos o divino já não faz parte de seu viver e conviver, a arte tem constituído faz mais de duzentos anos uma maneira de conservar o acercamento àqueles âmbitos inefáveis do habitar humano que tradicionalmente as religiões e os caminhos místicos tutelavam, assim como o acercamento a modos de sensibilizar respeito à gozosa compreensão da multidimensionalidade da natureza humana que a arte sabe inspirar.

⁶⁶ fazê-las existir

Com tudo o que foi dito aqui, queremos convidar a ampliar nossa consciência com relação à enorme presença sistêmica-sistêmica que tem a criação poética na constituição da matriz biológico-cultural do habitar humano, e queremos convidar cada um a descobrir e constatar desde si mesmo esta natureza poetizante em seu próprio viver e conviver, como uma questão de fato fundamental para a realização e conservação do bem-estar próprio de um habitar co-inspiradoramente reflexivo no respeito mútuo da convivência democrática. E ao mesmo tempo convidamos a tomar consciência desde aí da centralidade do cultivo cultural intencional da práxis poética artística na educação das crianças e na cotidianidade dos adultos. Assim como também a tomar consciência do precioso dom que os artistas, dedicando sua vida a isso, resguardam quais guardiães para o resto da humanidade, o imaginário coletivo, que geram, realizam e conservam, não só inventando, mas também memorizando, e especialmente escutando e registrando o viver e conviver do resto de suas irmãs e irmãos, onde habita a experiência humana. Aquela e aquele que quer viver o caminho do poeta, do artista, é alguém que cultiva um viver e conviver que põe no centro enfaticamente o ato e o olhar poético. O caminho de transformação em torno do “saber-como” da arte e da ciência do poetizar pelo mero gosto de *curiosear* e compartilhar.

A modo de colofão, escutemos o que nos está dizendo Humberto Maturana: “ Às vezes a mudança de mundo que o ato poético evoca consiste em conservar algo que se havia desvanecido num esquecimento indesejado. Viver a vida cotidiana na beleza e harmonia de um viver que faz sentido no meio de um mundo que parece duro, alheio e feio é um ato poético. Como crianças criamos nosso mundo do nada. Como adultos modulamos os mundos de outros. O que nos ocorre é que frequentemente não sabemos que somos poetas, seres que transformam o mundo só em

pensá-lo e nos esquecemos da beleza, do amar, do outro que nos acolhe, da outra que nos ilumina e nos submergimos no ocultamento da beleza, da amizade, do amor, crendo que devemos lutar e não colaborar, competir e não criar entre todos um mundo desejável como o ato poético mais fundamental.

Sim!, todos somos poetas. Aproveitemos este curioso remanso que este convite abre no fluir obscuro do desencanto, da apatia, do cansaço.

Sim!, todos somos poetas. Façamos visível a beleza amorosa que nos constitui como seres humanos". ⁶⁷

O sonho dos mais visionários poetas sempre foi o de uma Era em que todos seriam poetas. O que eles não sabiam é que essa Era sempre se conservou nas profundezas biológico-culturais de nosso viver e conviver desde sua origem evolutivamente milenária.

A modo de conclusão

Tendo isso em conta, é possível propor alguns critérios de validade básicos a levar em conta no desenho de uma matriz ética de transformação cultural que se revele orientada para o bem-estar reconhecendo nossa existência atual num habitar na cultura patriarcal-matriarcal:

- a) A pobreza não é um estado ou uma condição econômica material, social ou política, é uma dinâmica de fluxo na

⁶⁷ Extraído do *paper* "El acto poético es un acto transformador del mundo" para o festival de poesia chileno: Poesia a 100%.

qual se extrai do habitar em que se dá o viver de uma pessoa, família ou comunidade, meios de subsistência com mais velocidade do que aquela com que este os repõe. Como todo habitar, é multidimensional com dimensões materiais, espirituais, estéticas, intelectuais e de dignidade. A dinâmica relacional de fluxo que constitui a pobreza é também multidimensional e não se dissolverá, a menos que as distintas ações locais que se iniciem sejam empreendidas como partes da conectividade sistêmica-sistêmica da multidimensionalidade relacional em que a dinâmica de fluxo de pobreza ocorre.

- b) O dano e contaminação ambiental também ocorre como dinâmicas de fluxo nas quais ou se modifica o entorno de existência de um habitar com mais velocidade do que aquela com que este se repõe espontaneamente.
- c) A consciência destes processos também ocorre como uma dinâmica de fluxo quando se esquecem a compreensão sistêmica-sistêmica do habitar humano e o sentir fundamental do compromisso ético ao crer que o que se busca é um ganho e não uma dinâmica estacionária que se conserva somente no contínuo fluxo de ações e de entendimento intencional desde o querer a conservação desse compromisso ético.
- d) Não existe, então, só uma solução para o problema da superação da pobreza e a restauração do equilíbrio meioambiental. A multifatorialidade e multidimensionalidade das manifestações da pobreza e a deterioração dos ecossistemas que formam a biosfera pede que se ponham em prática estratégias ou dinâmicas de fluxo estacionário diversas e complementares. Igualmente, a pobreza constitui mundos heterogêneos em que é possível achar diversos arquétipos sociais, tradições, visões de

mundo, estruturas de valores, entre outros. Em consequência, dissolver a pobreza no educar para a sustentabilidade pede a plasticidade e congruência dos programas que venham a se implementar.

- e) Nos mundos da pobreza se experimentam frequentemente a insatisfação/irrealização constante de algumas necessidades e a persistência de riscos e sinistros que impedem a promoção social e a sustentabilidade ambiental. Mas também é um cenário onde existem, se assim se deseja, recursos, estratégias de satisfação de necessidades, práticas implícitas de proteção, respeito e valorização dos ecossistemas. Tudo isso deve ser adequadamente reconhecido e resgatado, posto que constitui o “pisso” de qualquer ação ética que tenha por finalidade a dissolução “sustentável” da pobreza.
- f) Nenhum ator, público ou privado, por si mesmo vai resolver o problema da pobreza e o desequilíbrio da biosfera de modo sustentável no tempo. A multidimensionalidade e integralidade das soluções obriga os atores envolvidos a desenvolverem um fluxo de ações coordenado e complementar que permita abordar sinergicamente, caso a caso, as diversas conectividades entre a pobreza e a sustentabilidade.
- g) Como dinâmica de fluxos sistêmica-sistêmica, a dissolução da pobreza é um processo transgeracional que envolve um enfoque de harmonia antroposfera-biosfera que se conserva numa linhagem *homo sapiens-amans ethicus*. A intervenção na relação pobreza-biosfera quer ocorrer num fluxo constante e sistemático. Em geral, a pobreza e os desequilíbrios ecológicos têm sido fruto de uma acumulação de práticas aberrantes, desvantagens e iniquidades que só costumam ser resolvidas em largos

períodos de tempo, revelando sua íntima relação com os modos de viver que subjazem aos desejos, preferências e emoções dos que os realizam.

- h) A dissolução harmoniosa na relação antroposfera-biosfera da dinâmica de fluxos que redundando na pobreza passa também pela participação ativa e progressiva das pessoas adultas em sua relação com suas famílias, comunidades humanas e de seres vivos que afetam ou são afetados por esta situação nas decisões que lhes dizem respeito. Assim como não há viabilidade de uma gestão de co-inspiração e colaboração nas comunidades humanas sem a participação ativa de todas as partes envolvidas (*stakeholders*), do mesmo modo, não existe viabilidade de uma relação sustentável com a biosfera sem a participação de todas as pessoas responsáveis.
- i) Também é importante estar conscientes de que uma intervenção em pobreza pode resultar em externalidades negativas que é importante visibilizar, acolher e mitigar, inclusive aquelas que se travestem com base em noções e critérios de sustentabilidade. Isso porque como mencionamos as intervenções sociais habitualmente tendem a centrar-se em seus produtos e ganhos esperados, sem atender às dinâmicas de fluxo que as constituem. Nesta direção, é fundamental que os processos educativos em situação de pobreza abordem e desenvolvem práticas de reflexividade sobre os *habitaes* humanos e sobre suas consequências para a geração, realização e conservação de dinâmicas de fluxo estacionárias das ações à mão adequadas à conservação da harmonia antroposfera-biosfera no bem-estar.
- j) No Instituto Matriztico sustentamos que é importante, para poder ver as dinâmicas de fluxo que constituem os distintos

fenômenos ou âmbitos que nos ocupam nesta proposta, mover-se na compreensão da arquitetura dinâmica contínua cambiante de nosso viver num não-tempo ou tempo zero, para examinar, ver e entender as operações atuais dos sistemas em geral sem introduzir ou usar noções ou argumentos semânticos para explicar o que ocorre neles e com eles em seu existir no fluxo de um presente contínuo cambiante.

MATRIZ DE ATIVIDADES ADEQUADAS À MÃO

“Transformando Comunidades através do Autorrespeito”

Fazem parte inicialmente desta proposta as seguintes linhas de ação adequadas à mão:

1. *Entendendo as dinâmicas de fluxos de exemplos sistêmicos-sistêmicos existentes de mudanças profundas...*

Reflexionávamos que junto com as dificuldades que experimentamos, existem também muitos *milagres* que estão acontecendo hoje no mundo: “Estamos vivendo em meio a imensas correntes culturais que se cruzam. Isso fica oculto atrás das redes de conversações atuais de nossa cultura e dos meios de comunicação, e é como se estivéssemos mais imersos em catástrofes, enquanto que o outro passa despercebido”⁶⁸. Neste espírito, Peter Senge propôs reunir-se com um pequeno grupo de pessoas de lugares diferentes, onde estão ocorrendo mudanças muito profundas na direção de habilitar a geração, realização e conservação de uma linhagem *Homo sapiens-amans ethicus*.

Nos EE.UU., por exemplo, aparece a redução dramática de homicídios em Cincinnati, por exemplo. Víctor García, o médico pediatra que catalizou a transformação desta última comunidade seria um dos que participam.

Também Molly Baldwin de Roca, da organização de liderança de jovens na área de Boston (formada por muitos ex-pandilhistas)

⁶⁸ Peter Senge, Op. Cit .

que andaram criando comunidades transformadoras através de “círculos de conservação de paz” por 20 anos.

O MIT também poderia participar, dados os seus estudos de casos de inovações pioneiras em criar cadeias de valores (entrelaçamento de distribuidores e vendedores de produtos) saudáveis. Neste caso, as comunidades transformadoras não são locais, mas podem estender-se através de grandes distâncias nas cadeias de distribuição que interligam produtores, atacadistas, vendedores e clientes nas estruturas e que dão formalidade a boa parte de nossa economia global. Aqui também encontramos exemplos de pessoas encontrando-se umas com outras como seres humanos que coletivamente podem formatar redes econômicas de maneira diferente quando há um compromisso com uma transparência completa (no tocante a para onde vai o dinheiro); também há comunidades produtivas sadias (como comunidades agrícolas) e consumo ético (clientes que se dão conta de que estão cuidando do bem-estar de todos numa cadeia de valor). Alguns destes projetos estão na Guatemala, e Rodolfo Paiz Andrade poderia ser um dos participantes.

Nestes domínios, há histórias magníficas, que talvez poderiam ajudar-nos todos a entender mais profundamente como funciona a biologia-cultural na prática e ver como este entendimento pode estender-se de forma natural a muitos mais lugares.

Rodrigo Jordán (Vertical) propôs também a partir de sua experiência a incorporação de projetos do Chile que cuidam do mesmo fenômeno.

Luis David Grajeda, de Guatemala, também pode articular na América Central espaços de co-inspiração e colaboração que apontam nessa direção.

2. *Mentoring Reflexivo para acompanhar reflexivamente seu processo de entendimento biológico-cultural...*

Dois grupos:

- i) O primeiro certamente é o grupo de pessoas comprometidas com a realização da proposta Ethical Matrix.
- ii) O segundo grupo seria constituído de praticantes (consultores) avançados, que já trabalham na reflexão sobre seu trabalho, e que desejariam a oportunidade de regularmente fazer perguntas sobre as situações desafiantes que estão vivendo em seu trabalho. Isto se pode fazer mediante convite a pessoas com bastante experiência em iniciativas de mudanças, como *managers* ou assessores, e muito abertos para ver o funcionamento de seus próprios pressupostos e hábitos em seus projetos de mudança.

Estes processos deveriam incluir pelo menos um momento presencial-grupal por ano (círculos reflexivos) com um acompanhamento *on line* que favoreça o registro das conversações. Isso porque as conversações registradas podem depois ser analisadas por temas e dilemas recorrentes, assim como pelas lutas ou confusões subjacentes, que possam iluminar os desafios deste tipo de práticas em outros domínios.

3. *Projeto de Investigação-ação Organizações Felizes...*

Este importante e fundamental projeto pode desenvolver-se com a co-inspiração e colaboração de Peter Senge e Joe Hsueh (MIT) sobre organizações que geram bem-estar, por um lado,

e, por outro lado, com o Projeto de Colaboração Organizacional que o Instituto Matriztico desenvolve com Mutual de Seguridad em Santiago do Chile, e que pode servir de plataforma reflexiva e de ação para este projeto, porque reúne todas as condições para isso.

Por Mutual de Seguridad participariam Jorge Schwerter, Jaime Peirano, Alejandro Morales, José Manuel Saavedra e Cristián Moraga, entre outros.

4. Novos Projetos Comuns de Fransformação Cultural...

Provavelmente existem aqui muitas, muitas oportunidades e teremos de buscar alguma na qual a oportunidade de colaboração traria especialmente grandes frutos.

- 1) A Sociedade de Aprendizagem Organizacional – SOL (*Society for Organizational Learning*) está começando a trabalhar com a Fundação da Qualidade de Gestão no Brasil para integrar *systems thinking* e sustentabilidade no Prêmio Nacional Brasileiro de Qualidade. Por um lado, estes Prêmios de Qualidade podem ser muito mecanizados e superficiais, também apresentam a oportunidade de contatar organizações que estão preparadas para um trabalho mais sério. Neste grupo também se encontra Rodrigo da Rocha Loures (FIEPR) e também faz parte dele pela SOL Nick Zenuick.
- 2) Pprojeto das Filipinas: Miguel Maliksi oferece, através de uma pessoa com notável responsabilidade de gestão numa importante empresa farmacêutica do leste da Ásia estabelecida nas Filipinas, a possibilidade de podermos

avancar na geração de espaços de co-inspiração e de colaboração, que poderiam ter uma etapa inicial gerando um processo como Círculos Reflexivos de três dias para 20-30 pessoas com responsabilidade de gestão. Esta atividade poderia ser feita nas Filipinas ou nos Estados Unidos. A idéia é avançar na possibilidade de chegar às Filipinas eventualmente com uma base sólida de reflexão-ação, encarregando-nos dos desejos de frente de onda de bem-estar que Miguel deseja para as pessoas de seu país.

- 3) Projeto Universidade de Halmstad. Este projeto está sendo gerido por Christopher Kindblad na Suécia e se acha bastante avançado. Uma descrição completa dele está apresentada neste documento como Anexo.
- 4) Projeto Empresas Públicas da EPM da Colômbia: Através da coordenação com Gloria Cano explorar a abertura de um projeto de colaboração organizacional começando com os quadros dirigentes da EPM. A EPM é uma importante empresa com serviços em diversas áreas-chave: águas, energia, transporte, comunicações, entre outros.

5. *Encontros futuros para criar comunidades reflexivas grandes*

...

Estes encontros sempre são importantes. Na rede da SOL normalmente envolvem de 500 a 1000 pessoas. Na opinião de Peter Senge⁶⁹ “é nesse tipo de encontros que o modo de *world café* criado por Juanita Brown tem-se mostrado muito útil, tanto para transpor fronteiras culturais diversas como para criar um sentido extraordinário de conversação e conexão num

⁶⁹ Op. cit.

encontro grande”. É possível pensar onde e como. Uma idéia é a de Rodrigo da Rocha Loures (FIEPR, Brasil) de fazer um encontro Global Forum no Chile, convidando desde a biologia-cultural. Outra idéia é a de Rodrigo Jordán e Ana Maria Bravo (Vertical) de fazer um Seminário de três a quatro dias para presidentes e/ou executivos de RRHH de organizações do Chile.

6. *Projetos de Sustentabilidade Urgente*

Em seu livro *A Revolução Necessária*, Peter Senge nos convida a ver a mudança climática como um presente para a humanidade. Diz que agora temos um potencial *relógio de tempo consensual* que nos diga quanto tempo temos para que deva começar de verdade a transformação numa escala que altere nosso modo de viver. Ali, Peter nos informa que Rajendra Pachauri que está à frente da IPCC (a Comissão intergovernamental da mudança climática) diz que temos até o ano 2012. Também nos informa que James Hansen, o membro mais reconhecido da IPCC, diz que temos ainda menos tempo até a possibilidade de as mudanças climáticas serem cada vez mais difíceis de evitar. Rodrigo Jordán nos diz que a dúvida agora é por que as geleiras na Groenlândia estão se derretendo mais rápido que o esperado.

A idéia aqui é gerar um encontro/processo reflexivo que ocupe este espaço com força podendo se organizar nos Estados Unidos, no Brasil ou no Chile, e que nele se articulem ações sistêmicas-sistêmicas nesta direção.

Conta-se com o apoio fundamental da experiência de Rodrigo Jordán e Ana María Bravo de Vertical, no Chile, e com os

contatos e experiência de pessoas como Peter Senge, Riane Eisler, entre outros.

7. Espiritualidade e Comunidades Humanas....

Dennis Sandow, Peter Sente e Ximena Dávila têm pensado em coordenar uma possível viagem à China em princípios de 2009. Seria uma bela oportunidade para que Peter introduzisse o mestre Nan Huai Chin, que tem sido um importante mentor dele nos últimos 10 ou mais anos.

Nesta proposta desejamos explorar a dimensão espiritual dos processos que nos ocupam, dada nossa natureza como seres vivos e como seres humanos. São várias as pessoas que defendem o advento de uma nova era espiritual emergindo da integração do espiritual e da ciência ocidental com ênfase numa nova ciência do vivo e de uma nova ciência do conhecimento. Surge aqui a oportunidade, se o desejarmos, de explorar o profundo entendimento do humano de tradições orientais, tradições nativas ancestrais e de nossas tradições ocidentais. E isto só se pode fazer desde um pensar sistêmico- sistêmico (epistemologia unitária) que nos convida a compreender tais derivas para além do reducionismo, do materialismo e das noções não reflexivas da ciência.

Bradford Keeney, um destacado pensador do âmbito da terapia e da cibernética aceitou participar também deste projeto. Brad tem viajado por diversos países do mundo no encontro com pessoas adultas que fazem o papel de curadoras em suas respectivas tradições espirituais e podem co-inspirar e colaborar na

visualização de um caminho reflexivo e de ação adequado neste âmbito. Seu trabalho mais recente tem relação com comunidades de Bosquímanos na África.

8. *Projeto Educação...*

Neste âmbito, decisivo desde nossa perspectiva, temos data de entrega de nosso projeto de um Colégio Matríztico (anexado a este documento) a Margarita Bosch no Brasil e a Sayra Pinto nos Estdos Unidos. Ambas estão explorando as possibiliddes de realização em suas respectivas comunidades ou redes de ação educativa. Certamente, neste âmbito a colaboração de todas as pessoas que convidam ou podem ser convidadas – dada sua experiência neste âmbito – será um aporte fundamental de como avançar neste projeto.

Também cabe aqui o convite de Oscar Arias, Reitor da Universidade de la Salle, em Costa Rica, que deseja apoiar a gestão de uma nova forma de gerar conhecimento a partir das comunidades locais (uma Universidade Maya, por exemplo).

Tamara Woodbury, das Scouts Girls, deseja abrir um processo de transformação do estilo patriarcal de administração da Organização Girl Scouts, que também poderia ser considerado neste âmbito.

Alle Murray Allen deseja ver a possibilidade de abrir um processo de Certificação em Biologia-Cultural através da Willamette University.

Tania Muñoz e “Iniciativa da la Niñez Andina” também participa deste âmbito através de um belo e profundo projeto de investigação-ação com crianças indígenas do norte e do sul do Chile. Neste projeto a arte é o veículo de brincadeira e educação reflexiva das comunidades da mesma forma que o era para suas comunidades ancestrais.

Ana Maria Estrada y Colegiatura de Colombia desejam participar deste âmbito da geração de uma educação reflexiva no contexto de um projeto chamado “Podemos Viver Juntos”.

9. *Projeto de Co-inspiração e Colaboração Econômica...*

Trata-se de ver e compreender os fenômenos econômicos desde uma visão diferente, sem deixar de atender às dinâmicas de fluxo sistêmicas-sistêmicas que os geram. E isso, claro está, reconhecendo que são processos que surgem do nosso próprio suceder como seres vivos no habitar o mundo que vivemos.

Seria possível falar de bio-economia, de economia circular ou de economia do cuidado, como já se tem dito, e em cada caso o que se está enfatizando é um olhar que reconhece o desejo de uma harmonia antropológica-biosfera no bem-estar para todas as partes.

Riane Eisler foi convidada para se incorporar a este projeto desde seu trabalho recente que tem para nós um caráter tremendamente inspirador e harmonioso com as propostas que temos estado conversando. A forma que este projeto terá será uma das tarefas

da reunião de trabalho em Santiago de Chile que poderia realizar-se em janeiro de 2009.

10. North American Matriztic Institute (NAMI)

Fundamental em todos e cada um destes espaços de reflexão-ação são Dennis Sandow e Gabriel Acosta-Mikulasek, que geraram a possibilidade de instalar o Instituto Matriztico nos Estados Unidos, ampliando a possibilidade de concretizar algumas dessas propostas ou de gerar outras diferentes para realizar desde aí as franges de onda de co-inspiração e colaboração desde a biologia-cultural neste trânsito cultural rumo a uma era pós-pós-moderna.

No mês de novembro de 2008, se começou a estruturar nos Estados Unidos a arquitetura dinâmica do habitar do Instituto Matriztico ali, num processo que será coordenado por Cristóval Gaggero como Diretor Responsável.

JORNADA REFLEXIVA DE TRABALHO

No início do ano 2009, provavelmente em abril ou junho, seria realizada em Santiago de Chile uma Jornada de Trabalho de três dias para avançar nas reflexões e consensos fundamentais deste projeto, assim como nas diferentes linhas de ação ou projetos concretos a realizar. Do mesmo modo, se decidirão as responsabilidades pessoais e organizacionais que cuidarão das diversas etapas e âmbitos de ação no mesmo.

Cabe mencionar, por fim, os desejos de participar e integrar-se em alguns dos âmbitos projetados, de pessoas adultas como Rajiv Meta, Robert Hanig, Luis Flores, entre muitas outras que manifestaram a intenção de apoiar este projeto desde seus *fazeres* atuais de diferentes maneiras.